



MARÍA PILAR QUERALT DEL HIERRO

RAINHAS *na sombra*

AMANTES E CORTESÃS QUE MUDARAM A HISTÓRIA

 **Versal** Editores



MARÍA PILAR QUERALT DEL HIERRO

TRADUZIDO POR S. DUARTE

RAINHAS *na sombra*

AMANTES E CORTESÃS QUE
MUDARAM A HISTÓRIA

1ª EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO, 2015

 **Versal** Editores

copyright © María Pilar Queralt del Hierro, 2014

Coordenação editorial: JOSÉ ENRIQUE BARREIRO

Produção editorial: FERNANDA COSENZA

Tradução: SERGIO DUARTE

Revisão: GABRIEL GALEFFI

Diagramação: JOSÉ JORGE CUNHA

Capa e projeto gráfico: FOLIO DESIGN

[2015] Todos os direitos desta edição reservados à Versal Editores Ltda.

Rua Jardim Botânico, 674 – sala 315

22461-000 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: +55 21 2239-4023

versaleditores.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H539r

Hierro, María Pilar Queralt del, 1954-

Rainhas na sombra : amantes e cortesãs que mudaram a história / María Pilar Queralt del Hierro ; tradução Sergio Duarte. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Versal, 2015.
192 p. ; 23 cm.

Tradução de: Reinas en la sombra : amantes y cortesanas que cambiaron la historia
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-89309-65-3

1. Mulheres - Biografia. 2. Mulheres - História. I. Título.

15-21557

CDD: 920.72
CDU: 929-055.2

02/04/2015 07/04/2015

Não há melhor tempero para o amor do que o amor clandestino.

FRANCISCO DE ROJAS ZORRILLA, (1607-1648)

*Onde houver casamento sem amor,
haverá amor sem casamento.*

BENJAMIN FRANKLIN (1706-1790)

*O nome que te ofertei
Já não o tens, companheira:
Véu e flor de laranjeira
Veste aquela a quem o dei.*

RAFAEL DE LEÓN (1908-1982)

Introdução |

I. Leonor de Guzmán, a “Rainha” de Castela |

II. Leonor Teles de Meneses, a dama maldade Portugal |

III. Agnès Sorel, Dame de Beauté |

IV. Germaine de Foix, a paixão proibida do imperador |

V. Verônica Franco, a “cortesã honesta” |

VI. Diana de Poitiers, o encanto da maturidade |

VII. Ana Bolena, a lenda do rei Barba Azul |

VIII. Isabel de Osório, o pecado do rei prudente |

IX. Madame de Montespan, a rainha dos venenos |

X. Madame de Pompadour, a mulher de porcelana |

XI. Madame du Barry, a última favorita |

XII. Dorothea Jordan, o amor impossível de Guilherme IV da Inglaterra |

XIII. Maria Walewska, a amante polonesa de Napoleão |

XIV. A marquesa de Santos: “Titila, a bela” |

XV. Lola Montez, a perdição do rei da Baviera |

XVI. Elena Sanz, a paixão secreta de Afonso XII |

XVII. Katia Dolgorukov, o amor do Czar |

XVIII. Katharina Schratt, a boa amiga do imperador da Áustria |

XIX. Madame Lupescu |

XX. Camilla Parker, o amor vetado do Príncipe de Gales |

Bibliografia 2|

INTRODUÇÃO

A história mostra que a maioria dos casamentos reais têm sido resultado de interesses políticos. De fato, o matrimônio baseado no amor, em qualquer classe social, só passou a ser comum a partir do século XIX, devido à cultura romântica, que exaltava os sentidos e aplaudia as paixões. Essa mentalidade surgiu durante o século XVIII, quando começaram a ganhar força os argumentos que consideravam a mulher como um indivíduo com plenos direitos e não como propriedade do pai, dos irmãos ou do marido. Assim, mulheres como Mary Wollstonecraft (1759-1797) ou Olympe de Gouges (1748-1793), pioneiras do feminismo, reclamaram a liberdade de se casar, mesmo contra os interesses familiares, como uma das reivindicações mais urgentes do sexo feminino. Na verdade, até então, tanto para as famílias da alta nobreza quanto para as da burguesia e também das classes populares, as mulheres não eram senão simples moedas de troca que, por meio de um matrimônio conveniente, serviam para obter novos títulos, ampliar as posses ou melhorar a economia familiar.

Evidentemente, quando esses costumes se aplicavam às monarquias, as primogênitais reais e as demais princesas passavam a constituir o sinete que selava um pacto com objetivos estratégicos ou políticos. A união dos sangues tornava impensável a possibilidade de novas confrontações entre as respectivas coroas, e os próprios interessados aceitavam de bom grado tais casamentos, convencidos de que contraí-los era um dever. Possivelmente por isso, as relações extraconjugais dos monarcas sempre foram vistas com certa indulgência. Esse não era o caso das rainhas consortes, porque suas escapadas podiam acarretar a ascensão de um bastardo ao trono, motivo pelo qual quando havia um *chevalier servant*, como impunha a moda na Versalhes de

Maria Antonieta, supunha-se que a relação com a rainha terminava à porta da alcova real.

É curioso verificar que a situação foi tomando matizes diversos à medida que transcorriam os séculos. Assim, desde o Renascimento, as amantes e cortesãs costumavam ser mulheres cultas e refinadas, em geral mais do que as esposas, já que era necessário agradar aos homens tanto na conversação e na vida social quanto na cama, enquanto para ser boa esposa bastava ser fértil e excelente administradora do recinto do lar. A isso se acrescentou, a partir do século XIX, o puritanismo vitoriano, comum a toda a Europa, que impôs aos homens de bem o “respeito” para com suas esposas e mães de seus filhos, enquanto ficava reservado às amantes a tarefa de satisfazer-lhes as paixões e permitir-lhes prazeres mais ou menos secretos. O certo é que na maioria dos casos as pobres cônjuges aceitavam de bom grado essa situação. É bem conhecida a anedota sobre um industrial catalão que, de um camarote do Liceu de Barcelona, mostrou à sua esposa a amante de um comerciante rival, mulher célebre pela beleza, que estava sentada em uma poltrona na plateia. A resposta da esposa é divertida:

– Não é tão bonita assim! Gosto mais da “nossa”.

Dizem também que em certas ocasiões eram as próprias esposas, aconselhadas por seus confessores, quem impunham aos maridos as necessárias escapadas, a fim de manter uma espécie de castidade conjugal e reservar as relações íntimas exclusivamente à procriação. Esse foi, por exemplo, o comportamento da imperatriz Isabel de Áustria, a famosa Sissi, que arranjou uma amante para o imperador, embora com outro objetivo¹: sentir-se mais livre, durante suas escapadas, da rigidez da corte vienense.

A verdade é que desde a Idade Média a existência de amantes na corte permaneceu longe do terreno político. É claro que houve soberanas ciumentas e vingativas, como Maria de Portugal (1313-1357) ou Catarina de Médici (1519-1589), mas outras como Maria Leczinska (1703-1768), casada com Luís XV de França, toleraram sem problemas a presença de amantes e favoritas, neste caso o primado de Madame de Pompadour (1721-1764). O caso francês é peculiar. A *maîtresse-en-titre*, isto é, a amante oficial do rei,

recebia um estipêndio, um apartamento para si no próprio palácio e lugar de destaque nas cerimônias da corte. Além disso, mesmo na ausência de tais benefícios, na maioria das cortes europeias registraram-se casos em que filhos bastardos do monarca chegaram a ocupar postos importantes. Basta citar D. João de Áustria, (1545-1578), filho natural e reconhecido de Carlos I (1500-1558), ou D. João José de Áustria (1629-1679), nascido da relação de Filipe IV (1605-1665) com uma atriz, Maria Inês Calderón, conhecida como “La Calderona” (1611-1646).

Evidentemente, as circunstâncias mudaram com a passagem dos séculos. Basta recordar a reação de Diana de Gales (1961-1997) diante do namoro público de seu marido, o príncipe Charles (n.1948) com Camilla Parker Bowles (n.1947). Essa história teve final feliz para ambos os amantes, mas foi censurada pela opinião pública quando se tornou conhecida e resultou em um dos primeiros divórcios na realeza europeia. De qualquer modo, a verdade é que a mulher do rei nem sempre é a rainha. Pelo menos assim demonstram as histórias de amor – somente algumas de uma lista que poderia estender-se muito mais – contadas nas páginas seguintes.

Barcelona, março de 2013

1 Alguns autores afirmam que a Imperatriz tinha certa aversão ao sexo.

I

LEONOR DE GUZMÁN,
A “RAINHA” DE CASTELA
(1310-1351)

No dia em que conheceu uma bela viúva chamada Leonor de Guzmán, o rei Afonso XI de Castela compreendeu que seus destinos jamais poderiam separar-se. Possivelmente a rainha, Maria de Portugal, também o tenha compreendido, pois a partir daquele momento resolveu declarar guerra à bela castelhana. Segundo a *Crônica de Afonso XI*, Leonor era “em termos de beleza, a mulher mais bem dotada que havia no reino”. Mas ela foi muito mais do que uma bela mulher: sua inteligência e capacidade política a transformaram em uma autêntica rainha na sombra.

Leonor Núñez de Guzmán nascera em Sevilha em 1310, fruto do casamento de Pedro Núñez de Guzmán e Juana Ponce de León y Meneses, nobre castelhana cuja estirpe vinha desde os reis de León. Como era o hábito na época, casou-se ainda muito jovem, logo após os quinze anos de idade, com um aristocrata sevilhano, Juan de Velasco, mas enviuvou poucos meses depois do casamento. Em 1328, quando conheceu Afonso XI, rei de Castela (1311-1352), era, portanto, uma mulher livre. Não era esse o caso do monarca, que acabava de contrair matrimônio com a princesa Maria de Portugal (1313-1357), união que decorria de interesses dinásticos e que exigiu dispensa por parte do Papa, porque os dois eram primos irmãos². A consanguinidade, naturalmente, não significava que houvesse qualquer afinidade entre ambos, e a união entre Afonso e Maria parecia desde o início condenada ao fracasso. O relacionamento do casal era quase inexistente e surgiu imediatamente uma paixão arrebatadora entre Afonso e Leonor, que em breve resultou no nascimento de uma sucessão de filhos³, enquanto Maria de Portugal não conseguia que o marido ficasse junto a si e, conseqüentemente, gerasse um herdeiro para o trono.

Leonor, além disso, tornou-se não apenas amante, mas também a melhor conselheira de Afonso XI. Na verdade, bem poderia ser considerada a principal assessora do rei, que em troca de suas sensatas opiniões a presenteava com infinitos privilégios e terras. E não somente o rei. Sabendo de sua influência sobre o monarca, muitos nobres de Castela contribuíram para encher-lhe os cofres. Eram favores que Leonor aceitava de bom grado, não tanto por ambição pessoal, segundo os cronistas mais indulgentes, mas

para assegurar o futuro de seus filhos, já que o bom senso a advertia de que como bastardos não poderiam ter certeza do que os esperaria no futuro. Quer por avareza ou prudência, o fato é que Leonor de Guzmán acumulou imenso patrimônio que não se resumia a terras e fortuna, mas também incluía diversos cargos na corte para sua família e seus próximos. Dessa forma, inicialmente seu irmão e depois seu filho Fradique foram nomeados, sucessivamente, Mestres da Ordem de Santiago.

Curiosamente, porém, ela nunca quis ocupar o lugar da rainha. Esse gesto depõe a seu favor porque Maria de Portugal somente deu filhos ao monarca sete anos depois da celebração do matrimônio, o que teria facilitado ao rei o processo de requerer à Santa Sé a anulação do casamento. Foi a própria Leonor quem o fez desistir de tal intenção e, naturalmente, evitar as consequências políticas que poderiam resultar do repúdio à rainha Maria.

A soberana denunciava constantemente ao pai, Afonso IV de Portugal, a conduta do marido. Sabia que suas lamentações encontrariam o desejado eco no coração paterno, pois o terreno já estava preparado para isso. Afonso IV era filho de Dinis I e da princesa Isabel de Aragão⁴. Desde criança não apenas se sentira desprezado pelo pai devido à preferência deste pelos numerosos filhos bastardos, mas também testemunhara a resignação e o sofrimento da mãe com as muitas infidelidades do marido, embora a generosidade dela a tivesse feito criar os filhos extraconjugais como se fossem seus⁵. Não admira, portanto, que o rei português pressionasse Afonso XI para terminar sua relação com Leonor de Guzmán, a fim de evitar para a filha o mesmo tormento que afligira sua mãe. Para isso recorreu ao Papa, solicitando que o Pontífice censurasse Afonso XI por sua conduta, negou qualquer colaboração militar a Castela contra os muçulmanos, apoiou todos os movimentos de rebeldia por parte da nobreza castelhana contra seu rei e acabou invadindo o território de Castela.

Leonor tinha consciência do problema que seu relacionamento com o rei causava para Castela. Por isso aceitou resignada recolher-se a um convento em consequência do pacto de Sevilha, acordo firmado entre os soberanos de Portugal e de Castela em 10 de julho de 1340. Em troca, Portugal se comprometeu a contribuir com tropas para a batalha de Salado, na qual foram

definitivamente vencidos os merínidas, últimos invasores muçulmanos da península Ibérica.

O amor, porém, foi mais forte do que a palavra empenhada e após o conflito militar Afonso XI novamente chamou Leonor para junto de si. Não voltariam a separar-se. Ela não era rainha mas recebia todas as honrarias e se comportava como uma. Permanecia constantemente junto ao rei, acompanhando-o sem cansaço em seus deslocamentos e expedições militares e chegando a fazer parte do cortejo real que entrou em Algeciras após sua conquista. Intervinha na vida pública: outorgava títulos de propriedade rural, confirmava privilégios e franquias reais, recebia embaixadores... Nobres, membros do clero e pessoas comuns a procuravam para obter intercessão junto ao monarca. O próprio cardeal primaz da Espanha elogiou suas virtudes ao Papa Bento XII. Mais do que isso, o rei Eduardo III da Inglaterra se dirigiu a ela a fim de negociar o casamento do herdeiro de Castela com uma princesa inglesa.

A cumplicidade era tanta entre os dois amantes, em todos os níveis, que somente a morte seria capaz de separá-los. Isso aconteceu em 26 de março de 1350. Afonso XI foi vítima do surto de peste bubônica daquele ano, durante o sítio de Gibraltar pelas tropas de Castela.

No mesmo dia começou o calvário de Leonor. Em 1334 a rainha Maria tinha dado à luz um filho, Pedro⁶, mas pouco lhe adiantou dar ao rei o ansiado herdeiro. Enquanto os filhos de Leonor viviam próximos ao rei e este os considerava como sua família legítima, a rainha, o menino Pedro e os que lhe eram fiéis eram mantidos afastados da corte e praticamente reclusos no Alcázar⁷ de Sevilha ou no Mosteiro Cisterciense de São Clemente, próximo à cidade de Gualdaquivir. Além disso, no momento de sua morte, o rei estava acompanhado pela favorita e por vários de seus filhos, enquanto a rainha e o herdeiro legítimo, Pedro, permaneciam em Sevilha. O ódio, a ira e o anseio de vingança de Maria de Portugal, acumulados durante tantos anos, estavam prestes a explodir. Chegara sua hora e ela bem o sabia.

Percebendo o que se aproximava, Leonor se limitou a seguir o cortejo fúnebre durante alguns quilômetros e logo se recolheu a suas propriedades

em Medina-Sidonia, uma das muitas cidades que o monarca lhe havia outorgado como domínio. Não estava enganada. Seu tempo acabara. Sozinha e sem a proteção real, sua vida tornou-se um inferno. Até mesmo os filhos e os que lhe eram fiéis a foram abandonando, receosos de sofrer a ira do novo rei. Procurou refúgio em Aragão e escreveu a Pedro IV informando-o de que “eu e meus filhos nos encontramos em grande atribulação e perigo. Mandeí pedir ao conde D. Lope de Luna que se dignasse falar convosco sobre algumas coisas a que eu e meus filhos temos direito e que não posso relatar por carta”. Porém, como era esperado, o rei de Aragão, unido a Portugal por laços de sangue⁸, limitou-se a recomendar-lhe “consolar-se em Deus, dar esmolas e fazer orações e obras piedosas pela alma do defunto rei”.

Confiando nas promessas de Juan Afonso de Albuquerque, confidente do novo rei e – segundo alguns autores – amante da rainha, que lhe havia garantido proteção e segurança caso rendesse homenagem a Pedro I, Leonor regressou a Sevilha. Era uma armadilha. Foi presa logo que chegou ao palácio da cidade, ao mesmo tempo em que grande parte do seu patrimônio era confiscado. Apesar da prisão, foi-lhe permitido estar acompanhada por alguns de seus partidários e desfrutar da presença de seu filho Henrique, cujo casamento com Juana Manuel, filha do príncipe poeta D. João Manuel e descendente de Afonso X, ela se apressou em confirmar. Com isso, Leonor não pretendia apenas assegurar a felicidade do filho. Consciente da nobre linhagem da jovem, o casamento era um passaporte para a legitimidade de uma dinastia, a de Trastámara, de origem bastarda. A manobra não passou despercebida aos partidários de Pedro I, os quais, diante da partida de Henrique e Juana para Astúrias, não hesitaram em encarcerar Leonor na praça forte de Carmona, sob acusação de promover uma revolta contra o novo soberano, conspirar com o rei de Aragão e incitar seus filhos à rebelião.

Ela permaneceu ali detida até a primavera de 1351, quando Pedro I convocou as Cortes⁹ em Valladolid. Foi obrigada a viajar até esse lugar em companhia da rainha-mãe, Maria de Portugal, que não a perdoara. Quase imediatamente mandou transportar sua prisioneira para seu próprio terreno, isto é, o Alcázar de Talavera de la Reina, de sua exclusiva propriedade. Ali, Leonor de Guzmán, fiel companheira de Afonso XI, foi submetida a toda sorte de

torturas e vexames até que, ainda em 1351, uma espada pertencente a um homem de confiança da rainha permitiu-lhe descansar em paz.

Curiosamente, foi esse o mesmo fim que quatro anos depois outra dama, Inês de Castro, de origem galega, viria a ter em Portugal. Amante e depois esposa secreta do irmão de Maria – Pedro I, o Justicheiro – foi assassinada por ordem de Afonso IV, temeroso não do poder dela, mas do de seus irmãos, os influentes Castro, muito vinculados à corte de Castela.

Não obstante, nem os carrascos de Leonor nem os de Inês, afinal de contas pai e filha, conseguiram apagar suas pegadas na história. O sangue de ambas acabou por nutrir a coroa espanhola: o de Inês por meio de sua filha Beatriz, casada com Sancho de Castela e cuja filha, Leonor, conhecida como a “rica fêmea” devido a suas extensas propriedades, casou-se com Fernando de Antequera, rei de Aragão e avô de Fernando, o Católico; o sangue de Leonor mediante seu filho Henrique II de Castela, vencedor do meio-irmão Pedro I em Montiel, após a eclosão da guerra civil castelhana e tataravô de Isabel, a Católica.

2 Afonso XI era filho de Constança de Portugal, irmã de Afonso IV de Portugal, pai de Maria.

3 Pedro Afonso (1330-1338); Juana Afonso, Senhora de Trastamara (1330-?); Sancho Afonso, Senhor de Ledesma (1331-1343); Henrique de Trastamara, rei de Castela com o nome de Henrique II, “o rei das Mercês” (1333- 1379); Fradique Afonso, mestre de Santiago e Senhor de Haro (1334-1358); Fernando Afonso, falecido na infância; Tello de Castela, conde de Vizcaya (1337-1370); Juan Afonso, Senhor de Badajoz e Jerez de la Frontera (1341-1359); Sancho de Castela, conde de Albuquerque (1342-1375); Pedro Afonso (1345-1359).

4 Isabel de Aragão foi canonizada como Santa Isabel de Portugal em 1625. Em terras lusitanas é conhecida como a “Rainha Santa”.

5 Aos dois filhos do casamento com Isabel de Aragão – Constança (1285-1313), casada com Fernando IV de Castela, e Afonso IV (1291-1357) – juntaram-se Pedro Afonso (1287-1354), conde de Barcelos; Afonso Sanches (1289-1329) que disputou o trono com o futuro Afonso IV; Maria Afonso (1290-1340); Maria (1301-1320); Juan Afonso (1280-1329); Fernán Sanches (1280-1329) e Pedro Afonso (1280-?). Todos receberam instrução no palácio sob os cuidados da rainha Isabel.

6 Os partidários de Leonor espalharam o boato de que o menino era fruto de amores adúlteros da rainha com um cortesão chamado Pero Gil, o que fez com os que os seguidores de Pedro I, o Cruel, passassem a ser conhecidos como *emperejillados*.

7 Palavra de origem árabe, é um castelo fortificado. (N. do T.)

8 Era neto de Jaime II, irmão de Isabel de Aragão, esposa de Dinis I de Portugal.

9 As Cortes eram uma assembleia composta por representantes da nobreza, do clero e do povo. (N. do T.)

II

LEONOR TELES DE MENESES,
A DAMA MALDITA
DE PORTUGAL

(1350-1386)

Demonizada pela história, Leonor Teles de Meneses, inicialmente amante e depois esposa de Fernando I de Portugal (1345-1383), foi sem dúvida uma mulher ambiciosa, mas igualmente inteligente e extraordinariamente competente para a política, em uma época particularmente difícil, quando em terras lusitanas juntaram-se colheitas deficientes, contínuas guerras com Castela e divergências dinásticas. Tornando-se regente com a morte do marido no período conhecido como “interregno”, seu governo colocou o ponto final na hegemonia da linhagem de Borgonha no trono português, dando lugar à dinastia de Avis, possivelmente a que proporcionou maiores realizações ao reino.

Leonor nasceu na região de Trás-os-Montes em 1350, em uma família de linhagem nobre, já que descendia dos reis de León por parte de pai e dos reis de Castela por parte da mãe, Aldonza de Vasconcelos. Passou uma parte da infância em terras castelhanas porque o pai, Martin Afonso Teles de Meneses, foi homem de confiança (e talvez amante) da princesa Maria de Portugal após seu casamento com o rei de Castela, Pedro, o Cruel.

Leonor casou-se ainda muito jovem com Juan Lorenzo da Cunha, herdeiro do senhor de Pombeiro, com quem teve um filho, Álvaro. Nas proximidades de 1369 um acontecimento inesperado, a viuvez prematura de sua irmã, a obrigou a deixar a família em Trás-os-Montes para viajar à corte. Maria Teles de Meneses, dois anos mais velha do que Leonor, iria se tornar personagem fundamental na vida desta e, como veremos, acabou sendo vítima inocente de sua ambição. Havia se casado com Álvaro Dias de Sousa, senhor de Mafra e Ericeira, enviuvando logo após o casamento, antes que nascesse seu único filho. Exercia as funções de camareira da princesa Beatriz, filha de Inês de Castro e Pedro I, e portanto meia irmã do rei Fernando I, nascido do primeiro casamento de seu pai com Constança Manuel. Ao ficar viúva, chamou Leonor para junto de si, e o que deveria ter sido uma permanência temporária se transformou em definitiva.

Ao que parece, a beleza de Leonor deslumbrou Fernando, homem muito sensível aos encantos femininos, como demonstra o fato de que com apenas 19 anos já havia tido uma filha ilegítima chamada Isabel. Quando Leonor

chegou a Lisboa, corria na corte o boato de que o monarca e sua meia-irmã mantinham uma relação incestuosa, possibilidade em que insistem alguns autores. De qualquer forma, o presumido idílio se interrompeu quando Leonor entrou em cena porque, pouco tempo depois de sua chegada, ajustou-se o matrimônio de Beatriz com o príncipe Sancho de Castela, conde de Albuquerque e filho bastardo de Afonso XI e sua amante, Leonor de Guzmán.

Obviamente, seu primeiro casamento – além dos interesses políticos que pareciam indicar a conveniência de um enlace real castelhano – era o único impedimento para que Leonor Teles de Meneses se convertesse em rainha de Portugal. Mesmo assim, por insistência do rei, o casamento foi anulado pelo Vaticano, sob alegação de consanguinidade em segundo grau entre os cônjuges, justificativa difícil de demonstrar, porém fácil de obter por meio da compra de vontades eclesiásticas. Falou-se de um primeiro matrimônio secreto, porém, aos olhos de todos, o certo é que o rei e Leonor conviveram durante algum tempo como amantes até que, com a chegada da bula vaticana que anulava o casamento anterior dela, ambos se uniram em matrimônio em Leça de Balio em maio de 1373.

Nessa altura, Beatriz já havia nascido da união de Fernando e Leonor. As irregularidades da anulação do casamento anterior de Leonor e as dúvidas sobre a existência de um matrimônio secreto antes do que fora celebrado oficialmente faziam cair sobre a princesa a sombra da ilegitimidade. Esse fato, unido à animosidade contra Leonor, que era acusada de dissoluta e ambiciosa, motivou a reação de uma importante facção da nobreza, que se negou a reconhecê-la como legítima herdeira. À frente desse grupo se encontrava o mais velho dos filhos homens de Inês de Castro, João (1349-1387), senhor de Eça e posteriormente primeiro duque de Valencia de Don Juan, sobre o qual paradoxalmente pesava a sombra da bastardia, devido às circunstâncias irregulares do casamento secreto de seus pais.

João de Eça contraíra matrimônio com Maria Teles de Meneses, mas nem os laços familiares puderam impedi-lo de acusar seu meio irmão, Fernando, de ser um fantoche nas mãos da esposa e, conseqüentemente, descuidar dos assuntos de Estado e de governo. O prestígio do filho de Inês de Castro

crecia rapidamente e ao ver perigar o trono da filha, Leonor resolveu agir. Disposta a tudo, desde que pudesse acabar com as pretensões do senhor de Eça, teceu uma complexa intriga com a colaboração de cortesãos fiéis a sua causa. Por meio de provas falsas, estes convenceram João de Eça de que sua mulher o enganava. Enfurecido, João viajou a Coimbra, local do lar conjugal, e apunhalou-a sem que dissesse uma palavra. Não tardou a ficar demonstrada a inocência da infeliz Maria e o pretendente ao trono, totalmente desacreditado, perdeu o apoio dos seus e teve de refugiar-se em Castela, onde expiou sua culpa recolhido a um convento.

Livre de obstáculos, Leonor exerceu papel cada vez mais visível no governo. Para isso contribuiu a inoperância do marido, homem culto e bem intencionado, porém indeciso e de temperamento débil. Fernando se mostrava incapaz de manter um governo forte e o ambiente político interno sofria com constantes intrigas no seio da corte, enquanto o poder do reino se desgastava com as contínuas confrontações com Castela. O monarca, além disso, não gozava de boa saúde e morreu de tuberculose em 1383.

Nessa época já havia entrado em cena um sombrio personagem, Juan Fernández Andeiro, nobre galego premiado por suas gestões diplomáticas junto à Inglaterra com o título de conde de Ourém, conselheiro do rei e, na opinião de todos, amante da rainha. Foi ele quem, vendo que Fernando I já agonizava, e diante da perspectiva de que a viúva teria de encarregar-se da regência, sugeriu a Leonor as vantagens de estabelecer uma poderosa aliança com Castela, que referendaria os direitos de Beatriz ao trono. Pensou-se em um casamento com o herdeiro do trono do reino vizinho, mas quando João I de Castela enviuvou, Andeiro achou que o monarca era o melhor candidato à mão de Beatriz.

O enlace garantia de certa forma a sucessão na pessoa de Beatriz. Contar com o apoio de um rei poderoso não apenas barraria as pretensões de João de Eça ao trono mas também, como Beatriz teria de residir em Castela, Leonor no papel de regente ficaria com as mãos livres para fazer o que quisesse. Mais ainda, no contrato matrimonial ficava estipulado que João I de Castela poderia ostentar o título de rei de Portugal, mas a fim de garantir a independência de ambos os reinos o governo luso permaneceria a cargo de

Leonor até que Beatriz tivesse um filho e este chegasse à maioridade para poder assumir a coroa portuguesa, enquanto seus pais se limitariam a governar Castela.

O plano parecia perfeito, mas Leonor cometeu um terrível erro: instalou Juan Fernández Andeiro no palácio. O povo não a perdoou e muito menos os nobres, que se posicionaram em bloco ao redor de um novo candidato: João de Avis, filho legítimo de Pedro I em virtude de sua união com uma dama chamada Teresa Lourenço. A partir desse momento os acontecimentos se precipitaram. Uma revolta popular acabou com a vida do conde de Ourém e Leonor fugiu para Castela com a esperança de encontrar junto ao genro o apoio de que necessitava. Enganava-se. Enquanto Portugal aclamava João de Avis como rei, ela foi encarcerada pelo monarca castelhano no Mosteiro de Santa Clara de Tordesilhas (Valladolid, Espanha). Segundo alguns autores, ali morreu três anos depois. Beatriz, por sua vez, viúva desde os dezoito anos e sem descendentes, retirou-se para Toro, onde morreu por volta de 1420. Está enterrada no mosteiro do Espírito Santo.

No entanto, o historiador português Manoel Marques Duarte e outros estudiosos do personagem defendem a tese de que Leonor Teles de Meneses morreu em 1405. Essa possibilidade se baseia principalmente na *História de Valladolid* escrita em 1640 por Juan Antolinez de Burgos, na qual afirma-se que a rainha portuguesa permaneceu em sua prisão em Valladolid, onde recebeu meses depois o embaixador do rei de Aragão, D. Guereu de Queralt, que viajara a Castela com a missão de solicitar ao rei castelhano “acatar e honrar a rainha Dona Beatriz e a rainha Dona Leonor de Portugal”.

Além disso, segundo o mesmo autor, a prisão não diminuiu a lendária beleza de Leonor Teles. Ao contrário, em Castela aparentemente ela teve mais dois filhos nascidos de sua união com um cavaleiro chamado Zoilo Iñiguez. Possivelmente aqueles últimos anos foram os mais serenos de sua vida. Esquecidas as ambições e as paixões, é provável que Leonor Teles os tenha dedicado à oração e às obras piedosas, já que deixou disposto em seu testamento que a mansão na corte fosse transformada em convento de religiosas da Merced Calzada.

Ao falecer, foi sepultada na capela do mesmo palácio-convento sob uma lápide em que se lia: “Aqui jaz sepultada a Rainha Dona Leonor, mulher do rei D. Fernando de Portugal; a seus pés está uma criança. Deixou encomendadas duas missas semanais por si mesma e por sua filha Dona Beatriz, Rainha de Castela, mulher do rei D. João I, e foi a fundadora deste convento”. No entanto, nada ficou de pé, como se a história quisesse apagá-la de suas páginas. O convento, a igreja e com ela seus restos mortais desapareceram no século XIX para dar lugar às atuais ruas La Merced e Cervantes, da capital castelhana.

III

AGNÈS SOREL,
DAME DE BEAUTÉ

(1422-1450)

Na Colegiata de Saint-Ours, em Loches (França), existe um mausoléu simples, em estilo gótico. Uma elegante lápide de mármore negro serve de base para a estátua de um corpo deitado, de alabastro muito branco, em torno do qual pode-se ler: “Aqui descansa a nobre Agnès Sorel, em vida *Dame de Beauté*, de Roquesserièrre, d'Issouldun e de Vernon-sur-Seine, compassiva para com todos e que generosamente doou seus bens à igreja e aos humildes ao morrer em 9 de fevereiro do ano da graça de 1450. Rogai a Deus por sua alma. Amém”.

Dame de Beauté significa “Dama de Beleza”. Nas palavras do cronista Enguerrand de Monstrelet (1390-1453) “bela entre as belas, foi chamada Dama de Beleza por causa de sua formosura e porque o rei lhe outorgou em forma vitalícia o castelo de Beauté¹⁰”. Isto é, o apelido lhe cabia com justiça por ser dona e senhora do castelo desse nome, como era dos de Roquessière, Issouldun e Vernon-sur-Seine, mas também por méritos próprios, já que a formosura de Agnès Sorel, primeira amante real reconhecida publicamente como tal na corte francesa, era excepcional.

Havia nascido em Fromenteau, pequeno povoado da Turenne francesa, fruto do casamento de um militar, Jean Seurelle ou Sorel, com uma jovem pertencente à nobreza rural chamada Catherine de Maignelais. Ambos pertenciam ao serviço do rei de Nápoles, René d'Anjou e Isabel de Lorena, e, por conseguinte, quando a jovem chegou à puberdade tornou-se dama de companhia da rainha. Esse era o papel que desempenhava quando em uma escala em Toulouse conheceu o rei da França. Era o ano de 1443 e Agnès tinha pouco mais de vinte anos. Sua entrada em cena coincidiu com uma trégua na Guerra dos Cem Anos que permitiu à França um longo período de paz. Era como se a formosa cortesã tivesse trazido consigo a paz ao monarca e ao reino.

Carlos VII, filho de Carlos VI Valois e de Isabel da Baviera, foi coroado rei da França em Reims no dia 17 de julho de 1429, mediante a intervenção de Joana d'Arc, depois de ter vencido os ingleses na chamada Guerra dos Cem Anos¹¹. Quando conheceu Agnès já havia completado 40 anos¹² e estava

casado com Marie d'Anjou (1404-1463), mulher de uma devoção fanática e de poucas graças, porém extraordinariamente fértil, que lhe daria doze filhos. Ele tampouco era um homem atraente. Segundo o cronista Georges Chastellain (1405-1475) “era magro e pouco corpulento, de constituição débil e caminhava de modo estranho, com um balanço inquietante e contínuo”, mas compensava seus defeitos com uma atitude amável, considerável cultura e capacidade de sedução nada desprezível. Era, além disso, hospitaleiro, já que em 1443 acolhera em sua corte de Toulouse o cunhado René d'Anjou, que acabara de perder o reino de Nápoles para Afonso V, o Magnânimo, rei de Aragão.

Dedicado como era aos assuntos do reino e à paixão pela arte, enquanto a esposa, sempre grávida, dividia o tempo entre a oração e a roca de fiar, Carlos VII vivia em uma corte quase monástica, na qual a chegada dos antigos reis napolitanos foi uma aragem de alegria. As damas que acompanhavam Isabel de Lorena dançavam, riam-se, divertiam-se, vestiam cores claras e usavam cosméticos. Com elas a juventude parecia estar de volta aos aposentos da corte e, sobretudo, à vida do rei. Aquele homem solitário, introvertido e tímido pareceu reviver ao descobrir entre as acompanhantes da cunhada a jovem de rosto redondo, seios empinados, pele extremamente branca – o atributo mais apreciado na época – pescoço esbelto e boca pequena, que tinha o nome de Agnès.

A relação começou quase imediatamente. Mais do que isso, poucos meses depois, quando René d'Anjou e Isabel de Lorena se instalaram em suas propriedades na região, Carlos VII não conseguiu resistir à ausência da amante e os seguiu até Saumur, enquanto a rainha, sozinha, dava à luz o último dos herdeiros reais. Retomada a relação já sem qualquer impedimento, o rei deu de presente à sua dama o castelo de Beauté-sur-Marne, em Vincennes, muito perto de Paris, que tinha sido a residência preferida de seu avô Carlos V (1338-1380).

O escândalo se tornou lendário. Era a primeira vez em que um rei da França revelava publicamente a relação com sua favorita. O monarca, aliás, parecia ter perdido qualquer forma de inibição: mostrava-se audaz, mundano e galante. Além disso, ao contrário de seu costume, passou a participar de

torneios de lança e escrever versos nos quais não hesitava em proclamar aos quatro ventos que “na mesa, na cama e no conselho”¹³ queria ter sempre Agnès a seu lado. A fim de consegui-lo, sem nenhum receio ao que se diria na corte, nomeou sua favorita dama de companhia da rainha Marie, a qual aceitou resignada essa designação.

Agnès Sorel aceitava de bom grado o papel de pecadora declarada. Consciente de seu poder, mas também da fragilidade de sua posição, pois não parecia contar senão com o apoio do rei, resolveu procurar dois bons aliados. O primeiro foi Pierre de Brézè, *sénéchal*¹⁴ de Angers e Poitou, militar bem sucedido que sonhava em fazer da França a potência hegemônica que havia sido séculos antes. Sabia que para isso precisava da vontade do rei e então buscou a cumplicidade de Agnès. Era uma troca de favores vantajosa para ambos: Brézè se converteria em seu defensor na corte e ela utilizava sua ascendência sobre o rei para lhe abrir o caminho.

No entanto, um segundo cúmplice foi decisivo para transformá-la na mulher que entrou para a história. Chamava-se Jacques Coeur e era o administrador das finanças reais. Comerciante ambicioso, segundo alguns autores foi mais do que amigo de Agnès Sorel. Importava do Oriente móveis, joias, peles, sedas e todo tipo de objetos preciosos. Sua perspicácia para os negócios o fez compreender, adiantando-se às técnicas modernas de *marketing*, que necessitava de uma “imagem” para sua empresa – e quem melhor do que a favorita? Evidentemente, Agnès aceitou desempenhar esse papel e com isso a corte triste de Marie d'Anjou passou a ser uma lembrança, ao mesmo tempo em que iam terminando as reticências da Igreja, assim como os costumes e usos medievais. Antecipando-se ao Renascimento, Jacques Coeur e Agnès Sorel formavam uma dupla perfeita que introduziu na corte a arte do bem viver, o gosto pelo luxo e o anseio de cultivar as belas artes. A França deixava de ser devota, taciturna e tímida para converter-se em paradigma do luxo e da voluptuosidade. Acompanhando *Madame Beauté* as damas vestiam veludos, sedas, arminho. Enfeitavam-se com joias espetaculares, arrastavam longas caudas e se cobriam com penteados pontiagudos. Além disso, imitando a favorita, surgiu a moda de depilar as sobrancelhas, ostentar amplos decotes e usar roupa íntima de tecidos finos. De certa forma, as

mulheres da corte de Carlos VII haviam descoberto de uma vez por todas seu poder de sedução.

De nada serviram as reprovações das camadas mais conservadoras e as ameaças do clero, especialmente as do arcebispo de Paris, que via em Agnès a encarnação do próprio demônio. O escândalo chegou ao auge quando o pintor da corte Jean Fouquet utilizou a figura da favorita como modelo de uma imagem da Virgem Maria para a igreja de Melun. O quadro, que acabou se tornando o retrato mais conhecido de Agnès Sorel, é extremamente sensual, apesar de seu tema religioso. A expressão recatada e suave do rosto se contrapõe a um volumoso seio descoberto que contrasta com a cintura esbelta e se destaca sobre um fundo de anjos vermelhos e azuis, convertendo-o no centro de atenção do quadro.

Naturalmente, causou agitação ainda maior na corte o fato de que em 1449 Carlos VII abandonou a esposa e se instalou durante oito meses no castelo de Razilly com a favorita, que naquela altura já lhe havia dado três filhas¹⁵.

A transformação da França fora completa, mas a opinião pública estava totalmente dividida. Graças à colaboração de Brézè e Jacques Coeur, o reino prosperava a olhos vistos. Os preços baixavam devido ao aumento do consumo e o país se rearmava a fim de poder enfrentar novamente os ingleses e tomar o restante do território que ainda estava sob o poder dos britânicos. Poucos, porém, eram capazes de compreender a participação de Agnès Sorel na mudança social e política que ocorria. Pouco adiantava que a favorita redobrasse os gestos caritativos ou distribuísse esmolas em profusão. Tampouco lhe valia deslumbrar o povo aparecendo em Paris com um vestido de veludo vermelho bordado de pérolas e um longo véu que a fazia parecer uma fada benfeitora. O povo comum a desprezava e os altos dignitários da corte temiam seu poder e o de seus importantes aliados. O chefe dos inimigos era o delfim¹⁶, futuro Luís XI, que parece ter pretendido ocupar o lugar do pai na alcova de *Madame Beauté*. Diante da clara negativa desta, ele a insultou publicamente e foi desterrado da corte.

Com o reino suficientemente fortalecido e rearmado, Carlos VII – possivelmente por sugestão da própria Agnès aliada a Pierre de Brézè –

achou que era o momento de retomar a batalha contra os ingleses. A favorita tentou acompanhá-lo, mas como estava outra vez grávida os médicos a proibiram de viajar. Desprezando esses prudentes conselhos, ela partiu para a Normandia em 1450 em busca do monarca. Os amantes se reuniram na abadia de Jumièges e ali, após o nascimento da quarta filha, compartilharam seus derradeiros dias de felicidade. A jovem *Madame Beauté*, no entanto, nunca se recuperou completamente de um parto prematuro e extremamente difícil. No dia 9 de fevereiro entrou em coma e morreu poucas horas depois, antes de completar vinte e oito anos.

Atribuiu-se sua morte à disenteria. Mas quando em 2005 seus restos mortais foram exumados, por iniciativa de uma equipe científica do Hospital Universitário de Lille, encontrou-se em seu corpo grande quantidade de mercúrio, elemento químico que despertou a suspeita de que tivesse sido envenenada. Não faltavam candidatos a suspeitos de haver cometido o crime, desde o próprio delfim, que a havia ameaçado publicamente de morte, até a prima Antoinette de Maignelais, que a sucedeu no leito real. Contudo, no século XV o mercúrio era também usado como purgante e em produtos cosméticos, razão pela qual não se pode tirar conclusões precipitadas.

Fosse morte natural ou provocada, o fato é que em sua hora final Agnès Sorel demonstrou grande serenidade. Fez um testamento em favor dos mais necessitados, perdoou publicamente seus inimigos e despediu-se do rei. Aparentemente, suas últimas palavras foram:

– Não há nada mais frágil do que nossa própria existência.

Sem dúvida falava com conhecimento de causa. De humilde dama de companhia chegara a dispor de um poder quase total, mas bastaram poucas horas para que perdesse tudo, inclusive a própria vida.

10 Beauté: «beleza» em francês.

11 Desde 1337, após a morte sem herdeiros do último monarca Capetíngio, a França e a Inglaterra se enfrentavam por causa das pretensões do monarca inglês Eduardo III ao trono francês.

12 Nasceu em Paris em 22 de fevereiro de 1403.

13 Segundo Enguerrand de Monstrelet (1390-1453) assim diziam alguns versos que o monarca recitou para sua dama durante um torneio realizado em Loches: “*Dans la table, le lit et le conseil, je voudrais être toujours avec toi*”.

14 *Sénéchal* era um cargo nobiliárquico e administrativo, semelhante ao de um vice-rei. (N. do T.)

15 Marie (1444-1473), Charlotte (1446-1477) e Jeanne de Valois (1448-1467). Pouco antes de morrer, Agnès deu à luz uma quarta filha, que somente viveu por alguns dias. Conhecidas como as “bastardas da França”, Marie, Charlotte e Jeanne, esta assim chamada em honra de Joana d’Arc, foram reconhecidas pelo monarca. Charlotte casou-se com um filho de Pierre de Brézè, que a assassinou pouco depois do casamento ao encontrá-la deitada com o amante na alcova conjugal.

16 Delfim era o título dado ao herdeiro dos reis da França. (N. do T.)

IV

GERMAINE DE FOIX,
A PAIXÃO PROIBIDA
DO IMPERADOR

(1488-1538)

Em novembro de 1517, Charles de Gante, primogênito de Joana, a Louca, e Filipe, o Belo, entrou em Valladolid como Carlos I de Espanha. Tinha 17 anos e total inexperiência em matéria de governo, sabia somente algumas palavras em castelhano e estava acompanhado por um numeroso exército flamengo. Não parecia, portanto, que um futuro feliz o aguardava. Ocorreu, porém, um acontecimento que possivelmente o fez esquecer qualquer preocupação: um encontro que, embora programado, não deixou de surpreendê-lo. Na cidade o esperava a nobre francesa Germaine de Foix, viúva de seu avô, Fernando, o Católico. Diante de Carlos não surgiu a matrona que ele imaginara, mas uma mulher formosa de vinte e nove anos. O resultado da combinação foi explosivo: uma jovem viúva temperamental e atraente e um rapaz recém-saído da adolescência, que como bom filho de seus pais, era namorador e ardente. O estopim se acendeu e entre ambos surgiu uma paixão arrebatadora. De alguma forma, contrariamente ao costume, a rainha viúva passou de soberana a amante. Na verdade, uma amante secreta sobre a qual, apesar da ausência de consanguinidade, pairava a sombra do incesto. Talvez por isso até a história tenha guardado o maior dos segredos sobre o que foi a primeira aventura galante do César¹⁷ em terras espanholas.

Germaine – na verdade Ursule Germaine – era filha de Jean de Foix, conde de Étampes e visconde de Narbonne, com sua esposa Marie d'Orléans, irmã de Luís XII de França. Contava dezoito anos quando em 15 de março de 1506, em virtude do Tratado de Blois – que selou a amizade entre França e Aragão – contraiu matrimônio com Fernando, o Católico, viúvo de Isabel de Castela, que naquela altura já tinha passado dos cinquenta anos. Era evidente que o casamento obedecia a interesses dinásticos e que fora impulsionado pela vontade de Fernando de Aragão de manter a independência de seu reino mediante o nascimento de um herdeiro varão, a fim de impedir que o ambicioso Filipe de Habsburgo, mais conhecido como “o Belo”, viesse a ocupar o trono aragonês como já havia feito com a coroa de Castela. Mas se esse era seu objetivo, Fernando não o conseguiu, porque o único filho do casal, João, faleceu em 3 de maio de 1509, poucas horas depois de nascer.

Ao que dizem os cronistas, Germaine não era uma mulher bela e ao que parece até mesmo coxeava ligeiramente, mas tinha temperamento alegre, gostava da boa mesa – o que mais tarde a faria sofrer de obesidade doentia – era amante das festas e danças e também terrivelmente vaidosa. Em sua *Crónica de los Reyes Católicos*, Prudencio de Sandoval a descreve assim: “A rainha era pouco formosa, um pouco coxa, gostava de folguedos e de frequentar banquetes, hortas, jardins e festas. [...] Poucos dias se passavam em que não convidasse ou fosse convidada”. Não se deve duvidar, portanto, que possuísse temperamento extrovertido e festivo que possivelmente provocou um ou outro mal-entendido. Por exemplo, sabe-se que Antonio Agustín, vice-chanceler do reino aragonês, foi encarcerado em Simancas “por haver feito propostas amorosas à rainha Germaine”. Possivelmente sua voluptuosidade foi, no final das contas, a causa indireta da morte de Fernando, o Católico, que, adoentado¹⁸, não podia manter os modos galantes de que gozara na juventude e nem acompanhar nas festas, na mesa ou na cama o ritmo de sua esposa. Assim, nas temporadas em que passavam juntos¹⁹, ingeria diversas beberagens de caráter afrodisíaco²⁰ que acabaram com sua vida em 23 de janeiro de 1516.

Nessa altura a vida de Germaine mudou definitivamente. Com a morte de Fernando, o Católico, a rainha viúva se retirou para o Mosteiro de Guadalupe, de onde renunciou a qualquer direito sobre Navarra, mesmo contra os interesses de sua família francesa que via nesse território a plataforma ideal para controlar o norte da Península Ibérica. Também cedeu a Carlos I seus domínios no sul da França e todas as terras e rendimentos da Itália que estavam sob seu poder e que haviam pertencido à Coroa de Aragão. Em seguida, foi encontrar-se com o novo rei, que unia em sua pessoa os reinos de Castela e Aragão com todas as suas possessões.

O futuro imperador chegava à península bem predisposto em relação à viúva do avô. O próprio Fernando lhe havia escrito, pouco antes de morrer: “...cuidareis dela e a honrareis e acatareis, para que possa ser honrada e favorecida por vós e acudida em todas as suas necessidades...” e o jovem estava resolvido a cumprir o que lhe fora pedido. Talvez por isso tenha cedido a ela as vilas e rendas de Arévalo, Olmedo e Madrigal, o que

escandalizou os castelhanos devido às conotações sentimentais dessas possessões com a falecida rainha católica.

O primeiro e decisivo encontro de ambos ocorreu nas imediações de Valladolid. Germaine foi ao encontro da comitiva real acompanhada por numeroso séquito e quando quis inclinar-se diante do rei, este não consentiu. O cronista flamengo Laurent Vital, em sua *Premier Voyage de Charles Quint en Espagne* assegura que “quando se aproximou, Carlos a beijou e saudou e a princesa quis apear de sua mula, mas o rei não quis permitir-lhe...”. O cronista registra também que no meio do séquito havia uma dama pela qual Carlos pareceu sentir-se imediatamente atraído, porém não fornece maiores informações. O próprio Carlos, em janeiro de 1518, assim o confirma ao escrever a seu amigo, o conde de Nassau, sobre a existência de uma dama que muito o agradara.

Sem dúvida se tratava de Germaine. A viúva de seu avô soube fazer com que o jovem flamengo descobrisse todo um mundo de erotismo ao mesmo tempo em que entre ambos se estabelecia uma grande cumplicidade política. Ela contribuía com a experiência nos dois terrenos e ele com a juventude e o entusiasmo. Além disso, estavam unidos pelo idioma. Carlos mal sabia castelhano. Sua língua materna era o francês, idioma que usava para falar com os colaboradores. A seu lado, portanto, Germaine pôde recuperar a língua com que havia crescido e grande parte da juventude perdida em companhia de um marido trinta e cinco anos mais velho do que ela.

Impunha-se, porém, a discrição, e para que o romance não passasse além dos muros do palácio construiu-se entre as residências de ambos uma ponte de madeira que permitia ao jovem rei visitar sua amante ou ser visitado por ela sem que fossem vistos. A mesma reserva o obrigou, pouco depois, a desterrar para um convento castelhano o fruto daquela paixão secreta e proibida.

Em 1518 Germaine deu à luz uma filha. O nascimento foi mantido em segredo e passou quase despercebido para a história, salvo para o erudito Manuel Fernández Álvarez, que o revelou em seu *Corpus documental de Carlos V*. Ao que parece, a menina foi educada na corte castelhana sem alvoroço e o título de infanta²¹ somente lhe foi concedido no testamento da

mãe (1536), que lhe deixou como herança suas melhores joias: “Igualmente, legamos e deixamos aquele fio de pérolas grandes de nossa pessoa, que é o melhor que possuímos, no qual há cento e trinta e três pérolas, à sereníssima Dona Isabel, infanta de Castela, filha da Majestade do Imperador, meu senhor e neto²², e isso devido ao imenso amor que temos por Sua Alteza”.²³

A partir do nascimento da pequena, como se ambos tivessem consciência de ter ido longe demais, rompeu-se a relação sentimental entre Carlos e Germaine. Em 1519, talvez para calar maledicências, Carlos casou Germaine de Foix com o marquês de Brandenburg e destinou-lhes a cidade de Valência, concedendo a ela o cargo de vice-rainha e lugar-tenente do reino levantino.

O matrimônio, porém, durou pouco. Germaine enviuvou novamente em 1525. Carlos se encontrava então a ponto de casar-se com a belíssima Isabel de Avis, sua prima-irmã²⁴. Talvez para afastar tentações ele organizou novo matrimônio para a antiga amante, celebrado dois meses depois do seu próprio na mesma cidade de Sevilha, em 13 de maio de 1526. Naquela ocasião o eleito foi Fernando de Aragão, duque da Calábria (1488-1550), filho do rei de Nápoles, Frederico I.

Os novos cônjuges receberam a nomeação como vice-reis de Valência. Germaine residiu nessa cidade durante os últimos dez anos de sua vida, uma época dourada na qual os dois esposos, amantes das artes e das letras, criaram uma autêntica corte renascentista à maneira italiana. Poetas, pintores e músicos fizeram de Valência um foco de irradiação cultural único na Espanha de seu tempo. Nessa altura Germaine já se tornara uma rotunda matrona, mas nem por isso a picardia deixou de estar presente em sua vida. Pelo menos assim o demonstram os versos do poeta Juan Fernández de Heredia (1480-1549) que responde da seguinte forma às queixas da vice-rainha sobre a “coceira” que sentia:

Se o mal que Sua Alteza sente
Seja como é de calor
Tome o Duque por doutor
Que lhe ordene

Que o mesmo se desordene
Para curá-la melhor.
Coceira de tal maneira
Digo, com minha simpleza,
Que se de dentro viesse
O mal, como o que está fora,
Bem mais enfermo estivesse
O Duque que Vossa Alteza.

A vida de Germaine de Foix se extinguiu em 15 de outubro de 1536 em seu palácio de Lliria, em Valência. Foi ela a última rainha de Aragão, mas foi sobretudo a paixão proibida e secreta de um imperador.

17 Carlos I foi posteriormente imperador do Sacro Império Romano Germânico, como Carlos V, e por isso é aqui chamado “César”. (N. do T.)

18 Não se deve esquecer que passar dos cinquenta anos no século XV já era considerado atingir idade avançada.

19 Fernando, o Católico, se deslocava com frequência, ocupado com diversas atividades na Itália e no norte da África. Sobre a consideração com que tratava a esposa basta dizer que entre 1507 e 1516 Germaine foi nomeada lugar-tenente geral do reino de Aragão, com poderes para convocar as Cortes gerais em todo o território.

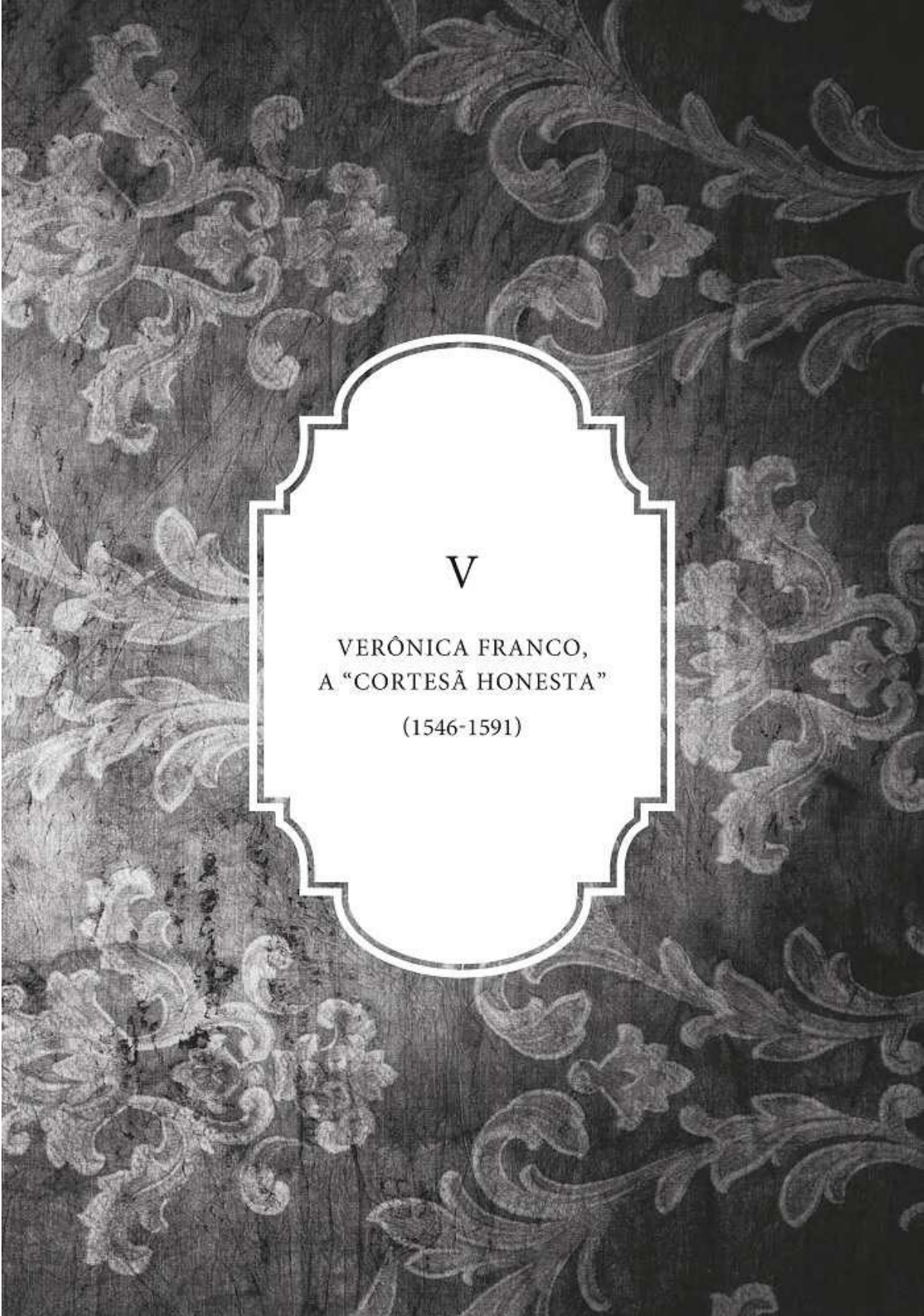
20 Supõe-se que se tratasse de infusões de cantáridas.

21 Título ao qual não tinha direito, por ser filha ilegítima.

22 Germaine era viúva de Fernando, o Católico, avô de Carlos I. Talvez por isso se refira a ele como “neto”. (N. do T.)

23 Quando depois o duque da Calábria, futuro viúvo de Germaine, enviou a cópia do testamento à imperatriz Isabel, futura esposa de Carlos I, voltar-se-ia a insistir em que a menina era filha de sua defunta esposa: “Com esta segue a cópia autenticada do dito testamento, para que por ela veja Vossa Majestade o legado das pérolas que deixa à Sereníssima Infanta Dona Isabel, sua filha”. (N. do E.)

24 Eram, respectivamente, filhos de Juana (Carlos) e Maria (Isabel), ambas filhas dos Reis Católicos.



V

VERÔNICA FRANCO,
A “CORTESÃ HONESTA”

(1546-1591)

Apenas de maneira esporádica Verônica Franco foi amante de um rei, mas mesmo assim merece um lugar de honra na história galante das monarquias. Junto com outras mulheres cultas e refinadas de sua época, ela foi um dos maiores expoentes da evolução do papel social da mulher no Renascimento e modelo por excelência das *cortigiane oneste*, isto é, as cortesãs honestas.

O Renascimento havia proporcionado certa medida de liberdade às mulheres. A exaltação do indivíduo como eixo da sociedade e senhor da criação atingiu também as mulheres, ainda que sob certas condições. De fato, desde a Baixa Idade Média vozes se haviam levantado para reclamar em favor das mulheres uma formação que lhes permitisse ocupar lugar no mundo da ciência, da cultura e das artes. Essas reivindicações foram apoiadas por pensadores renascentistas como Jean Louis Vives e Erasmus de Rotterdam, os quais escreveram manuais pedagógicos dirigidos à educação das meninas e inclusive se pronunciaram corajosamente com argumentos que hoje qualificaríamos de feministas. Assim, em sua *Utopia*, Thomas Moore tratou de temas como o divórcio, a possibilidade do sacerdócio feminino ou a igualdade de homens e mulheres na administração dos bens.

Os séculos XV e XVI foram os de Catarina Sforza, Vittoria Colonna ou Lucrecia Bórgia, que competiram com os homens nas terras italianas em talento político, cultura e até mesmo valor físico. Porém, especialmente na refinada Roma ou na rica Veneza, com elas compartilharam espaço e vida as chamadas *cortigiane oneste*. Eram meretrizes que uniam à beleza e distinção uma cultura ampla e mesmo certo domínio das artes e das letras, qualidades que lhes permitiam agir como autênticas companheiras dos varões não apenas no sexo mas também na conversação e na mesa. Nas palavras de Pietro Aretino, “Vênus se converteu em mulher de letras”. Evidentemente, essas mulheres refinadíssimas, cultas e dotadas de grandes qualidades para a vida social eram exceção no mundo da prostituição, no qual reinava a sordidez habitual. Por exemplo, em Veneza havia mais de três mil meretrizes recenseadas, mas somente cerca de duzentas eram consideradas *cortigiane oneste*. Duzentas mulheres privilegiadas que gozavam de liberdade, autossuficiência e acesso à cultura vedados tanto às mulheres do povo

comum como às filhas e esposas das grandes famílias da aristocracia e da burguesia. Inspiraram artistas e poetas, foram cultivadas; amantes do luxo e dos prazeres, puderam escrever e pintar e desempenharam um papel nada desprezível na Itália de seu tempo. Muitos nomes chegaram até nossos dias: Imperia, que inspirou a Rafael Sanzio o quadro *La ninfa Galatea*, as poetas Tulia d'Aragão ou Gaspara Stampa; mas entre todas destaca-se Verônica Franco.

Nasceu em Veneza em 1546, no lar de Francesco Maria Franco, veneziano pertencente à classe social dos “cidadãos”, a qual hoje chamaríamos “classe média”, e Paola Fracassa, famosa cortesã que ao casar-se abandonara o antigo ofício. A morte prematura de Francesco levou Paola a regressar à lucrativa profissão e é provável que, como Verônica era a mais velha das filhas, sua mãe a tivesse iniciado no ofício e que ambas o exercessem simultaneamente. Ambos os nomes aparecem na edição de 1572 da *Tariffa delle putane*, livro no qual estão catalogadas as duzentas e quinze cortesãs mais prestigiadas de Veneza, com suas respectivas tarifas. Nesse caso, o valor era o mesmo para ambas: dois escudos por noite, se bem que mais tarde se dizia que um beijo de Verônica valia quinze escudos e cinquenta davam direito a uma noitada completa em sua companhia.

Paola havia tentado dar à filha uma vida honrada e para isso arranhou-lhe um casamento quando ela tinha apenas dezesseis anos. O eleito foi Paolo Panizza, médico viciado em jogo e bebida que nada mais fez do que trazer grande sofrimento à esposa. Tanto que com somente dezoito anos e grávida do primeiro filho, Verônica tomou uma decisão pouco comum na época: separar-se do marido, reclamar o dote e tomar as rédeas da própria vida, ainda que para isso tivesse de prostituir-se. Não lhe seria difícil. Seu principal ativo era a beleza – pele muito branca e cabeleira avermelhada, olhos claros e feições delicadas – mas sua inteligência não era desprezível. Estudou incansavelmente, aprendeu maneiras e costumes sociais e não tardou em converter-se na cortesã mais admirada da cidade. Tintoretto (1518-1594) a retratou em várias ocasiões²⁵, quando ela já era uma das cortesãs mais prestigiadas de Veneza. As *cortigiane oneste* gozavam do privilégio de poder escolher seus amantes e Verônica o fazia sistematicamente com base na

classe social, fortuna, educação e principalmente cultura, o que lhe permitiu frequentar os homens que detinham o poder na cidade.

Não é de admirar portanto que no verão de 1574, quando Henrique de Valois anunciou sua próxima presença em Veneza, a *Signoria*²⁶ veneziana recorresse aos serviços de Verônica Franco. A morte súbita de seu irmão Carlos IX, rei da França, obrigara Henrique de Valois²⁷ a abandonar a posição de soberano eleito da Polônia e trasladar-se a Paris, a fim de ser entronizado como Henrique III. Veneza precisava da aliança com os gauleses, e nada melhor para consegui-la do que tornar inesquecível a estada do futuro rei na cidade de São Marcos. A *Signoria* se dispôs a receber o ilustre hóspede sem poupar gastos. Foram preparados concertos na igreja de São Marcos a cargo do célebre organista Andrea Gabrieli; Palladio, o maior arquiteto da época, construiu um arco triunfal no Lido e o Doge²⁸ havia organizado um banquete de três mil talheres em homenagem ao ilustre visitante, mas esse esbanjamento não parecia ser suficiente. Resolveu-se por isso oferecer-lhe um presente exclusivo: desfrutar durante uma noite da companhia de Verônica Franco, a mais bela, culta e refinada cidadã de Veneza.

Ela certamente possuía todas as qualidades para ser a melhor anfitriã do futuro rei da França em sua visita a Veneza, e assim foi, embora os ilustres cidadãos da cidade não houvessem levado em conta que a condição sexual do rei não parecia prenunciar que o “presente” fosse de seu agrado. Sabia-se que diversos rapazes favoritos de Henrique de Valois o acompanhavam por Paris vestidos de mulher e que seu casamento com Luísa de Lorena não produzira descendentes. É verdade, porém, que também se conhecia a existência de amantes como Louise de la Béraudière du Rouhet, Françoise Babou de la Bourdaisière e Renée de Rieux de Chateauneuf. De qualquer forma, ainda que não se soubesse o grau de intimidade ocorrido entre o monarca e a cortesã, é certo que este se mostrou tão contente com a noitada que a partir daquele momento a *Signoria* passou a contar com a aliança da França e Verônica melhorou sua posição nas altas esferas venezianas.

Nessa altura Verônica Franco já havia iniciado sua carreira literária. Contava com a amizade de Domenico Venieri, célebre petrarquista, que muito influenciou em seu desempenho. Mantinha relações simultâneas com dois sobrinhos

deste último, Marco e Maffeo. A diferença entre ambos era que enquanto o primeiro foi o grande amor da vida de Verônica, Maffeo acabou se tornando seu maior inimigo. As divergências começaram quando Maffeo dedicou à cortesã versos ofensivos que circularam livremente por toda Veneza, com o título *Verônica, vera unica puttana* (“Verônica, a única e verdadeira puta”). Ela, porém, demonstrando grande inteligência, em vez de considerar-se ofendida o desafiou publicamente para um duelo poético em dialeto veneziano, do qual saiu-se vencedora e plenamente consagrada como poeta. Tanto que em 1574 publicou suas *Terze Rime*²⁹ e um ano depois fez parte da antologia *Rime di diversi eccellentissime auttori nella morte dell’Ilustre Signore Estor Martinengo* (“Rimas de diversos excelentíssimos autores por ocasião da morte do ilustre Senhor Estor Martinengo”), compêndio poético em homenagem a um aristocrata de Bresca que morrera prematuramente.

Instalada em um belo palácio em Santa Maria Formosa, Verônica Franco converteu sua residência em um autêntico ateneu no qual se reuniam músicos, pintores e nobres e onde, além de desfrutar prazeres muito mais terrenos, apreciavam-se concertos, debates filosóficos e leituras de poesia. Um de seus mais ilustres visitantes foi Michel de Montaigne, que em 1580 fez uma escala em Veneza durante uma longa viagem pela França, Suíça e Itália em busca de remédio para seus crônicos cálculos renais. Em 7 de novembro, conforme relata o próprio escritor, jantou com Verônica e recebeu de presente um pequeno volume que ela mesma havia editado com o título *Lettere familiari e diverse* (“Cartas íntimas e variadas”). O livro, que reúne sua correspondência com diversos personagens da época, constitui um testemunho ímpar dos usos e costumes da Veneza do século XVI.

Poucos meses depois a cômoda vida de Verônica Franco chegou ao fim. Rodolfo Vannitelli, preceptor de um de seus quatro filhos – ela deu à luz em seis ocasiões mas somente quatro filhos passaram da primeira infância – e possivelmente amante despeitado, a denunciou ao Santo Ofício sob acusação de falta de zelo religioso e prática de feitiçaria. Encarcerada na prisão da Sereníssima, de pouco lhe serviram as excelentes relações com a cúria veneziana, que poderia lhe eximir de culpa. Embora tivesse sido absolvida, o processo marcou seu declínio definitivo e a perda de praticamente todos os seus bens. Pouco ou nada se sabe de seus últimos anos de vida. Retirada em

sua mansão, fez gestões com as autoridades venezianas a fim de conseguir a criação de um asilo para acolher cortesãs idosas ou enfermas e ensinar um ofício às que desejassem deixar a profissão. É provável, igualmente, que tenha trabalhado em novas obras literárias, que infelizmente não se conservaram. Apenas uma lacônica nota no registro do *Magistrato alla Sanità*, de 22 de julho de 1591, informa que “a Senhora Verônica Franco faleceu vítima de febres com a idade de quarenta e cinco anos”.

Sua morte representou o canto do cisne da idade de ouro das cortesãs venezianas. Mulheres fortes, instruídas e sensuais que, nas palavras da própria Verônica Franco, estavam “condenadas a comer com a boca alheia, dormir com olhos alheios e mover-se segundo os desejos alheios”. Possivelmente seu delito tenha sido o de adiantar-se a sua época.

25 *A dama que desvela um seio, Dânae, Retrato de uma dama.*

26 *Signoria* era o corpo de governo colegiado da “Sereníssima República de Veneza”.

27 Henrique era o quarto varão e sexto filho de Henrique II de França e Catarina de Médici. Em 1573, a delicada situação em que se achava a Polônia em seguida à morte sem sucessores de Sigmund II Jagellon obrigou os poloneses a garantir o apoio francês contra a Rússia – sempre desejosa de anexar o território vizinho – em troca da escolha de Henrique de Valois como seu soberano. Ele ocupou esse trono somente por alguns meses, já que a morte de seu irmão Carlos IX o converteu em rei da França.

28 O Doge era o principal magistrado de Veneza e membro da *Signoria*.

29 A “*terza rima*” é uma forma poética em tercetos, com rimas entrecruzadas, muito usada na Itália no Renascimento.

VI

DIANA DE POITIERS,
O ENCANTO
DA MATURIDADE
(1499-1566)

Em 17 de março de 1526, às margens do rio Bidasoa, toda a corte francesa se preparava para testemunhar o intercâmbio pactuado no Tratado de Madri. Por esse instrumento, Francisco I de França recuperava a liberdade após a batalha de Pavia e em troca entregava ao imperador Carlos V seus dois filhos, Francisco e Henrique, na qualidade de reféns. Este último, um menino de apenas sete anos de idade, parecia terrivelmente assustado. Não compreendia o que estava acontecendo; sabia apenas que iriam afastá-lo dos seus próximos e levá-lo para longe de sua terra. Aparentemente ninguém se importava com seu medo, solidão e desamparo. Ninguém, exceto a esposa do *sénéchal* da Normandia, mulher vinte anos mais velha do que ele, que se aproximou do menino, abraçou-o e beijou-o. Henrique nunca se esqueceria daquele beijo, o primeiro de muitos que receberia daquela bela e compassiva dama. Chamava-se Diana de Poitiers e se tornaria a mulher de sua vida.

Ela nascera no castelo de Saint Vallier (Drôme, França) em 3 de setembro de 1499. Era filha de Jean de Poitiers, conde de Saint Vallier, e sua mulher Jeanne de Batarnay. Educada com grande refinamento e possuidora de considerável formação cultural, acabava de completar quinze anos quando o pai resolveu casá-la com Louis de Brézè, *grand sénéchal* – cargo semelhante ao de vice-rei – da Normandia e neto de Carlos VII e de outra formosa e lendária dama, sua favorita Agnès Sorel.

Sem dúvida era um casamento muito conveniente para o senhor de Saint Vallier, mas não tanto para sua jovem filha, pois o marido era quarenta anos mais velho do que ela. Não obstante, contra os prognósticos de alguns e assombro de outros, Diana foi esposa fiel e abnegada e após enviudar em 1531 adotou o negro, o branco e o cinza como únicas cores para suas roupas em homenagem ao homem que tinha sido seu marido e pai de seus filhos. Talvez por essa conduta irrepreensível tenha-lhe sido permitido conservar os cargos do defunto marido e o título de *Sénéchale de Normandie*. Naquela altura, Diana há muito já tinha sido introduzida na corte. Em virtude da posição do marido, tornara-se dama de companhia de Cláudia de França, primeira esposa de Francisco I, de Luísa de Saboia, duquesa de Angoulême, e a partir de 1530, de Leonor de Áustria³⁰, futura esposa do rei, que pouco

depois chegaria de Madri em companhia dos dois pequenos príncipes dos quais se despediria nas margens do Bidasoa.

Cinco anos se haviam passado daquele beijo de despedida e o pequeno Henrique já completara doze anos. Porém, aparentemente, não havia esquecido o gesto de Diana e durante o torneio celebrado em honra de Leonor de Habsburgo, sua futura madrastra, inclinou seu estandarte diante de Diana como homenagem à formosa esposa do *sénéchal*. Pouco depois o casal de Brézè foi o anfitrião dos reis e seus filhos em suas propriedades de Anet en Dreux, não longe de Paris.

Foi uma estada festiva durante a qual alguns autores afirmam que entre Francisco I de França e Diana surgiu senão amor, pelo menos uma fagulha de paixão. Aponta nessa direção o perdão obtido ao pé do cadafalso pelo pai de Diana por haver participado em uma conspiração contra o rei, mas tampouco existem provas dignas de crédito que permitam confirmar a existência de uma relação amorosa entre a então Madame de Brézè e o monarca gaulês. No entanto, existem provas de que foi o próprio rei quem pediu a Diana que animasse seu irmão Henrique, rapaz atlético, atraente e hábil, porém de caráter triste e taciturno, apelidado “o belo tenebroso”. Os cinco longos anos de cativo em Madri haviam obscurecido o temperamento do jovem príncipe. Por isso, apesar de todas as condições necessárias para gozar a vida, Henrique se tornara retraído, pouco amigo de festas e constantemente triste. Francisco I soube perceber como curar os males que lhe toldavam a alma e Diana se transformou em seu melhor remédio. Cumprindo as ordens do rei, ela se dispôs a converter-se em “dama” do melancólico príncipe. Isto é, ao estilo dos livros de cavalaria e segundo a moda das cortes, iniciou uma relação na qual encarnava o amor puro e desinteressado para com seu cavaleiro, sem que entre ambos houvesse qualquer relação física.

Além disso, Francisco I já previra tudo. Na eventualidade de que a tentação fosse demasiadamente forte para o jovem príncipe, resolveu casá-lo em 1533 com uma moça italiana da mesma idade chamada Catarina de Médici. A jovem, filha de Lorenzo II de Médici, já deslumbrada pela perspectiva de ser princesa da França, pensou estar vivendo um sonho quando em 1536 a morte

de seu cunhado Francisco transformou Henrique em príncipe herdeiro da França e, conseqüentemente, abriu-lhe caminho para o trono.

De pouco adiantou, contudo, a precaução do rei. A paixão entre Henrique e Diana transbordou e a relação platônica não tardou a passar a outro plano. Apesar da diferença de idade, Diana aos quarenta anos continuava a ser uma mulher de grande beleza e imenso poder de sedução que mantinha totalmente subjugado o jovem príncipe, que acabava de ultrapassar os vinte. Henrique se entregou completamente a Diana. Mais do que amor, pode-se falar em fascinação: adotou as cores (negro, branco e cinza) de sua dama, assinava com meias-luas entrelaçadas – Diana, na mitologia romana, personificava a lua – e não havia assunto político ou diplomático em que não lhe pedisse conselho.

Entretanto, sua jovem esposa se mortificava. É verdade que não se tratava de mulher extremamente bela, mas era inteligente, bem preparada e além disso sensata e ambiciosa. O bom senso, portanto, a advertia de que sua posição estava em perigo; em mais de sete anos de casamento não havia conseguido dar um filho ao ainda príncipe herdeiro, mas este tinha uma filha bastarda, fruto de uma relação esporádica com uma bela piemontesa. Se ficasse demonstrado que Catarina era estéril, o Papa poderia muito bem anular seu matrimônio. Essa possibilidade não convinha a nenhuma das mulheres do príncipe Henrique. À esposa, porque acarretaria a perda do *status* de futura rainha; e à amante, porque a sucessora de Catarina poderia não aceitar uma situação que lhe permitisse permanecer na corte ao lado do amado. Assim, portanto, para ambas era melhor aliar-se.

Entre esposa e amante estabeleceu-se um pacto tácito que as fazia “odiarem-se cordialmente”. Evidentemente, o papel mais incômodo cabia a Catarina, porque seu poder na verdade se limitava a receber as honras da corte, e depois que Diana lhe trouxe médicos de sua confiança, a parir um filho após outro, até dar ao monarca dez descendentes, mas em nenhum caso lhe permitia influir minimamente sobre o marido e muito menos obter seu amor. É provável que a astuta italiana confiasse em que o tempo colocaria as coisas no lugar e acabaria com a lendária beleza de Diana a qual, como se fosse pouco, via-se multiplicada nas salas do palácio em uma infinidade de

estátuas, quadros e alegorias com a imagem da deusa caçadora – cujo nome levava a favorita –, e que invadiam todas as residências reais.

A morte de Francisco I acirrou as divergências. Henrique, já coroado rei, tratou de encher a amante de favores, adereços e propriedades. Entre essas, uma das “joias” da coroa: o castelo de Chenonceaux que a favorita se ocupou em enfeitar, ampliar e remodelar a seu gosto. Tantos e tão vistosos foram os presentes do rei a Diana que François Rabelais³¹ não hesitou em exclamar:

– O rei pendurou campainhas de ouro no pescoço de sua mula!

Convertida em duquesa de Valentinois por prerrogativa real, a influência de Diana não conhecia limites. Colocava seus amigos em postos do governo, influenciava a orientação da política externa e até mesmo se ocupava da educação dos filhos do rei e de Catarina, nomeando para tutor dos príncipes seu primo, o senhor d'Humières. Católica fervorosa, não tardou em empreender uma cruzada quase pessoal contra os huguenotes. Mas o fato de todos os bens confiscados destes últimos terem passado à propriedade de Diana permite sustentar uma dúvida mais do que razoável sobre a sinceridade de sua fé.

O rei passava a maior parte do dia junto a sua favorita. Nessa altura Diana já completara sessenta anos, mas continuava a manter considerável beleza e, sobretudo, um porte respeitável e uma elegância de modos que faziam com que apesar da situação irregular sua presença não fosse ofensiva para ninguém no palácio. Os artistas a tomavam como modelo, os poetas a celebravam, os cortesãos buscavam sua companhia, sem levar em conta os ciúmes cada vez maiores da rainha que, embora resignada em saber que a favorita era dona do coração do marido, não tolerava sua proeminência no palácio. O ciúme de Catarina de Médici chegava a ser doentio. Diz-se que chegou a idealizar um sistema para poder ver sem ser vista o que ocorria na alcova de Diana quando o rei a visitava. A consequência das sessões de espionagem eram autênticos ataques de ira entremeados de pranto e impropérios contra a favorita.

Mas ela nada podia fazer para separar os amantes. Apesar do transcurso dos anos, Henrique II de França continuava absolutamente fascinado por Diana. Como escreveu Joachim du Bellay (1522-1560), fundador do grupo poético La Pléyade, à duquesa de Valentinois:

Aparecestes
Como um milagre entre nós
Para que deste grande rei
Pudésseis possuir a alma.

Nas mãos de Diana, Henrique levava uma vida galante, rodeado de artistas e homens de letras, praticando a caça e organizando torneios em que entregava as armas aos pés de sua dama. Justamente durante uma dessas ocasiões, em 30 de junho de 1559, após a celebração do casamento por procuração de sua filha Isabel de Valois com Filipe II de Espanha, o monarca, envergando as cores de Diana, enfrentou o capitão da guarda escocesa Gabriel de Montgomery, e a lança do escocês penetrou no olho do rei. Uma terrível agonia de dez dias pôs fim à vida do monarca, a sua história de amor e à felicidade de Diana de Poitiers.

A hora de Catarina de Médici havia chegado. Ela não permitiu que Madame – como era chamada Diana no palácio – entrasse nos aposentos do moribundo. Somente ela permaneceu à cabeceira do rei e só ela tratou do funeral. Mais ainda, a favorita teve de conformar-se a ver passar o cortejo fúnebre de sua janela. Pouco depois Catarina exigiu que Diana devolvesse as joias, o dinheiro e a maior parte de suas propriedades, inclusive seu querido castelo de Chenonceaux. Em compensação, a rainha concedeu-lhe o castelo de Chaumont, onde também havia passado momentos felizes, mas depois da morte do rei ela apenas o visitou.

Acabrunhada, triste e derrotada, Diana se retirou para seu castelo de Anet, o mesmo que anteriormente, ao enviuar do *sénéchal* de Brézè, havia mandado decorar como um templo a sua pessoa, utilizando o mesmo *leit motiv* de Diana caçadora. Era o lugar onde ela e o marido haviam acolhido em um dia muito distante a família real e onde ela se transformara em “dama” de um

jovem cavaleiro chamado Henrique. Ali morreu, perdida em suas recordações, em 25 de abril de 1566.

30 Irmã de Carlos I de Espanha e V da Alemanha.

31 François Rabelais (1494-1553), escritor, médico e humanista francês, criador entre outros, dos personagens Gargantua e Pantagruel.

VII

ANA BOLENA,
A LENDA DO
REI BARBA AZUL
(1501-1536)

A lenda, a literatura e o cinema contribuíram para que Henrique VIII passasse à história como um autêntico Barba Azul. Não obstante, ao contrário do que comumente se acredita, apenas duas de suas esposas, Ana Bolena e Catarina Howard, conheceram o fio da lâmina do verdugo. Catarina de Aragão e Jane Seymour morreram de doença e de parto, respectivamente, e Anne de Clèves (cujo matrimônio foi anulado em 1540) e Catherine Parr sobreviveram ao rei. É muito provável que seu comportamento em relação a Ana Bolena tenha sido o que lhe rendeu a fama de sanguinário e cruel, quando na realidade foi um homem inteligente, excelente político, bom diplomata e amante das artes e letras que, ao longo de seu reinado, viu-se envolvido na espiral de intrigas e ambições da corte dos Tudor.

A verdadeira personalidade de Ana Bolena – inicialmente amante e em seguida esposa – ainda está por ser explicada. Intrigante e ambiciosa para uns, vítima inocente das artimanhas do ambiente em que vivia para outros, o certo é que sua morte foi um exemplo de dignidade e abnegação. A única coisa em que todos os seus biógrafos coincidem é que ela amou sinceramente o rei mas cometeu o erro de imiscuir-se em sua política, e essa foi sua perdição. Havia nascido na mansão familiar no condado de Kent em 1501³², onde cresceu em companhia de dois irmãos, Maria e George, até que o pai, Thomas Boleyn (ou Bolena), homem de confiança de Henrique VII, precisasse deslocar-se a diversas cortes europeias em missão diplomática.

Em uma dessas viagens a família Bolena fez uma escala em Flandres. Margarida de Áustria, governadora dos Países Baixos, ficou fascinada com a argúcia e os bons modos da pequena Ana e ofereceu-lhe um lugar em sua corte. Evidentemente, era uma oportunidade que não deveria ser desprezada. Flandres era uma das mais refinadas cortes europeias e núcleo de irradiação cultural. O pai, encantado, concordou e a pequena Ana morou em Malinas até 1514, quando o soberano inglês, Henrique VII, decidiu que ela se transferisse para Paris³³ a fim de juntar-se a sua irmã Maria na qualidade de dama de honra da princesa Mary Tudor³⁴, por ocasião de seu casamento com Luís XII de França. Poderia ter sido uma curta estada, já que a morte repentina do noivo três meses antes da boda obrigou Mary a regressar a Londres, mas isso

não aconteceu. A pedido da nova rainha, Claude de Valois, Ana permaneceu em Paris até 1522.

Ao voltar à Inglaterra, Ana Bolena se havia transformado em uma mulher verdadeiramente atraente. Delgada, de olhos profundos e escuros e abundantes cabelos negros que contra os usos da época costumava trazer sempre soltos, demonstrava esmerada educação, modos delicados e conversação inteligente. Era tão atraente que os que a rodeavam esqueciam um defeito físico imperdoável na época: tinha seis dedos na mão esquerda, ou mais exatamente cinco dedos e uma pequena excrescência que embora ela ocultasse impondo a moda de mangas exageradamente longas, podia ter-lhe causado graves prejuízos, já que essa deformidade era considerada na Inglaterra da era Tudor um sinal inequívoco de bruxaria.

Henrique VIII não deixou de notar a beleza de Ana. Naquela altura, o soberano tinha trinta e quatro anos, estava casado com Catarina de Aragão e era amante de Maria Bolena, irmã mais velha de Ana. Foi precisamente essa relação o que facilitou a entrada desta última na corte. Ao que parece, durante uma festa no palácio, ela dançou com tamanha competência e graça que Henrique VIII, fascinado, não hesitou em dirigir-se a ela e assegurar-lhe que, a partir daquele momento, estava a sua disposição.

Para aplinar o caminho, o monarca rapidamente afastou Maria Bolena da corte. Mesmo assim, Ana não estava disposta a facilitar as coisas para o rei. Resistia aos constantes cuidados de Henrique VIII, alegando sua condição de moça honesta e recatada. Em seguida ela mesma iniciava o namoro e enchia o enamorado soberano com uma série de gestos e até carícias aparentemente inocentes que lhe exacerbavam mais a paixão. Era uma estratégia muito inteligente. Não queria ser mais uma das muitas amantes³⁵ que já haviam passado pela alcova real. Queria ser rainha da Inglaterra. Para consegui-lo, jogaria todos os seus trunfos. Assim, resolveu tomar distância e partiu para Kent, sabendo que a nostalgia avivaria muito a paixão. Henrique VIII caiu na armadilha. Como um adolescente apaixonado, escrevia quase diariamente à amada expressando-se nos seguintes termos:

Nada sei de ti e o tempo me parece extremamente longo por que te adoro. Sinto-me muito infeliz ao ver que o prêmio de meu amor não é outro senão ver-me separado do ser a quem mais quero neste mundo.

O monarca também estava disposto a jogar duro. Convencido de que o obstáculo que o separava de Ana era sua situação de homem casado, resolveu acabar com o matrimônio com Catarina de Aragão, ainda que isso lhe custasse o confronto com a Igreja Católica. Evidentemente, sua ousadia não se devia exclusivamente ao amor que sentia por Ana Bolena. A política imperial de Carlos V impedia o desenvolvimento da Inglaterra como potência europeia e principalmente como senhora dos mares. Dados os laços de sangue que uniam o imperador com a rainha Catarina³⁶, qualquer decisão política estava previamente condicionada. A soberana era, portanto, um obstáculo à expansão da Inglaterra e aos desejos de seu rei.

Claro que para dissolver o casamento era preciso buscar uma explicação válida e contundente. O cardeal Wolsey a encontrou na Bíblia, especificamente em uma passagem do Levítico³⁷ que diz: “Não descobrirás a nudez da mulher de teu irmão”. Como Catarina havia sido “mulher de seu irmão”, pois quando contraiu matrimônio com Henrique era viúva de seu irmão Arthur, o rei decidiu que seu casamento não apenas era nulo, mas também incestuoso. Por outro lado, a dispensa dada oportunamente pelo Papa não seria válida, por contradizer uma proibição expressa da Bíblia. Era um tema defendido pela doutrina luterana, isto é, a inexistência da infalibilidade papal.

A rainha Catarina reagiu violentamente. Não apenas opôs-se a qualquer possibilidade de dissolução matrimonial mas, além disso, o fez com um poderoso argumento: seu primeiro casamento nunca havia sido consumado devido à extrema juventude e saúde debilitada do príncipe Arthur. A partir daquele momento, a corte passou a ter um assunto para entreter-se. Enquanto alguns cortesãos davam razão à rainha, outros asseguravam que o príncipe se gabava de ter conseguido “dobrar a tenaz resistência espanhola”. O certo é que Roma não desejava contrariar o imperador Carlos V. Dessa forma, o Papa Clemente VII se manifestou peremptoriamente: o matrimônio dos reis da Inglaterra era válido e portanto indissolúvel.

Henrique VIII e Ana Bolena não se deixaram vencer pelo desânimo. Sabiam que contavam com um poderoso aliado: o povo, que convencido de que o Papa não era mais do que um refém nas mãos do Império, colocou-se incondicionalmente ao lado deles. Por sua vez, certa da vitória, Ana Bolena acreditou ter chegado o momento de conceder seus favores ao rei.

O processo de nulidade se prolongou durante cerca de seis anos e provocou a ruptura com a Igreja Católica Romana. Não obstante, embora um tribunal inglês concedesse o divórcio ao soberano, este não se decidia a contrair o matrimônio pelo qual Ana tanto ansiava. Apesar disso, segura de sua posição, ela distribuía afagos e nomeações e ia criando a seu redor um grupo de fiéis que lhe garantia uma sólida posição na corte. Essa situação consolidou-se definitivamente em 1532, quando comunicou ao rei que estava grávida. A notícia encheu de júbilo o monarca, que imediatamente consultou astrólogos e magos que anunciaram o nascimento de um varão. Confiante, ele deserdou a pequena Mary, nascida de sua união com a rainha Catarina e casou-se com Ana Bolena, que em 1º de junho de 1533 foi coroada rainha da Inglaterra na Abadia de Westminster.

Três meses depois, em 7 de setembro de 1533, nasceu a princesa Elizabeth (Isabel I), que viria a ser uma das maiores soberanas britânicas. Porém, desiludido por não ser pai do ansiado varão, Henrique VIII começou a reduzir suas visitas à alcova da rainha. Vendo perigar sua posição, Ana Bolena propôs-se a favorecer o avanço do luteranismo na Inglaterra. A reforma religiosa era o único aval que lhe poderia permitir ser considerada rainha legítima e por isso ela facilitou o acesso a cargos eclesiásticos para pessoas abertamente reformistas, propiciando a livre circulação de livros que, como os de Lutero, até então estavam proibidos.

As circunstâncias mudaram em janeiro de 1536, quando o câncer acabou com a vida de Catarina de Aragão. Segundo a tradição, Henrique VIII celebrou a morte com uma festa no palácio e proibiu que a corte vestisse luto. Sua alegria durou pouco: vinte dias depois Ana Bolena deu à luz um varão, que lamentavelmente nasceu morto. O rei nem sequer se aproximou do leito da parturiente para consolá-la da perda. Já havia entrado em cena a jovem e delicada Jane Seymour e Ana Bolena representava o passado. Assim como

acontecera na hora de divorciar-se da primeira esposa, era preciso encontrar um bom motivo para desfazer-se da segunda. Quem o encontrou foi o conselheiro do rei, Thomas Cromwell³⁸, entusiástico defensor da retomada das boas relações com o Império, enquanto Ana Bolena era de opinião contrária e o manifestava abertamente.

Cromwell resolveu tirar Ana de seu caminho e com isso ganhar ainda mais pontos com o rei. Nos primeiros dias de maio de 1536 Ana Bolena foi acusada de adultério com um de seus mestres de dança, o qual, sob tortura, assinou uma confissão completa. A isso se juntou uma vasta lista de possíveis amantes, entre os quais foi citado seu próprio irmão, nenhum dos quais reconheceu as acusações. Dias depois, um júri do qual faziam parte o arcebispo Tomás Cranmer e o próprio Thomas Boleyn – que, incapaz de resistir à perda de suas propriedades, não hesitou em testemunhar contra a própria filha – declarou Ana Bolena culpada de traição, adultério e incesto e a condenou a morrer decapitada.

Foi conduzida à Torre de Londres e após a execução de seus possíveis amantes, Ana Bolena subiu a escada do patíbulo instalado no pátio de sua prisão. Antes havia mandado chamar o governador da fortaleza para jurar-lhe que jamais havia sido infiel ao esposo. Uma vez sobre o cadafalso quis dirigir-se aos presentes, dizendo:

Bons cristãos, estou aqui para morrer de acordo com a lei, e se ela me condena à morte, nada direi em contrário. Não quero acusar nenhum homem nem justificar-me das acusações contra mim, mas somente dizer-lhes que rogo a Deus que proteja o rei e lhe conceda um longo reinado, porque nunca houve príncipe mais generoso; para mim foi sempre bom, gentil e soberano. E se alguma pessoa apoia minha causa, peço-lhes que atuem conscientemente. Aceito, pois, minha partida deste mundo e só lhes rogo que rezem por mim. Senhor, tende piedade de mim! A Ti encomendo minha alma.

Em seguida, o carrasco fez seu trabalho.

No dia seguinte Henrique VIII contraiu matrimônio com Jane Seymour.

32 Contrariamente ao que se acreditava, Ana Bolena não nasceu em 1507; estudos recentes assinalam a data de 1501 como a mais confiável.

33 Parece que nessa ocasião foi acompanhada por sua irmã Maria, de quem se afirma que nesses anos foi amante de Francisco I de França.

34 Mary Tudor, duquesa de Suffolk. Não deve ser confundida com Maria Tudor, ou Maria I da Inglaterra, filha de Henrique VIII e Catarina de Aragão.

35 Entre as amantes mais conhecidas de Henrique VIII estão Elizabeth Blount, dama de honra da rainha Catarina, que lhe deu um filho, posteriormente reconhecido pelo rei, que lhe deu o título de duque de Richmond; Mary Berkeley, com quem teve dois filhos homens e Jane Dyngley, de quem nasceu uma filha chamada Ethel.

36 Catarina de Aragão era tia de Carlos V por ser irmã da mãe dele, Joana, a Louca.

37 Levítico, 18, 16-18.

38 Thomas Cromwell, primeiro conde de Essex (1485-1540) foi secretário de Estado e primeiro ministro durante o período de 1532 a 1540. Após cair em desgraça, morreu, como Ana Bolena, decapitado na Torre de Londres.

VIII

ISABEL DE OSÓRIO,
O PECADO
DO REI PRUDENTE
(1522-1589)

Filipe II é um dos personagens mais estudados da história da Espanha. No entanto, pouco se sabe de sua vida privada. O interesse dos historiadores em exaltá-lo para compensar a lenda sombria que o envolve o converteu em pessoa taciturna, mística, prudente para uns e hipócrita e fanática para outros. Uma imagem que só se ajusta aos últimos anos de sua vida, quando o soberano se converteu em solitário habitante do palácio El Escorial. Mas Filipe II foi também um jovem apaixonado que conheceu amores proibidos e teve de resignar-se com o matrimônio por razão de Estado.

Em 1541 Filipe II já não era o menino desamparado que perdera a mãe com apenas doze anos e nem, obviamente, o rei solitário e taciturno do mosteiro Escorial perpetuado pelas crônicas. Ao contrário, nascido em Valladolid em 1527, contava quatorze anos e era um adolescente louro e de olhos claros, de estatura mediana e certa elegância natural, que parecia mais disposto a gozar dos prazeres da vida do que das tarefas de governo. Essa atitude não deixou de preocupar o pai, Carlos I, que não apenas conhecia por experiência própria a tentação da carne mas sobre o qual também pesava uma dramática lenda familiar. Esta assegurava que o príncipe João, herdeiro dos Reis Católicos, havia morrido por causa de excessos sexuais cometidos após seu casamento com Margarida de Áustria.

Convencido de que, tal como proclamava a Igreja Católica, o casamento era “remédio para a concupiscência”, o imperador resolveu que havia chegado o momento de encontrar uma esposa para o príncipe. A tarefa era difícil, mas parecia que naquele momento o herdeiro imperial preferia a caça a outros prazeres terrenos³⁹ e, por isso, não era urgente decidir-se por uma candidata. Pode-se pensar portanto que, sem pressa, organizou-se um completo elenco de princesas europeias, entre as quais a francesa Marguerite de Valois e Juana de Albret, de Navarra, até que foi tomada a decisão por uma candidata definitiva: Maria Manuela de Avis, filha da tia do imperador, Catarina de Áustria e do rei D. João III de Portugal. Era, por todos os motivos, um matrimônio conveniente. A corte lusa, na época, era a mais rica da Europa, e uma noiva portuguesa assegurava uma injeção considerável de riqueza para

as exaustas arcas imperiais, além de garantir a paz nos territórios ultramarinos e evitar qualquer possibilidade bélica na Península Ibérica.

O contrato matrimonial foi assinado em Lisboa em 1º de dezembro de 1542. Poucos meses depois, o imperador partiu para a Alemanha a fim de conter a revolta dos príncipes protestantes da Liga de Esmalcalda⁴⁰ enquanto o futuro rei Filipe II, já consagrado como herdeiro de Aragão, permanecia na península como regente de Castela. Antes de partir, durante uma permanência na localidade de Palamós, na província de Gerona, consciente da falta de formação política do filho, Carlos V lhe escreveu uma longa carta⁴¹ na qual, juntamente com uma série de conselhos sobre o bom governo, acrescentava:

Filho, se Deus quiser, em breve vos casareis, [...] quero falar somente da exortação que vos tenho a fazer para depois de casado; e essa é, filho, como sois de pouca e tenra idade e não tenho outro filho, nem quero ter outros, convém muito que vos guardeis e não violenteis esses princípios, porque além de isso ser comumente prejudicial, tanto para o crescimento do corpo como para dar-lhe forças, muitas vezes provoca tanta fraqueza que dificulta gerar filhos e tira a vida, como fez com o príncipe D. João, e assim vim a herdar estes Reinos. Vede que inconveniente seria se vossas irmãs ou seus maridos tivessem de ser vossos herdeiros e que descanso para minha velhice seria se isso não ocorresse, e por isso deveis proteger-vos muito quando tiverdes vossa mulher. E porque isso é muito difícil o remédio é separar-vos dela o quanto antes, e assim vos rogo e recomendo que, após terdes consumado o matrimônio, com qualquer achaque vos afasteis e não torneis muito rapidamente nem amiúde a vê-la, e quando regressardes, que seja por pouco tempo.

Se Carlos V tivesse conhecido a princesa portuguesa e, mais ainda, se tivesse sabido como era a vida do filho nos últimos meses, possivelmente não teria sido necessária tanta literatura. Maria Manuela de Portugal nascera em Coimbra em 15 de outubro de 1527. Era alguns meses mais jovem do que Filipe e tinha sido criada na corte austera e piedosa de seus pais, João III de Portugal e Catarina de Áustria. Recatada e simples, havia herdado da mãe uma forte tendência à obesidade, que levou os complacentes cronistas da época a classificá-la como “mais gorda do que magra” ou, nas palavras de

Alonso de Sanabria, membro da casa de Medina Sidonia que fez parte do séquito nupcial, “com toda sua pessoa muito avultada”.

Mas o “remédio para a concupiscência” de Filipe não era que Maria Manuela tivesse, como registraram outros cronistas, o lábio caído, os olhos saltados ou o olhar apagado; a questão era que naquela altura o príncipe Filipe não se mostrava muito disposto a frequentar a esposa porque seus interesses estavam em outro lugar. Especificamente, na casa de sua irmã Maria, onde estava em gestação o que seria o romance mais passional do futuro “rei prudente”: sua relação com uma dama da infanta chamada Isabel de Osório.

O futuro monarca, não obstante, esforçou-se nos primeiros tempos do matrimônio para cumprir suas obrigações de marido, até que uma inesperada enfermidade cutânea – possivelmente sarna – o obrigou a afastar-se de sua jovem esposa por receio de contagiá-la. Quando, um mês depois, a convivência foi retomada, o ajudante de ordens do príncipe, Juan de Zúñiga, e o comendador-mor de León, Francisco de los Cobos, convencidos de que a dermatite do príncipe se devia a uma desmedida atividade sexual, tentaram por todos os meios fazer com que as visitas de Filipe ao dormitório da esposa fossem tão espaçadas quanto possível. Não lhes custou convencê-lo. Maria Manuela, àquela altura, estava grávida do que seria o príncipe D. Carlos, e o esposo, com a desculpa de respeitar seu estado, intensificou as visitas à pequena corte da irmã em Toro.

É provável que desde a infância Filipe II já conhecesse a mulher que lhe tirava o sono, pois ela havia pertencido ao serviço da Imperatriz. Isabel tinha nascido em Burgos em 1522, fruto do casamento entre um judeu convertido, chamado Pedro de Cartagena, e uma dama do lugar de nome Maria Rojas. No entanto, a morte prematura dos pais a levou a ser educada pelo tio, ajudante de caça da corte chamado Luís Osório, que não apenas lhe deu o sobrenome mas também a introduziu no palácio para servir à Imperatriz Isabel. Quando esta faleceu, a jovem passou a engrossar as fileiras das damas que atendiam à infanta Maria até seu casamento e, em seguida, a fazer parte da equipe doméstica da infanta Juana. Naquela altura, a infanta já se havia retirado para a cidade de Toro, em Zamora, onde mantinha um pequeno núcleo de cortesãos. Como sabemos, o então príncipe de Astúrias⁴² viajava

frequentemente para lá, atraído pelas caçadas na região e, depois, para encontros amorosos com Isabel que, sendo cinco anos mais velha do que ele e talvez mais experiente, lhe abriu caminhos ainda inexplorados.

Loura, de olhos claros e formas arredondadas, Isabel foi uma autêntica beleza segundo os padrões estéticos da época, na opinião unânime dos biógrafos do monarca. Além disso, parece ter possuído certa cultura, temperamento enérgico e boa dose de ambição, a julgar pela forma com que soube defender seus direitos no longo processo em que um ano depois enfrentou os vizinhos em seu retiro em Saldañuela (Burgos).

Os biógrafos de Filipe II não concordam entre si sobre até que ponto chegaram os ardores do jovem, e ao que se supõe, apaixonado príncipe. Certamente, no momento de estreitar os laços, os amantes se viram favorecidos pela rápida gravidez de Maria Manuela de Portugal. Pode-se pensar que Filipe, recém-casado e com a exuberância de seus vinte e poucos anos, vendo-se obrigado à abstinência que naquela altura lhe impunham a gravidez e a rígida norma de conduta sexual decretada pelo pai e por seus preceptores, tivesse se entregado plenamente aos braços de Isabel de Osório. A maledicência pretendeu até mesmo estabelecer um matrimônio fictício entre ambos, o que transformaria Filipe em bígamo no momento de seu enlace com Maria Manuela de Portugal. Isso não parece provável, já que não existe nenhum documento que o confirme. O boato talvez tenha sido lançado por Guilherme de Orange em sua *Apologie*, libelo em que deu asas à imaginação para injuriar Filipe de Espanha.

Por outro lado, dada a estrita vigilância que o imperador exercia sobre o filho, teria sido muito difícil que este contraísse matrimônio secretamente sem que o fato chegasse aos ouvidos do pai. Se isso tivesse acontecido, teriam sido imediatamente acionados os mecanismos legais necessários para torná-lo nulo. O equívoco pode ser atribuído a palavras da própria Isabel, que segundo o cronista Cabrera “pretendeu ser mulher do rei”. Aparentemente, nos anos de maturidade, a dama ostentava abertamente os vínculos que a haviam unido a Filipe. Na verdade, não se equivocava: de certa forma, tinha sido “a mulher” na vida do solitário do El Escorial.

Não obstante, a relação se tornou mais intensa depois da morte de Maria Manuela em 1545, em consequência do parto de seu primeiro filho. A prova é que em 1551, o ainda príncipe de Astúrias escreveu a seu cunhado e amigo Maximiliano II de Habsburgo:

Ontem vim para cá – Toro – onde penso divertir-me durante oito ou dez dias, para depois ir trabalhar em Madri...

E poucos dias depois, já em Medina del Campo a caminho da capital, acrescentou:

... não tenho outras novidades a contar mas deixei Toro com muita saudade.

Não se pode negar, portanto, que a relação com Isabel de Osório tenha sido muito mais do que uma ilusão passageira ou um intercâmbio puramente sexual. A íntima amizade durou quase quinze anos, com as interrupções provocadas pelas longas estadas de Filipe em Flandres e na Inglaterra. Mais do que isso, existe a possibilidade de que Isabel estivesse profundamente apaixonada por Filipe, pois jamais se casou e não se conhece outro homem em sua vida que não fosse o monarca. O então príncipe de Astúrias era homem atraente e gentil que em nada se parecia com o ancião ascético e perpetuamente enlutado de seus últimos anos e que a enchia de atenções e presentes. Não apenas a fortuna em dinheiro, propriedades e joias que Isabel recebeu de seu “régio amparo”, nas palavras de Manuel Fernández de Álvarez, constitui prova do afeto que Filipe tinha por ela senão, como veremos adiante, também o fato de que ele a perpetuou na arte.

Para isso houve um cúmplice excepcional: Ticiano. Filipe havia conhecido o pintor na Itália e entre ambos surgiu uma amizade que foi muito além da relação entre um pintor e seu mecenas. Não admira, portanto, que o príncipe contasse com sua cumplicidade quando, ao encomendar-lhe uma série de quadros inspirados nas Metamorfoses de Ovídio, pedisse que a protagonista de uma dessas telas, *Dânae recebendo a chuva de ouro*, tivesse as feições de Isabel de Osório. O resultado foi um quadro carregado de erotismo no qual

uma mulher sensual e oferecida, de formas exuberantes e expressão tentadora, se expõe aos olhos de quem a contempla.

Filipe II nunca se separou do quadro. Pouco depois de recebê-lo, em 1554, submetendo-se aos desejos do pai e a suas obrigações dinásticas, partiu para a Inglaterra a fim de casar-se com a rainha Mary Tudor. Em sua bagagem, *Dânae* ocupava lugar de honra. Além disso, um segundo quadro da série, *Vênus e Adonis*, no qual a deusa procura inutilmente reter o amado, foi enviado diretamente do estúdio veneziano de Ticiano para Londres. Nesse caso Vênus é quem tem as feições de Isabel de Osório. Assim como a deusa, a amante do príncipe tampouco conseguiu mantê-lo a seu lado.

Não é necessária muita imaginação para pensar nas muitas horas que o futuro Filipe II deve ter passado contemplando o retrato de sua amada, enquanto a infeliz e esquecida Mary Tudor, tão apaixonada quanto pouco correspondida, suspirava por ele. É verdade que a confecção de pinturas eróticas para que os príncipes as desfrutassem na intimidade era costume habitual, mas procurar reproduzir em um quadro as feições da amada vai mais além do que um simples passatempo erótico. Foi, sem dúvida, a necessidade que um homem apaixonado tinha de manter junto a si a imagem da mulher que amava.

Alguns anos depois, a longa estada de Filipe na Inglaterra e em Flandres, unida à certeza de que durante sua ausência o monarca não lhe tinha sido fiel, levou Isabel de Osório a retirar-se da corte. Isso ocorreu em 1556. Nessa altura Filipe se encontrava em Bruxelas, onde costumava frequentar uma dama flamenga chamada Madame d'Aller. Não era nenhum segredo. O próprio embaixador veneziano Micer Badoero escreveu ao governo da República: “...estive em casa de Madame d'Aller que é considerada muito formosa e pela qual parece estar muito apaixonado”. Não era a primeira vez em que o príncipe era infiel não só em relação à esposa, Mary Tudor, mas também à amante Isabel de Osório. Durante a permanência na Inglaterra ele manteve relações com algumas damas da corte inglesa e além disso, para desespero da rainha infértil, o resultado pode ter sido algum bastardo, opinião compartilhada por algumas biógrafas da rainha.

Provavelmente a notícia chegou aos ouvidos de Isabel de Osório. O que comprovadamente lhe chegou foram os quatro milhões de maravedis⁴³ enviados de Bruxelas por Filipe, pouco tempo depois. Ninguém poderá saber se foi uma compensação pelo esquecimento, pela traição, ou uma gratificação pelos serviços prestados. O certo é que com essa pequena fortuna a dama de Burgos resolveu retirar-se da vida cortesã. Para isso comprou do Conselho de Fazenda de Castela a jurisdição civil e criminal de toda a zona correspondente ao curso do rio Ausín, entre Olmos, Albos e Sarracín, em cujo ponto final, exatamente em uma aldeia chamada Saldañuela, mandou construir um belo palácio que até hoje está de pé.

A construção só foi concluída em 1560. É uma enorme mansão de estilo italiano, edificada com pedra calcária das pedreiras de Hontoria, erguida sobre uma torre medieval anterior e na qual, segundo a tradição, foram construídas escadarias muito amplas para que o rei pudesse chegar a cavalo até os aposentos de Isabel, que não perdia a esperança de recuperá-lo. Era um edifício sóbrio, com aspecto de casa monástica, cujo único adorno era um formoso pórtico na fachada principal, engalanado por seis colunas cilíndricas com capitéis coríntios e sobre o qual se abria uma galeria de arcos com balaustrada de pedra.

Naquela altura, Isabel já não era a mulher sensual e alegre pela qual o jovem príncipe Filipe se apaixonara. Os anos de solidão a tinham amargurado, enquanto seu papel de amante real a convencera de ser rainha sem coroa. O resultado foi uma atitude quase despótica que a fez ganhar a animosidade dos vizinhos de Saldañuela. Por isso, a nova senhora da localidade teve de enfrentar um longo processo, bem documentado no Arquivo Geral de Simancas, além de precisar esquivar-se das contínuas confrontações com os habitantes, que se queixavam das multas e detenções impostas pelos zelosos servidores de Isabel, os quais até mesmo encarceravam os que pescavam ou caçavam em seus domínios.

Nas terras de Burgos, Isabel agiu como rainha e senhora absoluta de suas posses. Não tinha podido ser esposa de um rei, mas quis ser rainha de seus domínios. Uma soberana que, no entanto, não contou com a aquiescência dos súditos, os quais, fartos de suas pretensões, acabaram por chamar o palácio de

“casa da puta do rei”. Isso não deve tê-la incomodado demasiadamente, e ali ela residiu até morrer.

Teria vivido sozinha ou em companhia dos filhos? Alguns autores assinalam que da relação entre o rei e sua dama podem ter nascido dois filhos, aos quais inclusive se atribuem nomes: Bernardino e Pedro. A favor dessa teoria estão a generosidade do rei para com ela e o fato de que Isabel deixou seus bens a um certo Pedro de Osório, que foi enterrado na mesma sepultura e a quem ela apresentou em seu testamento como “um sobrinho”, talvez tentando disfarçar a origem ilegítima dele. De qualquer forma, a possível existência de bastardos é somente uma especulação.

Talvez procurando expiar os presumidos excessos de sua vida passada, Isabel de Osório mandou erguer um convento diante do palácio e o cedeu à Ordem das Religiosas Trinitárias. Não obstante, por ocasião de sua morte, ocorrida em 1589, seus restos não foram sepultados naquele lugar, mas na ermida próxima de Santo Cristo de los Buenos Temporales. Passara os últimos trinta anos de sua vida voluntariamente encerrada em Saldañuela, reclusa em suas recordações e esquecida por todos. Esquecimento ao qual, junto com outras amantes do rei – Eufrasia Guzmán, Magdalena Dacre, Catalina Laínez, Elena Zapata – fora condenada pela história oficial, que transformou Filipe em um soberano sem mácula quando na verdade, apesar de ter sido o monarca mais poderoso da época, era simplesmente um homem.

39 Seu preceptor, Juan Martinez de Guizarro (1477-1557), Silíceo, lhe havia escrito: “A caça é atualmente a coisa a que mostra mais dedicação, [...] é bom que com essa idade de quatorze anos, na qual a natureza começa a sentir fraquezas, Deus tenha dado ao príncipe tanta vontade para a caça e que nela a maior parte do tempo ele se ocupe”.

40 A Liga de Esmalcalda foi uma aliança de príncipes protestantes do Sacro Império Romano-Germânico formada no século XVI contra o imperador Carlos V. Seu nome é uma latinização do nome da cidade de Schmalkalden. (N. do T.)

41 As célebres *Instrucciones*.

42 O herdeiro do trono espanhol tem sempre o título de príncipe de Astúrias. (N. do T.)

43 Maravedi era o nome dado a moedas cunhadas na Espanha entre os séculos XI e XIV. (N. do T.)

IX

MADAME DE MONTESPAN,
A RAINHA DOS VENENOS

(1640-1707)

Quando, em junho de 1667, Luís XIV de França proibiu sua favorita Louise de la Vallière (1644-1710) de integrar o cortejo de sua despedida para a guerra de Flandres, a mulher que fora até então a amante do “Rei Sol” compreendeu que seus dias de glória haviam terminado. Desconhecia o motivo. Mas não tardou a saber a causa do desdém real. Chamava-se Françoise Athénaïs de Rochechouart de Mortemart, marquesa de Montespan, nascera no castelo de Lussac-les-Châteaux em 5 de outubro de 1640 e era loura, de insinuante olhar azul e formas tão arredondadas quanto voluptuosas. Madame de la Vallière a conhecia bem: eram amigas íntimas. A traição, portanto era dupla. O mesmo deve haver pensado a rainha Maria Teresa de Áustria, já que Madame de Montespan era uma de suas damas de companhia.

De qualquer forma, tanto elas como o restante da corte não duvidavam de suas virtudes para converter-se na nova *maîtresse-en-titre*, com os privilégios que isso acarretava. Sua contemporânea, a escritora madame de Sévigné⁴⁴, dizia a seu respeito que “sua compostura era digna de sua beleza e sua alegria estava à altura da compostura”. Havia apenas um problema: era casada. Mais ainda, o marido, Louis Henri de Pardaillan de Gondrin, marquês de Montespan, com quem ela tivera dois filhos, Marie-Christine e Louis Antoine, não compartilhava absolutamente da opinião de Molière, que em sua comédia *Anfitrião* – segundo muitos autores uma crítica à vida galante de Luís XIV – assegurava que “dividir o amor com Júpiter⁴⁵ não é nenhuma desonra”. Assim, ao descobrir os amores de sua esposa com o rei, ele os tornou públicos com grande estardalhaço e por causa disso acabou preso, sob acusação de lesa-majestade e desacato à autoridade. Quando, meses depois, foi libertado e refugiou-se em sua casa em La Guyenne, mandou forrar suas carruagens com panos fúnebres e organizou a celebração do funeral da esposa na capela, declarando-a oficialmente morta. Em mais uma explosão de sarcasmo anunciou que entraria pela maior porta da igreja, porque seus enormes chifres não lhe permitiam fazê-lo por outras menores.

O escândalo pouco importava ao rei. Durante algum tempo, antes de defenestrar definitivamente Madame de la Vallière, exibira-se sem nenhum recato com duas amantes de uma vez. Para alguma coisa valia ser o “Rei

Sol”, senhor absoluto da França. Sem dúvida Luís XIV era homem de poderosa personalidade, que soube dar uma marca singular a seu reinado e também ao entorno mais próximo. Amante do luxo, da etiqueta e do refinamento, dotado de grande carisma pessoal e sagacidade política nada desprezível, conseguiu tamanha simbiose entre a sua pessoa e o seu reino que suas qualidades pessoais acabaram por tornar-se sinal e símbolo da cultura francesa. De certa forma, pode-se dizer que suas amantes não eram apenas as *maîtresses-en-titre* do rei, mas de toda a França, porque a França era o rei. Por esse motivo elas eram reverenciadas e ocupavam um lugar na corte. Quando faziam o monarca feliz, todo o reino ficava feliz.

Luís XIV, além disso, contava com um cenário único: Versalhes. O que havia sido um simples terreno de caça acabou convertendo-se no palácio mais suntuoso daquele tempo. Em seus salões Luís XIV brilhou como “Rei Sol”, capaz de fazer desaparecer qualquer nuvem que pudesse toldar o céu da França, enquanto suas amantes eram os planetas que giravam a seu redor.

Nesse ambiente reinou Françoise-Athenaïs. Ela o fez, aliás, com tanto esplendor que um ano depois de iniciar sua relação com o rei já ocupava vinte quartos do apartamento real no primeiro andar, enquanto a rainha dispunha somente de onze, no segundo pavimento. O rei não poupava nada para sua favorita, que além de bela era loquaz, culta e de modos elegantes. Não obstante, sua ambição exagerada e um certo exibicionismo a faziam chegar ao limite da vulgaridade, devido a sua propensão a vestir sedas bordadas a ouro e exibir infinitos adereços. Assim a descreveu Madame de Sévigné em carta dirigida a filha: “Madame de Montespan apareceu coberta de diamantes: é impossível competir com o esplendor de tão brilhante divindade” – e continuava: “A devoção que inspira ao rei é maior do que nunca. Os dois se devoram com os olhos: nunca se viu um amor manifestado de maneira tão evidente”.

O rei não lhe negava nada. Nem a ela nem aos sete filhos⁴⁶ que nasceram da relação. Basta dizer que um deles, por exemplo, já era coronel aos cinco anos de idade e que todos, sem exceção, foram legitimados. Privilégios, domínios, dinheiro – tudo parecia pouco para a ambiciosa amante do rei que via sistematicamente satisfeitos todos os seus caprichos. No entanto, essa

situação idílica não duraria para sempre. Pelo contrário, viu-se bruscamente interrompida em 1679.

Concedamos novamente a palavra à correspondência de Madame de Sévigné: “Vivemos em constante agitação [...] Ninguém poderia suspeitar de tal infâmia. O silêncio oficial é completo, mas indagamos em todas as casas para estar a par da situação. Todos, sem exceção, nos tornamos muito curiosos”. Que teria acontecido para que a corte inteira e toda a França se alterasse de tal modo? Simplesmente havia estourado o conhecido “caso dos venenos”.

Tudo começou na casa de uma suposta vidente, Marie Bosse, que em uma reunião social não hesitou em explicar que em companhia de uma certa Madame de Vigoureux se dedicava a lançar as cartas aos principais expoentes da corte de Versalhes. O problema foi que contou – sem qualquer resquício de prudência – que além de praticar diversas formas de adivinhação, havia facilitado vários métodos convenientes para livrar-se de um ou outro marido importuno.

Devidamente alertado, um sagaz comissário de polícia chamado Desgraz resolveu preparar uma armadilha para a presumida vidente: mandou a esposa de um de seus homens consultar Madame Bosse pedindo que lhe ensinasse um feitiço para livrar-se do marido. Bosse foi extremamente obediente: em vez de perder tempo com feitiçarias, recomendou-lhe que utilizasse o conteúdo de um frasco que não era senão uma dose letal de arsênico. Foi imediatamente detida junto com duas de suas cúmplices: Madame de Vigoureux e Madame de Voisin. Nos domicílios das três foi encontrado veneno, sangue humano, vísceras de animais e pó de cantáridas⁴⁷. Confessaram, além disso, que praticavam abortos e realizavam missas negras nas quais chegavam a sacrificar crianças de menos de um ano. A própria Voisin reconheceu que não apenas havia ministrado veneno a suas vítimas mas também queimara no forno de sua casa ou enterrara no jardim cerca de dois mil e quinhentos fetos. E não era tudo. As três presas foram a ponta do novelo que era preciso desfiar para se chegar a um numeroso grupo de supostos magos, feiticeiros, alquimistas e envenenadores, isto é, um autêntico submundo escondido sob a opulência harmônica e o dourado brilhante de Versalhes.

Horrorizado, Luís XIV determinou às autoridades a convocação de uma corte especial de justiça chamada Câmara Ardente, destinada somente a casos excepcionais e que tinha esse nome por celebrar suas sessões à luz de tochas e com os assentos dos juízes e advogados cobertos com panos negros, à maneira medieval. A comissão interrogou e julgou mais de trezentas pessoas, das quais trinta e seis foram condenadas à morte, e as restantes foram condenadas a diversas penas de prisão ou desterro, conforme sua participação nos fatos. Todas, sem exceção, asseguraram que tinham entre seus clientes ou adeptos personagens de linhagem nobre que frequentavam a corte. Entre eles Madame Voisin incluiu a cunhada de Madame de Montespan.

Talvez tudo terminasse ali se após a morte de Madame de Voisin na fogueira sua filha Marguerite não tivesse se apresentado voluntariamente para prestar declarações. A moça apontou, sem vacilação, não a cunhada mas a própria Madame de Montespan como uma das principais clientes da mãe. Insistiu em dizer que havia visitado várias vezes a casa dela, que havia preparado bruxarias e sortilégios e, pior ainda, que havia utilizado os feitiços da mãe para que o rei desprezasse Madame de la Vallière; além disso, que ela havia pretendido envenenar o monarca, coisa que não foi levada em consideração, por ser evidente que não se interessaria de forma alguma em acabar com seu próprio meio de vida. Não obstante, o testemunho foi ratificado, para horror do monarca, por vários réus que asseguraram até mesmo tê-la visto assistindo a algumas das sinistras missas negras celebradas em casa de um feiticeiro chamado Lesage, o qual corroborou essa declaração. Os interrogatórios se prolongaram até julho de 1682 quando, depois de realizadas diversas execuções, a Câmara Ardente foi encerrada. Naquela altura, Françoise Athenais já havia sido substituída por outra formosa cortesã: Françoise d'Aubigné⁴⁸, mais conhecida como Madame de Maintenon (1635-1719), professora dos filhos que teve com Madame de Montespan, mulher de origem humilde, porém tão doce e austera quanto vaidosa e intrigante, como sua antecessora.

A marquesa de Montespan não foi acusada e tampouco levada à justiça. Mais do que isso, anos depois o próprio Luís XIV mandou queimar, em seu leito de morte, parte dos documentos que a implicavam no escândalo. Era mãe dos filhos do rei e portanto era necessário agir com cautela. Seu castigo, porém,

foi o que possivelmente mais temia: o desprezo do monarca. Para começar, deslocou-se a novos apartamentos em Versalhes, mais simples e principalmente mais distantes dos ocupados pelo soberano, que em público nem sequer lhe dirigia a palavra. Sem poder suportar por mais tempo a situação, a antiga favorita se retirou em um convento, a Comunidade de Saint Joseph. Não voltou à corte nem mesmo para assistir ao casamento dos filhos. Entregou a maior parte de suas posses aos pobres, trabalhava na horta e mortificava-se. Passado algum tempo, quando considerou ter expiado sua culpa, regressou a suas propriedades de Bourbon-l'Archambault, onde passou os últimos anos assaltada por superstições e temores. Dormia com archotes acesos, temendo que na escuridão lhe aparecesse o demônio, e era sempre acompanhada por suas damas até que o sono a vencesse, para que com a conversação evitassem todo tipo de pensamentos funestos. Finalmente, em 27 de maio de 1707, após fazer uma confissão pública, morreu dando graças a Deus por haver-lhe permitido falecer longe dos filhos, aos que chamou “fruto de seu pecado”. Talvez continuasse convencida de que sua relação com o rei tivesse sido resultado de feitiçaria.

39 Seu preceptor, Juan Martinez de Guizarro (1477-1557), Silíceo, lhe havia escrito: “A caça é atualmente a coisa a que mostra mais dedicação, [...] é bom que com essa idade de quatorze anos, na qual a natureza começa a sentir fraquezas, Deus tenha dado ao príncipe tanta vontade para a caça e que nela a maior parte do tempo ele se ocupe”.

40 A Liga de Esmalcalda foi uma aliança de príncipes protestantes do Sacro Império Romano-Germânico formada no século XVI contra o imperador Carlos V. Seu nome é uma latinização do nome da cidade de Schmalkalden. (N. do T.)

41 As célebres *Instrucciones*.

42 O herdeiro do trono espanhol tem sempre o título de príncipe de Astúrias. (N. do T.)

43 Maravedi era o nome dado a moedas cunhadas na Espanha entre os séculos XI e XIV. (N. do T.)

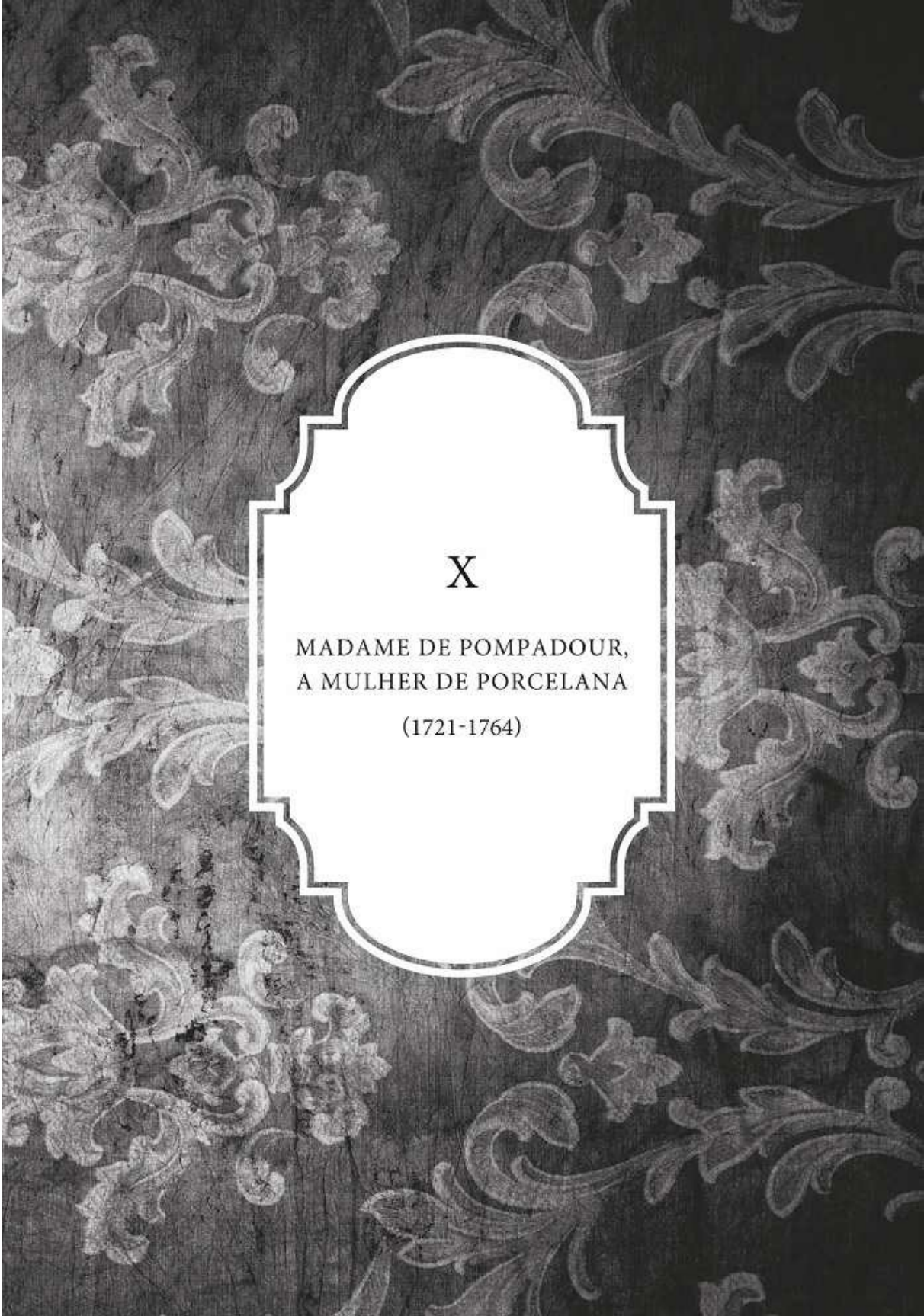
44 Marie de Rabutin-Chatal, marquesa de Sévigné (1626-1696) foi uma escritora francesa cujas cartas à filha constituem detalhado testemunho da corte de Luís XIV.

45 Metáfora para o rei.

46 Louise Françoise (1669-1672); Louis Auguste de Bourbon, duque de Maine e abade de Saint Germain des prês (1670-1736); Louis César de Bourbon, conde de Vexin (1672-1683); Louise François de Bourbon (1673-1743); Mademoiselle de Nantes, que se casou com Louis de Bourbon, príncipe de Condé; Louise Marie Anne de Bourbon, Mademoiselle de Tours (1674-1681); Françoise Marie de Bourbon, Mademoiselle de Blois (1677-1749), esposa de Philippe d'Orléans, duque de Chartes; e Louis Alexandre de Bourbon, (1678-1737), conde de Toulouse.

47 As cantáridas são certo tipo de insetos que se acreditava possuírem virtudes afrodisíacas. (N. do T.)

48 Luís XIV contraiu matrimônio morganático secreto com Madame de Maintenon em 1683.



X

MADAME DE POMPADOUR,
A MULHER DE PORCELANA

(1721-1764)

Madame de Pompadour é o paradigma das favoritas de Versalhes, porém foi muito mais do que uma das muitas e frívolas amantes de Luís XV. Era uma mulher culta, bondosa e inteligente que não só amou sinceramente o monarca mas também soube aproveitar e apreciar as vantagens que sua condição de *maîtresse-en-titre* lhe dava para agir como mecenas, proteger a criação da *Encyclopédie*⁴⁹ de Diderot e d'Alembert, as pesquisas de Helvetius⁵⁰ ou do naturalista Buffon⁵¹ e favorecer as manufaturas reais como a fábrica de porcelana de Sèvres que, em sua homenagem batizou uma tonalidade de rosa como “rosa Pompadour”.

Jeanne-Antoinette Poisson nasceu em Paris, em 29 de dezembro de 1721. Era a segunda filha do casal formado por Jean Poisson e Madeleine de la Motte. O pai, financista endinheirado, tivera alguns problemas com a Fazenda Pública que o obrigaram a exilar-se de Paris. No entanto, Madeleine de la Motte, pertencente a uma família de mais prestígio que a do marido, continuou sua movimentada vida social nos círculos mais elitistas da capital e consolou-se da solidão com outro financista, Charles Le Normant de Tournehem. Talvez devido à situação irregular os filhos do casal, Abel e Jeanne-Antoinette, foram levados para longe de Paris e criados em internatos separados. A menina, especificamente, foi educada com as ursulinas de Poissy, onde as colegas, como se adivinhassem seu futuro, a apelidaram *Reinette*⁵².

Foi precisamente o amante da mãe, Charles Le Normant de Tournehem, quem achou que a menina merecia mais do que um internato. Era homem culto e bem relacionado, e não tardou em perceber na pequena *Reinette* uma série de qualidades intelectuais que era necessário desenvolver a fim de assegurar-lhe um bom futuro. Assim, fê-la regressar a casa aos quinze anos, proporcionou-lhe os melhores professores e arredondou uma cuidadosa formação que ao mesmo tempo a preparava para a gestão financeira, o conhecimento das ciências e o domínio das artes.

Uma vez completada sua educação, Le Normant a introduziu nos círculos mais refinados da Paris intelectual. Pouco depois, aos vinte anos, casou-a

com seu sobrinho Charles Le Normant d'Etioles, filho do Tesoureiro Geral da Moeda⁵³, homem pouco atraente embora culto e refinado, que imediatamente apaixonou-se perdidamente por Jeanne⁵⁴. Orgulhoso da esposa, d'Etioles a apresentou nos melhores cenáculos intelectuais e nos círculos sociais mais estimados de Paris. Dessa forma, Jeanne, já como Madame d'Etioles, frequentou o salão literário de Madame Geoffrin⁵⁵, ingressou no círculo financeiro do duque de Ivernois e se relacionou com personagens do porte de Montesquieu⁵⁶ e Marivaux⁵⁷. À recém-casada, por sua vez, não faltava iniciativa, e em seu castelo de Etioles organizava grandes festas, caçadas e banquetes em que participavam as figuras mais ilustres da sociedade parisiense da época. Nem por isso descuidava da vida da família. Em Etioles deu à luz seu primeiro filho, em 1741, um menino que morreu poucas semanas depois, e em 1744 sua filha Alexandrine, pela qual tinha verdadeira adoração.

Além de culta, Jeanne-Antoinette era mulher extremamente atraente. De traços delicados e pele de nácar, cumpria todos os requisitos da época para ser considerada uma beleza. O monteiro-mor⁵⁸ de Versalhes, bom amigo de Monsieur e Madame d'Etioles, a descreveu em suas memórias como “de estatura superior à comum, esbelta, graciosa [...] rosto ovalado, regulado e suave, dentes bonitos e bem colocados, sorriso natural, cabelos louros com tendência ao castanho claro, longos cílios, pele macia, branca e rosada com um brilho de madrepérola e sobretudo olhos fascinantes de um encanto tão especial que não era possível determinar sua cor”. Se essa descrição chegou a Luís XV, não admira que um homem tão dedicado à companhia feminina quisesse conhecer essa jovem dama da qual Paris inteira falava.

Com esse objetivo ela foi convidada em 24 de fevereiro de 1745 a um baile à fantasia em Versalhes, durante o qual apresentou-se ao soberano. Após o baile o rei tinha de assistir a outra celebração de carnaval popular e pediu à então Madame d'Etioles que o acompanhasse. Quando se despediram já havia outro encontro combinado, ao qual se seguiram muitos mais. Os rumores não tardaram em chegar à corte, embora não fossem confirmados senão em setembro do mesmo ano quando, recém-nomeada Marquesa de Pompadour e de Ménéars, Jeanne-Antoinette pediu a separação do esposo, instalou-se em

Versalhes e foi reconhecida oficialmente como *maîtresse-en-titre*. Tinha 23 anos e acabara de entrar para a história.

Instalou-se em um apartamento de pequenos aposentos no segundo pavimento, situado na ala direita do palácio de Versalhes, exatamente acima do quarto do rei e de onde podia contemplar o bosque de Marly e as colinas que margeiam o Sena. Sua relação com Luís XV durou dezenove anos e embora os encontros íntimos cessassem no inverno de 1752, Madame de Pompadour continuou sendo confidente, amiga fiel e a melhor conselheira do rei.

Jeanne conhecia muito bem a personalidade de Luís XV. Órfão desde os dois anos, rei desde os três, havia crescido entre preceptores e regentes, sempre rodeado por intrigas políticas e interesses da corte, o que o levava a desenvolver temperamento reservado, melancólico e pessimista que se caracterizava por mudanças bruscas de humor. Jeanne-Antoinette soube compensar suas carências afetivas. Agiu como boa burguesa cercando-o de certo calor doméstico enquanto fomentava seus interesses culturais e lhe oferecia perfeita alternativa à etiqueta de Versalhes e à repetitiva vida social da corte.

Madame de Pompadour lançou a moda de representações teatrais, recitais líricos e tertúlias literárias ou científicas e soube cercar o rei com um grupo de pessoas fiéis que o faziam sentir-se à vontade e até mesmo protegido. Organizava jantares sem o cerimonial próprio de Versalhes, nos quais o rei compartilhava a mesa com o restante dos comensais, participava de longas conversas depois das refeições e jogava cartas até a meia-noite. Era um ambiente ao mesmo tempo burguês e intelectual no qual Luís XV conseguia sentir-se feliz.

O certo é que Jeanne-Antoinette se apaixonara profundamente pelo monarca e tudo lhe parecia pouco para fazê-lo feliz. Por sua vez, Luís XV encontrou ao lado dela, além da paixão, a calma, o equilíbrio e a comodidade que nenhuma de suas favoritas anteriores havia sabido dar-lhe. Até a rainha agradecia-lhe o seu comportamento. Suas antecessoras haviam apartado o casal real; Madame de Pompadour, ao contrário, o estimulava a estimar

Maria Leczinska e a tratá-la, no mínimo, com o respeito devido à mãe de seus filhos. Além disso, por sua condição de duquesa – título que nunca quis ostentar – tinha direito a sentar-se em frente à soberana, mas Jeanne-Antoinette jamais utilizou esse privilégio. Sabia qual era o seu lugar e qual era o da rainha.

Evidentemente, interveio na política. Era muito inteligente e Luís XV não podia prescindir de seu conselho, do qual precisava. Assim, Madame de Pompadour protegeu decididamente a carreira política do duque de Choiseul⁵⁹ e aconselhou lealmente o rei nas alianças relativas à Guerra dos Sete Anos⁶⁰. Sua área de influência, além disso, estendeu-se ao mundo das artes, do qual foi uma grande incentivadora. Colocou seu irmão Abel, convertido em marquês de Marigny, à frente da chamada Superintendência das Artes, enquanto ela se encarregava de promover diversos artistas, fazendo-lhes constantes encomendas que o restante dos cortesãos imediatamente imitavam, convencidos de que assim estavam *à la page*. Dessa forma favoreceu pintores como François Boucher (1703-1770), que a retratou em diversas ocasiões e para quem ela conseguiu nomeações como reitor da Academia Francesa de Pintura e Escultura, diretor da real Fábrica de Tapetes Gobelin e primeiro pintor do rei (1765).

Como boa filha de financista, soube multiplicar seus rendimentos. Construiu e restaurou castelos que em seguida vendia a grandes senhores ou a burgueses desejosos de ascender na escala social e comprou grande número de pavimentos e palácios em Paris⁶¹ que em seguida alugava, e uma fábrica de garrafas em Bellevue que lhe rendia 18 a 20 mil libras por ano, quantia muito respeitável para a época. O tino para os negócios a levou também a reorganizar a fábrica de porcelanas de Vincennes por conta do Estado, em seguida transferida para Sèvres, enquanto estimulava os criadores a encontrar novas fórmulas, novos modelos e novas cores. Acumulou também considerável fortuna em forma de móveis de madeiras nobres, quadros, porcelanas, gravuras, joias, clavicórdios e livros. É muito provável que os motivos dessa ânsia de acumular bens fossem o temor de ficar na miséria ao perder o favor do rei e também o seu gosto pelas coisas belas.

A aptidão para os negócios não foi obstáculo para ativar seu lado intelectual. A marquesa de Pompadour ajudou o projeto da *Encyclopédie* e protegeu os enciclopedistas nas inúmeras vezes em que tiveram problemas com a censura. Frequentou, portanto, os mais importantes talentos da época. O próprio Voltaire⁶², com quem manteve grande amizade, lhe dedicou estes versos:

Assim portanto, vós reunis
As artes, os gostos,
O talento para agradar;
Pompadour, embelezais
A corte, o Parnaso e Citera.

Talvez fosse felicidade demais. Ela havia sido comparada com o sol, e assim como o astro-rei, Pompadour também teve seu ocaso. Em 1753 uma terrível tragédia obscureceu para sempre sua vida. Sua filha Alexandrine havia sido educada como autêntica princesa no convento da Assunção, onde estudavam as filhas da alta nobreza, e com apenas nove anos estava prometida ao duque de Picquigny, filho do duque de Chaulnes, Par de França⁶³ e descendente de uma família da ilustre casa de Luynes. Tudo indicava, portanto, que a jovem desfrutaria de uma vida respeitável e feliz. No entanto, uma súbita e inesperada peritonite aguda roubou-lhe a vida e, conseqüentemente, a alegria de sua mãe.

Naquela altura, além disso, a tuberculose havia acometido Jeanne-Antoinette e não era aconselhável que o rei continuasse a frequentar sua alcova. Isso não lhe importou, e até estimulou os encontros amorosos do rei com outras mulheres, sempre mais jovens do que ela. Sabia que nenhuma ocuparia seu lugar. A paixão estava extinta mas a amizade se mantinha intacta. Diz-se que um dia, quando a rainha Maria Leczinska passeava por Versalhes, chegou a um pequeno bosque onde Madame Pompadour costumava passear em companhia do rei. Perguntou ao jardineiro:

– Como se chama este bosque?

Ao que o homem simples respondeu:

– Antes o chamavam Amor, mas hoje é somente Amizade.

Convencida de que seu fim se aproximava, Madame Pompadour se reconciliou com a Igreja e permanecia quase o dia inteiro recolhida a seus aposentos. Residir na corte transformou-se em autêntico tormento. Desejava apenas descansar e afastar-se dos luxos mundanos. Madame de La Ferté-Imbault⁶⁴, que foi visitá-la em Versalhes no inverno de 1764, comentou sua decadência:

A vi bela e reservada, apesar de queixar-se de não dormir, de digerir mal e de perder o fôlego sempre que subia uma escada... Assegurou que dava ao rei uma grande demonstração de afeto ao viver perto dele, mas que seria mil vezes mais feliz se pudesse morar sozinha e tranquila em seu castelo de Ménars, porém o rei não saberia o que fazer se ela o deixasse [...] Pareceu-me arrebatada e enfurecida e nunca ouvi sermão mais belo para exhibir as desgraças da ambição; a vi tão infeliz e tão angustiada por seu poder supremo que saí de sua casa convencida de que não lhe restava outro refúgio senão a morte.

Não se enganava. Com a saúde cada vez mais debilitada, apesar de contar somente quarenta e dois anos, aquela que um dia fora a dama mais sedutora da corte havia se transformado em uma mulher macilenta, com o rosto cheio de rugas, de cabelos brancos e perpetuamente refugiada no leito entre tosses e vômitos de sangue. Até mesmo sua decantada pele havia perdido o lendário brilho e adquirido um tétrico matiz acinzentado. Apesar disso, Luís XV não a esquecera e ia visitá-la várias vezes por dia.

No início de abril de 1764 ela redigiu seu testamento no qual pedia a Deus a graça de morrer em paz com sua consciência. Poucos dias depois confessou-se e recebeu a extrema-unção. Morreu às sete horas da tarde do dia 15 de abril de 1764. A etiqueta da corte não permitia a quem não fosse membro da família real morrer em Versalhes. Transferiu-se tão discretamente a sua mansão que Luís XV lamentou ter podido render apenas poucas homenagens à “amiga mais leal desde há vinte anos!” Dois dias depois foi enterrada. Naquele dia o céu de Versalhes quis vestir luto e cobriu-se de grandes nuvens negras. Quando o cortejo passou sob as janelas de seu gabinete de trabalho, o

monarca exclamou: “A marquesa não terá bom tempo para sua última viagem”. Ela, que tanto amava a luz e a cor, saiu de Versalhes mergulhada na escuridão.

49 *L'Encyclopédie*, ou *Dictionnaire raisonné ds sciences, des arts et des métiers* foi o maior sucesso intelectual do chamado Século das Luzes, ou período do Iluminismo. Foi publicado entre 1751 e 1772, sob a direção de Denis Diderot (1713-1784) e Jean Le Rond d'Alembert (1717-1783), que compilaram em uma vasta obra todos os conhecimentos da época do ponto de vista da razão e do método científico.

50 Claude Adrien Helvetius (1715-1771), filósofo francês autor, entre outras obras, de *De l'Esprit*, (Sobre o espírito). Seu sobrenome pode ser adaptado ao castelhano como “Helvecio”.

51 George Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788) naturalista, matemático, botânico e escritor francês, autor da *Histoire naturelle*.

52 “Rainhazinha”.

53 Cargo semelhante ao atual Ministro da Fazenda.

54 Quando, às vésperas da morte, Madame de Pompadour quis reconciliar-se com o marido, de quem havia se separado ao iniciar sua relação com Luís XV, este negou afirmando que era impossível esquecer “a ofensa que me infligiste. Tua presença somente avivará a lembrança”.

55 Marie-Thérèse Rodet Geoffrin (1699-1777) foi, junto com Julie de Lespinasse, a mais célebre *salonnière* de Paris. Seu salão era frequentado por intelectuais do porte de Diderot e d'Alembert e ela própria teve importante participação na redação da *Encyclopédie*.

56 Charles Louis de Secondat, Senhor de la Brède e Barão de Montesquieu (1689-1755) foi um dos mais importantes pensadores franceses do Iluminismo.

57 Pierre Carlet de Chamblain de Marivaux (1688-1763), romancista e dramaturgo francês.

58 O “monteiro-mor” era o chefe dos ajudantes de caça. (N. do T.)

59 Étienne-François de Choiseul, conde de Stainville e duque de Choiseul (1719-1785) foi Secretário de Estado de Luís XV.

60 Chama-se Guerra dos Sete Anos uma série de conflitos internacionais ocorridos entre 1756 e 1763 com o objetivo de estabelecer controle sobre a Silésia e pela supremacia colonial na América do Norte. De um lado se aliaram a Prússia, Hannover, Portugal e Grã-Bretanha contra a Saxônia, Áustria, França, Rússia, Suécia e Espanha.

61 Entre eles o Hôtel d'Evreux, conhecido hoje como Palácio Eliseu, residência do presidente da República Francesa.

62 François Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire (1694-1778), escritor, pensador, historiador e jurista.

63 Os “Pares de França” eram um grupo de doze cavaleiros de elite que constituíam uma espécie de guarda de honra pessoal do rei. (N. do T.)

64 Mme. de La Ferté-Imbault (1715-1789) era filha da *salonnière* Madame Geoffrin.

XI

MADAME DU BARRY,
A ÚLTIMA FAVORITA

(1743-1793)

Em 22 de abril de 1769 Jeanne du Barry, coberta de diamantes, belíssima e arrogante, presidiu seu primeiro baile em Versalhes. Era o fecho de ouro de uma vida impulsionada em partes iguais pela ambição e pelo acaso em que se viu envolta uma jovem cujo único patrimônio era sua extraordinária beleza. Sentia-se triunfadora e sua atitude era claramente desafiante. Era uma maneira de agir que não passou despercebida à perspicácia de Stéphanie Ducrest de St-Aubin, condessa de Genlis, escritora e tutora dos filhos do duque de Chartres, que anos depois escreveu:

Estava magnificamente vestida e com refinado bom gosto. De dia o rosto se mostrava murcho e as sardas escureciam um pouco a tez, mas de noite ficava radiante. Embora seus traços não fossem extremamente belos, tinha cabelos de um louro encantador, bonitos dentes e uma fisionomia muito agradável. No entanto, sua beleza era eclipsada pela atitude petulante e insuportável.

Se a descrição da substituta de Madame de Pompadour tivesse sido feita por um homem, é possível que fosse mais generosa, porque Madame du Barry tinha o defeito de causar inveja às mulheres e atrair poderosamente os homens. Era um atrativo, um *sex-appeal* que a converteu, nas palavras do próprio Luís XV, na “única mulher da França que o fazia esquecer de que era sexagenário”.

Tudo começara em Vaucouleurs (Lorena) vinte e cinco anos antes, quando Anne Bécu, costureira de grande beleza e pouca virtude, fez com que um monge chamado na vida civil Jean Baptiste Gomard de Vaubernier esquecesse seu voto de castidade. O resultado do *affaire* foi o nascimento, em 18 de agosto de 1743, de uma menina a quem a mãe deu o nome de Jeanne em homenagem a um pai que nunca agiu como tal. O escândalo causado pelo nascimento da pequena obrigou a costureira a transferir-se para Paris. Foi uma decisão muito acertada, porque como possuía muitas daquelas qualidades que permitiriam à filha escalar até as alturas mais elevadas, conseguiu encontrar um marido na capital do Sena e, sobretudo, um autêntico pai para a filha. Chamava-se Nicolás Ranson de Monrabé e era, em resumo, um homem bom. Preocupado com o futuro da pequena Jeanne, cuja beleza já

despontava e fazia temer um destino semelhante ao da mãe, internou-a no colégio de Sainte Aurée, no qual ela permaneceu nove anos, em meio a uma severíssima disciplina.

Os temores de Monsieur Ranson não eram infundados. As tentações da capital eram muito fortes para uma moça bela e ambiciosa como Jeanne. Assim, quando aos quinze anos ela abandonou o colégio e começou a trabalhar como leitora para uma certa Madame Lagardère, acabou nos braços do dono da casa. Além disso, o romance surgiu quando Jeanne lhe pediu proteção diante da perseguição implacável a que a submetia a esposa do filho dos Lagardère, o qual escandalizava a Paris bem comportada devido a suas inclinações lésbicas. A dama, percebendo os encantos da assistente da sogra, tentou seduzi-la, mas Jeanne repeliu a discípula de Safo preferindo amores mais convencionais. É claro que foi despedida, pois após o escândalo nem a mãe nem o padrasto quiseram encarregar-se dela e Jeanne teve de esforçar-se para ganhar a vida.

A preparação no convento das religiosas lhe foi útil. Sua habilidade com a agulha permitiu-lhe empregar-se como bordadeira, modista e chapeleira, ao mesmo tempo em que, sempre condicionada por suas necessidades materiais e impelida por intensa sensualidade, iniciava uma vertiginosa carreira amorosa. Financistas, militares e cortesãos se sucediam nos favores amorosos de Jeanne Bécu. Em troca, a jovem começou a poder desfrutar de vestidos caros, joias e ambientes refinados. Sua beleza a levou a posar como modelo de pintores e escultores, e no ateliê de um deles conheceu o modista favorito da corte, que lhe ofereceu trabalho em seu estabelecimento.

Lá ela conheceu Jean Baptiste du Barry, membro da pequena nobreza de Toulouse, instalado na capital após ter-se casado com uma dama parisiense. Uma vez na cidade, como os parcos rendimentos herdados dos progenitores não lhe permitiam viver como gostaria, abriu seus salões ao jogo e ganhou merecida fama de mediador entre formosas senhoritas de programa e altos membros da corte. Mas como na cerimoniosa França do século XVIII um homem de sua posição não podia ser tachado de proxeneta, em Paris se dizia que gozava de “muitas e variadas relações”. Evidentemente, não tardou a compreender que Jeanne poderia ser a galinha dos ovos de ouro. Faltava-lhe

somente um certo refinamento. Resolvido a fazer do diamante bruto a joia da coroa apressou-se a ensinar-lhe as normas elementares de protocolo, a vestir-se e a movimentar-se, proporcionando-lhe também conhecimentos mais íntimos e delicados que fariam com que os homens caíssem irremediavelmente rendidos diante dela.

Jeanne foi boa aluna e logo converteu-se em excelente fonte de renda para du Barry. Frequentava a corte e entre muitos teve como amantes o marechal Richelieu, afilhado de Luís XV e sobrinho neto do cardeal de mesmo nome; o conde de Fitz-James; o marquês de Arcambal e especialmente o financista Sainte-Foy, com quem manteve uma longa relação de dois anos que lhe serviu para galgar o último degrau antes de chegar ao trono.

A morte de Madame Pompadour em 1764 deixara o soberano totalmente desconsolado. Du Barry percebeu imediatamente a oportunidade para entronizar sua protegida e ao mesmo tempo obter méritos em benefício próprio ao aliviar a solidão do monarca. Uma questão com o ministro Choiseul serviu de pretexto para que Jeanne o acompanhasse a Versalhes. Uma vez no palácio, apresentou-a ao rei, que, como era esperado, caiu rendido a seus pés.

A notícia de um novo *affaire* sentimental do sexagenário monarca correu como pólvora pela corte, para escândalo de *mesdames* Adelaide, Victoria e Sofia, filhas solteiras de Luís XV, as quais, na condição de guardiãs da moral e bons costumes em Versalhes haviam tornado impossível a vida de Madame de Pompadour. Iniciaram, assim, uma feroz campanha contra a nova favorita e um acontecimento inesperado veio em sua ajuda. Em junho de 1768 morreu a rainha Maria Leczinska. O luto exigia que pelo menos se guardassem as aparências e dessa forma a entronização pública de Madame du Barry pareceu ficar esquecida. Assim foi, mas por menos tempo do que elas esperavam e desejavam.

Havia transcorrido somente um mês do falecimento da rainha quando uma misteriosa jovem ocupou uma das alas do castelo de Compiègne. A nova inquilina tinha sua própria criadagem, sua carruagem ostentava escudo de nobreza e de acordo com a etiqueta palaciana, que não admitia a permanência

em residências reais a mulheres solteiras que não pertencessem à família real, fazia-se passar por mulher casada a que chamavam Madame du Barry. O mais escandaloso era que o rei viúvo passava praticamente o dia inteiro em sua companhia. A camarilha das *mesdames* não teve muito trabalho para descobrir que a nova favorita não era outra senão Jeanne e tampouco para averiguar seu escandaloso passado. Mais ainda, puderam demonstrar que se fazia chamar Madame du Barry sem que existisse um Monsieur du Barry e imediatamente a acusaram de impostora.

Mas nem du Barry e nem Jeanne estavam dispostos a perder tudo o que haviam conseguido. Era preciso, portanto, improvisar um casamento e tinham um candidato perfeito. Chamava-se Guillaume du Barry, era solteiro e irmão do protetor de Jeanne e possuía um sentido peculiar de honra que o levou a consentir em justificar o “madame” utilizado pela nova favorita em troca de uma boa quantia em dinheiro.

Em total sigilo, em 11 de setembro de 1768, Jeanne casou-se com Guillaume du Barry, na igreja de Saint Laurent, em Paris. O marido novo em folha, com um título de nobreza, 5 mil libras de rendimentos no bolso e um contrato matrimonial pelo qual a esposa se comprometia a encarregar-se dos custos materiais e da educação dos filhos que viesse a ter, regressou no mesmo dia a Toulouse para nunca mais voltar a pisar na capital. Horas depois, para desespero das *mesdames*, a então legitimada Madame du Barry se instalou em Versalhes para, poucos meses depois, fazer sua deslumbrante apresentação oficial na corte.

É justo reconhecer que Jeanne du Barry, desde sua esplêndida e desafiante entrada oficial em Versalhes, além de agradar à intimidade do rei, soube continuar a obra iniciada por Madame Pompadour e incentivou o interesse real por determinados artistas. Dessa forma, Claude Nicolas Ledoux (1736-1806) foi responsável, graças à proteção da favorita, pela construção da Salina real de Arc et Senan, em Besançon, e da Ferme Générale, uma muralha de 24 quilômetros e 6 metros de altura que cercava Paris como barreira fiscal. Algo semelhante ocorreu com Jean-Honoré Fragonnard (1732-1806) a quem Madame du Barry encomendou a decoração de um pavilhão do

castelo de Louveciennes e uma série de quadros que acabaram por convertê-lo em pintor da moda na corte.

Instalada em Versalhes, pouco puderam fazer seus inimigos, encabeçados por Choiseul e a camarilha das *mesdames*. Seu encanto vencia a todos. Não demorou a conseguir a destituição de Choiseul, mas quando as *mesdames* e sua quadrilha já não esperavam poder neutralizar tão formidável rival, surgiu uma poderosa aliada: a nova delfina⁶⁵.

Maria Antonieta, educada na rígida corte austríaca, sentiu instintiva repulsão por aquela mulher sobre quem a informaram de que tinha a missão de “divertir” o rei, e desde o primeiro momento demonstrou-lhe o mais absoluto desprezo. A situação chegou a ficar tão tensa que o próprio monarca teve de intervir, obrigando a delfina a mudar de atitude. Ele não conseguiu isso, mas quando em 1º de julho de 1772 Maria Antonieta se dirigiu à favorita em público, dizendo “parece que hoje Versalhes está muito concorrida”, a corte inteira se revoltou, e Jeanne du Barry acreditou ter derrotado seus inimigos. Enganava-se. Alentada pelo que parecia seu triunfo definitivo, Madame du Barry organizou em seu recém-construído palacete de Paris uma esplêndida festa à qual convidou toda a corte, mas só compareceram cerca de vinte convidados. A delfina e as *mesdames* continuaram a tornar-lhe a vida impossível e a favorita teve de resignar-se a contar apenas com o rei.

Era um apoio que tinha data marcada de caducidade. Na primavera de 1774, quando o monarca caiu doente vítima de varíola, Jeanne se dispôs a permanecer à cabeceira do enfermo. No entanto, para sua surpresa, sua passagem em direção aos aposentos reais foi impedida. Luís XV, compreendendo que sua vida ia chegar ao fim, havia se confessado, comungado e pedido publicamente perdão pelo que qualificou de “conduta escandalosa”. Em seguida, dera ordem para que Jeanne não transpusesse a porta da alcova real. Morreu três dias depois.

No mesmo dia das exéquias Madame du Barry foi conduzida por um destacamento da guarda real à abadia de Pont-aux-Dames, nos arredores de Paris. Após onze meses de reclusão, foi proibida de regressar à corte, mas permitiram-lhe retirar-se primeiro a seu castelo de Corbeil e depois a

Louveciennes. Ali viveu seu último e talvez verdadeiro amor. Foi um breve porém intenso romance com Louis-Hercule-Timoléon de Cossé, duque de Brissac e governador de Paris, que ela havia conhecido anos antes. A seu lado retomou a vida social e até mesmo conseguiu que sua antiga inimiga, Maria Antonieta, lhe enviasse uma mensagem de agradecimento por haver amparado alguns soldados feridos nas primeiras escaramuças revolucionárias.

A eclosão da Revolução impediu a Jeanne du Barry prosseguir em sua vida aprazível. Em janeiro de 1791 desconhecidos assaltaram a mansão e roubaram suas joias. Não se demorou a saber que haviam sido encontradas em Londres. Então Jeanne, sem pensar duas vezes, viajou à capital britânica. Ignorava que suas sucessivas viagens a Londres a tornavam suspeita de conivência com os exilados monarquistas e que essa iria ser a origem da espiral de terror em que viveu seus últimos meses.

Em setembro de 1792 Brissac foi massacrado pelas turbas revolucionárias e sua cabeça, espetada na ponta de um pau, foi jogada aos pés de Jeanne por uma multidão furiosa que forçara a entrada de sua residência. “Não se morre de dor”, escreveu então a uma amiga. Por fim, em setembro de 1793, devido a suas reiteradas viagens à Grã-Bretanha, foi detida sob a acusação de evasão de capitais. Após alguns meses na prisão de Sainte-Pélagie iniciou-se um processo em que ficou evidente a generosidade de Luís XV para com ela. Foi acusada de facilitar recursos aos contrarrevolucionários. Toda defesa foi inútil e em 7 de dezembro de 1793 a guilhotina decepou a formosa garganta daquela que havia sido a última favorita do Antigo Regime.

Sua memória perduraria, ao menos, na célebre quadra com que Voltaire respondeu a uma de suas cartas, na qual ela se despedia com dois beijos:

Dois beijos são, ao final da vida,
Formoso passaporte que vos dignais enviar-me.
Dois são demais, minha adorável Egéria:
Pois morrerei de prazer já com o primeiro.

65 Maria Antonieta se casou com o *delfim*, que viria a subir ao trono como Luís XVI. Ambos acabaram mortos na guilhotina. (N. do T.)

XII

DOROTHEA JORDAN,
O AMOR IMPOSSÍVEL
DE GUILHERME IV
DA INGLATERRA

(1761-1816)

Guilherme de Hanôver, duque de Clarence, filho de George III, apelidado o “Rei Louco” britânico, e de Carlota de Mecklemburgo, nasceu em Londres em 21 de agosto de 1765. Por ser indeciso, excêntrico e de humor instável, acreditou-se que a carreira militar seria o melhor remédio para fortalecer seu caráter. Com esse propósito ele ingressou na Marinha britânica em 1779, na qual serviu até 1787, chegando ao posto de almirante. Até esse ponto tudo parece o início da biografia de um dos muitos secundogênitos da casa real britânica. No entanto, o destino, sempre imprevisível, levou o duque de Clarence a converter-se em Guilherme IV da Inglaterra.

Algo semelhante ocorreu com uma humilde jovem irlandesa. A vida dela foi muito diferente do que parecia vir a ser. Seu nome era Dorothea Bland, nascida em 21 de novembro de 1761 em Waterford (Irlanda). Era filha de Francis Bland, membro de uma ilustre família local que deixara de lado uma cômoda posição para tornar-se contrarregista teatral e seguir os passos da mulher que viria a ser mãe de seus filhos, uma atriz originária do País de Gales chamada Grace Philips. Pelo visto, Francis era verdadeiramente apaixonado pela arte de Tália, pois em 1774, quando Dorothea, a mais velha de seus três filhos, tinha treze anos, ele abandonou a família para correr atrás de outra artista de teatro, no caso tão irlandesa quanto ele próprio.

Grace e os filhos ficaram praticamente sem recursos. A mãe tentou em vão retomar a carreira de atriz, mas percebendo os dons de interpretação de Dorothea achou que ela poderia muito bem ser a continuadora de sua trajetória teatral e a iniciou nas artes cênicas para que colaborasse com a economia familiar. Assim, em 1777, a jovem Dora (como gostava de ser chamada) Bland estreou em Dublin interpretando a Phoebe de *Como gostais* (“As You Like It”) de William Shakespeare. Sua consagração, no entanto, ocorreu somente dois anos depois, com o papel de protagonista da obra de Henry Fielding,⁶⁶ *A virgem desmascarada*, que representou no Teatro da Crown Street na capital irlandesa.

Um ano depois, como principal estrela da companhia, adotou o nome de Dorothea Jordan e começou o que viria a ser uma bem sucedida carreira no Teatro Drury Lane, em Londres. O motivo da mudança de nome foi um

pretensso matrimônio que jamais existiu na realidade mas serviu para conferir certa aura de respeitabilidade a sua pessoa (as atrizes solteiras eram consideradas mulheres fáceis) e, além disso, para dar legitimidade à filha nascida da relação com Richard Daly, diretor do Teatro Real de Cork (Irlanda), que era casado. Naturalmente, esse não foi seu único amor de juventude. Seguiram-se a Daly no coração de Dorothea um tenente da marinha britânica chamado Charles Doyne, o ator George Inchbald, companheiro do elenco da companhia do Teatro Tate Wilkinson, e por volta de 1786 o advogado Sir Richard Ford, com quem ela teve três filhos sem também contrair matrimônio.

Atriz intuitiva, versátil e atraente, além de bonita, tudo indicava que Dorothea estava fadada a uma triunfante carreira nos palcos. Assim ocorreu até 1791, quando surgiu em sua vida um jovem aristocrata, o duque de Clarence. A atriz tinha treze anos de idade e experiência a mais do que ele, mas nem isso nem a diferença de classe social tiveram importância. A paixão entre ambos foi arrebatadora. O namoro inicial deu lugar a uma relação estável e, poucos anos depois, à vida em comum. Instalados desde 1797 em uma elegante mansão, Bushy House⁶⁷, a sudoeste de Londres, o casal viveu um intenso e longo romance que escandalizou as mentes ponderadas do reino.

Guilherme e Dorothea não se escondiam. Ela prosseguiu a bem-sucedida carreira nos palcos mas acompanhava o duque de Clarence nos atos oficiais; ambos passeavam juntos, iam ao teatro e davam inúmeras festas. Nos jardins e aposentos de Bushy House, portanto, os dez filhos do casal cresceram felizes, todos legitimados com o sobrenome Fitz James: George (1794-1842), Henry Edward (1795-1817), Sophia (1796-1837), Mary (1798-1864), Frederick (1799-1854), Elizabeth (1801-1856), Adolphus (1802-1856), Augusta (1803-1865), Augustus (1805-1854) e Amelia (1807-1858).

A felicidade parecia fazê-los ignorar as nuvens ameaçadoras no horizonte. Enquanto Guilherme e Dorothea viviam seu amor, a opinião pública inglesa se alarmava com a demência do rei George II e a conduta pouco exemplar de seu filho e herdeiro, o futuro George IV (1762-1830). Embora fosse brilhante e culto, o príncipe herdeiro levava uma vida devassa que não parecia ser a melhor garantia para um futuro rei. Apesar dessas reservas, em 1789 a

progressiva deterioração mental do rei obrigou à instituição de uma regência. Como o futuro rei George IV não havia deixado descendentes masculinos do seu polêmico casamento com Carolina de Brunswick⁶⁸, seu irmão Guilherme converteu-se automaticamente em herdeiro do trono britânico.

Não convinha, naturalmente, que o futuro rei vivesse com uma atriz sem estar oficialmente casado. Por isso, uma decisão do Parlamento o obrigou a romper seu relacionamento com Dorothea Jordan em 1811, ajustando seu matrimônio com uma princesa de sangue real que pudesse dar continuidade à dinastia. A eleita foi uma jovem princesa alemã, Adelaide, filha do duque George da Saxônia-Meiningen, nascida em 1792 e que tinha a metade da idade de Guilherme.

Dorothea nunca reconheceu a ruptura. O duque de Clarence certamente não deixou economicamente desamparada a antiga amante e mãe de seus filhos. Um maravilhoso estipêndio e uma mansão em Gifford Lodge teriam permitido que Dorothea Jordan continuasse a manter seu elevado nível de vida e cuidar dos filhos, mas uma série de graves e inesperados percalços econômicos, nos quais alguns autores acreditam ver o dedo de seus inimigos, fez com que Guilherme reclamasse a guarda dos filhos nascidos de sua relação com ela e os instalasse novamente em Bushy House, mansão que havia sido testemunha de seu romance com a atriz e que agora ele iria compartilhar com a esposa Adelaide.

Sozinha e arruinada, Dorothea recusou qualquer ajuda do futuro Guilherme IV e deixou a Inglaterra em 1815 para instalar-se em St. Cloud, perto de Paris, onde morreu um ano depois às portas da indigência.

Em 1818 Guilherme oficializou as planejadas núpcias com Adelaide de Saxônia-Meiningen, em uma união tranquila e cordial que proporcionou um oportuno contraste com o temperamento imprevisível do rei. Apenas o entristeceu o fato de não haver conseguido a tão esperada sucessão, já que as duas únicas filhas do casal, Charlotte Augusta Louise e Elizabeth Georgina Adelaide, morreram antes de completar um ano.

O fato de que Guilherme, mesmo após ascender ao trono como Guilherme IV e até morrer, mantivesse em seu gabinete um retrato da mulher a quem tanto amara, nem sequer perturbou a vida conjugal. Mais do que isso, quando Dorothea morreu em Paris o duque de Clarence encomendou a Sir Francis Chantrey (1781-1741) uma estátua na qual ela aparece em atitude maternal, com a intenção de que fosse a peça principal de um cenotáfio em sua memória na Abadia de Westminster. Não foi possível. As autoridades religiosas se negaram a conservar em um recinto sagrado a imagem de uma mulher considerada de vida dissoluta⁶⁹.

Adelaide, por sua vez, exerceu grande ascendência sobre o esposo e influenciou em muitas de suas decisões políticas. Mulher de intensa religiosidade, dotada de relativa consciência social e preocupada com o bem-estar dos súditos, teve grande participação na aprovação de leis como a da abolição da escravidão nas colônias (1833), a reforma da legislação contra a pobreza (1834) e a Reforma Municipal (1835). Tendo enviuvado em 1837, viveu afastada da corte, dedicando-se inteiramente a obras de caridade. Morreu em 1849 em Bushy House, a mansão onde Dorothea havia sido feliz. Da mesma forma que outras amantes reais, o reconhecimento que ela não havia conseguido em vida foi obtido por seus descendentes, já que dos filhos de Guilherme IV e Dorothea Jordan descendem, entre outros, a escritora escocesa Violet Jacob (1863-1946), o diplomata Duff Cooper, Visconde de Norwich (1890-1954), Sir William Sidney, que foi Governador Geral da Austrália (1909-1991) e David Cameron (n.1966) Primeiro Ministro do Reino Unido e líder do Partido Conservador britânico.

66 Henry Fielding, (1707-1754), foi romancista e dramaturgo inglês, conhecido por ser o iniciador da narrativa inglesa, junto com Samuel Jones. Seu romance mais famoso é *Tom Jones*.

67 Bushy House foi construída entre 1700 e 1715 pelo prestigioso arquiteto Charles Montagu. Atualmente é a sede do National Physical Laboratory.

68 George IV havia contraído previamente um casamento morganático com uma católica chamada Mary Ann Fitzherbert. Obrigado pelo Parlamento a contrair novas núpcias, fê-lo com a princesa alemã Carolina de Brunswick, que lhe deu uma única filha, Carlota, considerada autêntico milagre já que a rainha proclamou aos quatro ventos, antes de separar-se, que somente havia tido três relações sexuais com o rei.

69 A estátua passou às mãos dos filhos de Dorothea, em seguida ao Ashmolean Museum e em 1980 foi instalada em Buckingham.

XIII

MARIA WALEWSKA,
A AMANTE POLONESA
DE NAPOLEÃO

(1786-1817)

Em fins do século XIX o historiador francês Frédéric Masson (1847-1923) publicou uma biografia completa da condessa polonesa Maria Walewska por sugestão dos netos dela, os quais facilitaram os diários pessoais da protagonista. Obviamente, o livro despertava interesse. Conhecida como “a esposa polonesa de Napoleão”, a condessa, falecida em 1817, tinha vivido uma breve porém apaixonada história de amor com o Grande Corso, a quem dera um filho. Obteve seu lugar na história, porém, pelo fato de ser a responsável direta para que, na trajetória napoleônica, a Polônia se convertesse no Grão Ducado de Varsóvia e pudesse escapar, pelo menos por algum tempo, da tirania de russos e prussianos, sempre em disputas pelo território.

Maria nasceu em 7 de dezembro de 1786 em Kiernozia, a cerca de cem quilômetros ao sul de Varsóvia, em uma família de antiga linhagem e escassos recursos, os Leczinsky. Era a mais moça de sete irmãos⁷⁰ e na infância teve professores notáveis como Nicolas Chopin, pai do famoso compositor⁷¹. Ao chegar à adolescência, ingressou em um convento para completar a educação, como era costume na nobreza polonesa da época, e ao concluir os estudos, logo após os dezoito anos, foi combinado seu matrimônio com o conde Anastase Colonna Walewski, chefe de uma das mais nobres casas polonesas e extremamente rico. Tinha somente um defeito: era quarenta anos mais velho do que Maria. Além disso, o mais jovem dos netos resultantes de um casamento anterior tinha dez anos a mais do que ela. No entanto, a jovem resolveu sacrificar-se de bom grado para o bem dos irmãos e da mãe. O chefe da família havia falecido e a viúva Leczinska conseguia com dificuldade levar adiante sua propriedade rural e criar o restante dos filhos de acordo com sua categoria social.

Instalada em Varsóvia e já mãe de um filho, Antoni Rudolf Bazyli Colonna-Walewski, Maria soube da chegada do imperador a terras polonesas. Napoleão representava naquele momento o salvador que poderia livrar a Polônia das ambições russas. Nenhum polonês ocultava a admiração por ele e muito menos a jovem Maria, que junto com o esposo frequentava os círculos bonapartistas da capital. Não admira, portanto, que em 1º de janeiro de 1807,

sabendo que após derrotar a Prússia em Jena ele se dirigia a Varsóvia, acorresse a aplaudi-lo junto com uma amiga. Foi esse o primeiro encontro. Assim o narrou a própria Maria em seu diário:

Como éramos duas mulheres desacompanhadas, sem um homem para proteger-nos, fomos espremidas, empurradas e até sufocadas. Nessa situação desesperada e perigosa, tive medo de não poder ver o triunfo que tanto me interessava. Nesse momento ouvimos o ruído da carruagem e as aclamações da multidão reunida para recebê-lo. Aproveitando um instante de silêncio, lancei um grito de desamparo a um oficial francês de alta patente, diante do qual a turba se afastou para o lado. Estendi o braço para ele e gritei em francês, com voz suplicante: “Senhor, ajudai-me a afastar-me daqui e deixai que eu o veja, ainda que seja por um momento!” Ele me viu, e sorrindo tomou-me a mão e o braço. Para minha grande surpresa, conduziu-me à própria porta da carruagem do imperador. Este se encontrava sentado junto à janela e o galante oficial nos apresentou, dizendo: “Veja, Majestade, esta bela dama enfrentou os perigos da multidão por vossa causa”. Napoleão se curvou e ergueu o chapéu dizendo palavras que, em minha emoção, não compreendi. Consegui articular, com voz entrecortada: “Sede bem-vindo, mil vezes bem-vindo a nosso país. Nunca poderemos expressar com energia suficiente toda a admiração que sentimos por vós, assim como nossa alegria por ver-vos na terra de nossos pais. Esperávamos que viésseis para nos salvar”.

Maria Walewska era uma bela mulher. De cabelos castanhos, pele branca e olhos claros, tinha atitude de nobre dama e sorriso encantador. Napoleão, que não era nada indiferente aos encantos femininos⁷², insistiu em voltar a vê-la. O interesse do imperador pela condessa não tardou a chegar aos ouvidos do príncipe Poniatowski, ministro da guerra e um dos líderes do partido bonapartista polonês, que viu o caminho aberto. Decidiu que a jovem condessa Walewska seria o veículo para que a Polônia conseguisse a proteção francesa diante das ambições prussianas e russas.

Organizou rapidamente em sua mansão um baile em homenagem ao imperador e tomou todas as providências para que Maria abrisse as danças

com o homenageado. Por vaidade ou por princípio Maria Walewska teve a ousadia de não se render à primeira investida do homem diante do qual toda a Europa se curvava. Além disso, quando no dia seguinte ao do baile Napoleão lhe enviou um enorme maço de rosas brancas com uma vermelha no centro, pedindo que a prendesse ao vestido para vir a um jantar íntimo em seus aposentos, Maria se enfureceu e inicialmente recusou. Sabia que era instrumento dos políticos de seu país – entre os quais se contava seu próprio marido – e por outro lado sentia repugnância, conforme explicou em suas memórias, da prepotência com que o imperador se dirigira a ela. Bonaparte teve de acrescentar outros convidados para que o casal Walewski, e não apenas Maria, viesse ao jantar. Mesmo assim, ela se mostrou fria e distante e não usou a rosa vermelha como Napoleão desejava.

Como era esperado, no dia seguinte tanto Poniatowski quanto seu próprio esposo lhe pediram explicações por sua atitude, acusando-a de comportamento “pouco patriótico”. Em breve, segundo seus diários, como se o destino quisesse dar-lhe outra oportunidade, recebeu um bilhete escrito pelo próprio Bonaparte, que dizia:

Há momentos na vida em que uma posição demasiadamente elevada pesa como um fardo, e isso é o que sinto agora. Ah, se quisesses!... Somente tu podes afastar os obstáculos que nos separam. Meu amigo Duroc⁷³ proporcionará os meios. Oh, vem, vem! Todos os teus desejos serão realizados. Quando tiveres piedade de meu pobre coração, tua pátria me será mais querida.

Ninguém jamais saberá se ela se sentiu lisonjeada pelas palavras daquele homem todo-poderoso que a assediava ou se resolveu “imolar-se” em prol de sua pátria. O certo é que cedeu às pretensões do imperador e, com o tempo, acabou por amá-lo sinceramente. A relação não foi duradoura mas foi suficientemente longa para que, em 1807, Napoleão proclamasse o Grão Ducado de Varsóvia, que dava à Polônia certo status de independência. Foi um efêmero episódio que durou até 1814 quando, após a derrota de Bonaparte, o Congresso de Viena repartiu o território entre as potências vencedoras.

Quando isso ocorreu, a relação entre Napoleão e Maria já havia terminado. Tinham sido quatro anos de um amor intenso que deram como fruto um filho, Alexandre Joseph Colonna, conde Walewski (1810-1868), que recebeu os sobrenomes do marido de Maria porque esta continuava casada com ele. Naquela altura, Maria já residia na França, em um palacete da rua Montmorency e recebia um rendimento de 120 mil francos anuais.

A situação se manteve até que em 1810 o imperador compreendeu que precisava de um herdeiro. Joséphine de Beauharnais, sua esposa legal, era estéril; reconhecer o filho de sua amante polonesa não seria prudente. Precisava, portanto, casar-se novamente. A eleita foi Maria Luísa de Habsburgo (1791-1847), filha do imperador da Áustria, Francisco I. Era evidente que entre as condições para acertar o matrimônio estavam o divórcio com Joséphine e o término de sua relação com a “esposa polonesa”, como era conhecida Maria Walewska. O casamento com a princesa austríaca foi celebrado em 1810 e um ano depois nasceu o rei de Roma⁷⁴.

Napoleão não abandonou Maria nem seu filho. Aceitou a razão de Estado mas tomou providências para que o futuro de sua “esposa polonesa” e do filho ficasse bem assegurado. Entregou a Maria uma propriedade em Nápoles que lhe permitia contar com uma renda de 170 mil francos anuais. Por amor ou gratidão, o certo é que de todas as mulheres de sua vida somente Maria esteve a seu lado no momento da queda do Império. Isso ficou bem demonstrado quando ela o visitou em Santa Helena, onde Bonaparte estava exilado. Mais ainda, sua intenção era permanecer ao lado dele, convencida de que com Maria Luísa e o rei de Roma refugiados na corte do pai e avô em Viena, nada poderia separá-los. Mas o próprio Napoleão não consentiu. Provavelmente sabia que estava em perigo e quis evitar qualquer risco a uma das mulheres que mais havia amado.

Maria Walewska então regressou novamente a Paris com o filho nascido da relação com Bonaparte. Viúva desde 1812, casou-se em setembro de 1816 com o conde Philippe Antoine d'Ornano (1784-1863), marechal de França e primo em segundo grau de Napoleão. Um ano depois faleceu ao dar à luz o terceiro filho, Rodolphe Auguste. Acabava de completar trinta e um anos. Seu corpo foi trasladado à Polônia, mas o coração foi enterrado na cripta da

família Ornano, no cemitério Père Lachaise, em Paris. Foi uma decisão muito acertada. Seu corpo fora o preço que a Polônia pagou pela liberdade, mas o coração teria de ficar em Paris, cidade onde mais fortemente havia pulsado.

70 Benedykt Jozef, Hieronim, Teodor, Honorata, Katarzyna e Urszula-Teresa.

71 Frédéric Chopin (1810-1849).

72 Embora seu grande amor tenha sido, sem dúvida, a Imperatriz Josefina, e sentisse grande afeto por Maria Walewska, o certo é que teve numerosas amantes ao longo da vida.

73 Assistente pessoal de Napoleão.

74 Rei de Roma foi o título que Napoleão deu a seu filho e herdeiro, Napoleão Francisco José Carlos Bonaparte (1811-1832), também conhecido como “l'Aiglon” (filhote de águia) por ser filho da “Águia Imperial”, isto é, Napoleão Bonaparte.

XIV

A MARQUESA DE SANTOS:

“TITILA, A BELA”

(1797-1867)

Em 18 de dezembro de 1826 Maria Luísa de Áustria, que fora a segunda esposa de Napoleão Bonaparte, recebeu uma carta que dizia: “Há quase quatro anos, querida irmã, por culpa de um monstro sedutor, encontro-me reduzida à maior escravidão e totalmente esquecida por meu amado Pedro”. Quem assim escreveu foi a Imperatriz Leopoldina do Brasil, na época gravemente enferma após sofrer um aborto, em consequência do qual morreu poucos dias depois. O “amado Pedro” a quem se referia na última carta não era outro senão seu marido Pedro I de Bragança, primeiro imperador do Brasil, e o “monstro sedutor” era sua amante Domitila de Castro e Melo, marquesa de Santos, a quem o monarca havia rebatizado como “Titila, a bela”. Três vértices de um trágico triângulo que estremeceu os fundamentos do recém-proclamado Império do Brasil.

Pedro de Bragança havia nascido em Lisboa, especificamente no palácio de Queluz, em 12 de outubro de 1798. Era o segundo filho dos reis João VI de Bragança e Carlota Joaquina de Bourbon, mas a morte do irmão mais velho o colocou em primeiro lugar na linha de sucessão. Em 1808, a invasão napoleônica levou a família real portuguesa a refugiar-se no Brasil, onde permaneceu até 1821. A situação mudou radicalmente quando, uma vez em Lisboa, João VI reduziu novamente à condição de colônias os territórios de ultramar. Foi então que o príncipe Pedro, que ficara no Rio de Janeiro como regente, respaldou as iniciativas de políticos como José Bonifácio e não hesitou em apoiar os nacionalistas que reivindicavam uma constituição própria e a independência do Brasil.

Naquela altura Pedro já havia contraído matrimônio com a princesa Maria Leopoldina de Habsburgo-Lorena (1797-1826), filha do imperador Francisco I de Áustria, união da qual tinham nascido os príncipes Maria da Glória (1819-1853), Miguel (1820) e João Carlos (1821-1822), aos quais se seguiriam anos depois Januária Maria (1822-1901), Paula Mariana (1823-1833), Francisca Carolina (1824-1898) e Pedro (1825-1891). Antes do casamento, o imperador do Brasil já havia dado mostras de seu temperamento ardente por meio da relação com a bailarina francesa Noémi Thierry, com quem teve uma filha que viveu apenas alguns minutos. O cadáver da pequena foi embalsamado e a tradição assegura que Pedro o manteve consigo durante

mais de vinte anos com o objetivo de jamais esquecer a mãe da menina, a mulher que lhe havia despertado o amor e o sexo.

Nada indicava portanto que Pedro de Bragança seria marido fiel. O certo, porém, é que durante os primeiros anos de matrimônio a cumplicidade entre os cônjuges foi muito grande. A união se refletiu no terreno político, mas foi inexistente no amoroso a partir da entrada em cena de uma mulher belíssima chamada Domitila de Castro Canto e Melo.

Isso ocorreu em 1822. Então, o príncipe regente tinha se deslocado a São Paulo a fim de sufocar uma revolta nacionalista e deixara o governo do território nas mãos da esposa. Foi ela quem o informou de que em Lisboa o monarca português retirara a confiança depositada nele, o dispensara como regente e exigira seu regresso imediato a Portugal. Leopoldina, a quem não sem motivo foi chamada “paladina da independência” acrescentava em sua comunicação: “a fruta está madura, ou se colhe agora ou apodrece”. A resposta do príncipe Pedro não se fez esperar: em 7 de setembro de 1822, com a espada em punho diante de suas tropas, exclamou: “Independência ou morte!”. Esse ato passou à história como Grito do Ipiranga e representou o início da luta armada do Brasil para constituir-se em nação independente. Um mês depois, Pedro de Bragança foi proclamado imperador e em 1º de dezembro ocorreu a coroação formal no Rio de Janeiro.

Naquele momento Domitila já estava a seu lado. Tinham se conhecido em agosto de 1822, poucos dias antes do grito do Ipiranga. Morena, sensual, de olhos escuros e bem proporcionada, Domitila tinha vinte e cinco anos e era filha de um militar de alta patente e folha de serviço exemplar. Nascera em São Paulo em 27 de dezembro de 1797 e em 1813, com apenas quinze anos, casara-se com um oficial do corpo de Dragões de Vila Rica chamado Felício Pinto Coelho de Mendonça (1789-1833). Da união nasceram três filhos: Francisca, Felício e João, embora este último tivesse morrido pouco depois de nascer, devido a um parto prematuro decorrente de uma das muitas surras que Domitila recebia do esposo, viciado em bebida e extremamente violento.

Apesar dos contínuos esforços para conseguir a separação legal do marido, Domitila só a obteve quando sua condição de amante do imperador já era de

conhecimento geral. Contudo, já a havia conseguido muito antes *de facto*, já que em 1823 Pedro I a instalou em uma luxuosa mansão na rua Barão de Ubá, no Rio de Janeiro, onde nasceram os primeiros filhos com a amante: Isabel Maria de Alcântara Brasileira (1824-1898), duquesa de Goiás, e Pedro de Alcântara Brasileiro (1825-1826). Domitila já era, portanto, favorita do imperador, o que não significava que fosse a única de suas amantes, pois em 4 de novembro de 1823 nasceu Rodrigo Delfim Pereira, outro dos bastardos do soberano, desta vez com ninguém menos do que uma irmã de Domitila, Maria Benedita de Castro Canto e Melo (1792-1857), casada com o barão de Sorocaba. Pelo visto, Pedro I quis imitar as façanhas de amor de Henrique VIII da Inglaterra com as irmãs Bolena, e manteve relações paralelas com Domitila e Maria Benedicta.

Apesar disso e das muitas aventuras extraconjugais conhecidas a respeito dele, ninguém pode duvidar de que “Titila, a bela” foi a grande paixão da vida de Pedro I do Brasil. Isso está demonstrado por uma ardente coleção de cartas de alto teor erótico. Como exemplo, basta recordar uma das frases iniciais de uma carta escrita por Pedro I à amante após sofrer uma contusão nos testículos depois de uma queda do cavalo: “Minha querida amiga do coração: Não quero que te preocupes com meu estado de saúde. Tua coisa (*sic*) está sem novidade e a inflamação diminuiu, por isso a urina já sai clara”. Para bom entendedor, poucas palavras bastam.

A ambição de Domitila, entretanto, ia além da troca de prazeres amorosos com seu amante. Essa ambição foi sempre satisfeita, já que Pedro I não soube negar-lhe nada. Assim, em 4 de abril de 1824 ela foi nomeada dama de companhia da imperatriz, ridicularizando a infeliz Leopoldina, a qual, irremediavelmente apaixonada pelo galante Pedro, limitava-se a parir um filho após outro e a suportar com a maior dignidade possível as infidelidades do marido. Apenas um ano depois, em outubro de 1825, Domitila recebeu o título de viscondessa de Santos, honra aumentada no ano seguinte ao converter-se em marquesa. Evidentemente, essa nova condição deveria ser acompanhada pelos necessários complementos dourados, e no mesmo ano de 1825 Pedro I a presenteou com um enorme palacete, a “Casa Amarela”, não muito longe do palácio. Ali ela deu à luz mais uma filha, Maria Isabel de Alcântara Brasileira (1827), que viveu apenas alguns meses. Os obséquios

não se limitaram a sua pessoa; também os pais receberam o título de viscondes de Castro e seu irmão Francisco foi nomeado ajudante de ordens do imperador.

A ostentação pública dos amores com a marquesa de Santos corroeu consideravelmente o prestígio do imperador, já muito prejudicado porque sua política esquecera os objetivos liberais e se voltara diametralmente para o absolutismo. A marquesa era acusada de interferir nos assuntos de Estado e de controlar completamente a vontade do amante. O povo, aliás, tinha autêntica devoção pela imperatriz Leopoldina e culpou Titila por sua inesperada morte em 1826, causada por uma septicemia ao abortar o filho que esperava. Correu o rumor de que a causa da interrupção da gravidez tinha sido uma surra dada pelo imperador quando Leopoldina se negou a presidir uma cerimônia da corte acompanhada pela marquesa de Santos. Resolvida a vingar aquela que era considerada a artífice da independência, horas depois que a notícia do falecimento da imperatriz se tornou pública uma turba incontrolável se dirigiu à residência de Domitila com intenção de atacá-la. Somente a intervenção do exército evitou o linchamento da favorita.

Após a morte de Leopoldina de Habsburgo foi acordado um novo matrimônio para o imperador, não tanto por necessidades sucessórias, mas com o intuito de encontrar importantes aliados na Europa. A situação de Portugal assim exigia. Pedro havia renunciado à coroa lusitana em 1826, cedendo-a à filha Maria da Glória, que tinha somente sete anos, e nomeando como regente seu tio Miguel de Bragança (1802-1866). Mas a revolta absolutista encabeçada por este o levou a usurpar o trono português, o que obrigou Pedro I a buscar apoio na Europa em favor da causa da jovem Maria da Glória. No entanto, os boatos sobre o sofrimento causado a Leopoldina devido à presença da marquesa de Santos na corte haviam cruzado o oceano e várias princesas europeias se negaram a aceitar o compromisso. Finalmente, dois anos depois da morte de Leopoldina, encontrou-se uma candidata adequada: Amélia de Beauharnais, duquesa de Leuchtenberg e neta de Joséphine de Beauharnais, primeira esposa de Napoleão Bonaparte e imperatriz da França. Para celebrar a boda a família da noiva impôs somente uma condição: a ruptura total das relações entre o imperador e Domitila.

Naquela altura, a paixão de Pedro I por sua Titila havia diminuído. Em 23 de agosto de 1829 havia nascido Pedro de Alcântara Brasileiro, filho ilegítimo do imperador e de uma modista francesa residente no Rio chamada Clémence Saisset. Possivelmente porque seu interesse pela marquesa de Santos já não fosse o mesmo, Pedro I concordou. Assim, apesar de estar grávida, naquele mesmo mês de agosto de 1829 Domitila de Castro e Melo viu-se definitivamente afastada da corte. Foi obrigada a vender as propriedades e estabelecer-se em São Paulo, sendo proibida de viajar ao Rio. Assim foi feito, e o palácio que tinha sido de “Titila, a bela” passou a chamar-se “palacete da rainha” depois de ser entregue à princesa Maria da Glória, Maria II de Portugal. Em outubro de 1829, Pedro I contraiu matrimônio com Maria Amelia de Leuchtenberg. Poucos meses depois, em fevereiro de 1830, Domitila deu à luz a última das filhas do imperador, Maria Isabel de Alcântara Brasileira II (1830-1896) que com o passar dos anos se converteria em condessa consorte de Iguaçu.

O imperador, não obstante, quis que sua filha predileta, a duquesa de Goiás, não acompanhasse a mãe e permanecesse a seu lado. Deste modo, Isabel Maria se manteve junto ao imperador e o acompanhou à Europa depois da abdicação ao trono brasileiro em 1831 em favor do filho Pedro II. Instalado em Paris, de onde organizou a operação contra a ofensiva miguelista em Portugal, matriculou Isabel Maria no colégio Sacré Coeur de Paris. Em 1834, com a morte de Pedro I em Lisboa, a viúva Amélia de Beauharnais mandou buscar a jovem, insistindo para que estudasse na Alemanha e combinando seu casamento com um nobre alemão residente em Murnau, Ernst Fischler von Treuberg, (1816-1867), barão de Holzen e conde de Treuberg. Curiosamente, a primeira filha do casal recebeu o nome de Amélia, em homenagem à imperatriz viúva. O mesmo se tentou em relação a Maria Isabel II, mas Domitila não concordou em que ela fosse educada na Europa e matriculou-a em uma escola para damas nobres, o Colégio Higgins, de Botafogo. Em 1848 Maria Isabel II contraiu matrimônio com o conde de Iguaçu, filho do marquês de Barbacena, precisamente o homem que mais havia insistido com Pedro I para que encerrasse a relação com Domitila.

Retirada em São Paulo, levando uma vida discreta que em nada se assemelhava ao seu comportamento durante os anos passados na corte,

Domitila conheceu em 1833 um militar de nome Rafael Tobias de Aguiar (1794-1857) com quem se casou em 1842 e teve seis filhos: Rafael, João, Antônio, Francisco, Brasília, Gertrudes e Heitor. Esquecendo o tempo em que fora tão amada por seu imperador como odiada por seu povo, Domitila se transformou em alma da sociedade paulista. Abriu seus salões a tertúlias políticas e organizou inúmeros eventos sociais que alternava com a caridade e o financiamento de diversas obras piedosas. Uma das mais significativas foi a construção da monumental capela do cemitério da Consolação, o mesmo em que foi sepultada ao morrer de colite intestinal em 3 de novembro de 1867.

XV

LOLA MONTEZ,
A PERDIÇÃO
DO REI DA BAVIERA

(1821-1861)

Se houve alguém capaz de ostentar o mérito de ser cortesã modelo, foi sem dúvida Lola Montez. O cinema lhe emprestou as feições de Conchita Montenegro⁷⁵ (1911-2007), a primeira atriz espanhola a triunfar em Hollywood, ou da francesa Martine Carol⁷⁶ (1920-1967), mas nem a magia da sétima arte conseguiu igualar o magnetismo pessoal nem a vida aventureira de Maria Dolores Eliza Rosanna Gilbert, uma irlandesa que honrando a tradição de seus compatriotas terminou seus dias nos Estados Unidos depois de ter crescido na Índia, dançado em teatros europeus e obtido o duvidoso troféu de ser a perdição de um dos últimos monarcas da Baviera, Luís I.

Não se conhece com exatidão o lugar de seu nascimento. Para alguns autores foi em Limerick (Irlanda), para outros Grange, no condado irlandês de Sligo. Só há unanimidade no fato de que o acontecimento ocorreu em 17 de fevereiro de 1821 com matizes escandalosos, pois foi fruto da relação de um militar, Edward Gilbert, com uma jovem de apenas quinze anos, de presumida ascendência espanhola, chamada Elisa Oliver.

Ela tinha apenas dois anos quando o pai foi destacado para a Índia, especificamente em Dinapore, no pantanoso delta do Ganges. Evidentemente as condições ambientais da região eram extraordinariamente favoráveis para que se sucedessem surtos de cólera e um destes, pouco depois de deflagrar-se, atingiu o pai da futura bailarina, que não sobreviveu. No entanto, a mãe não vestiu trajes de viúva por muito tempo. O novo marido se chamava John Craigie e tinha sido companheiro de armas do falecido, em Waterloo. Um casamento que poderia ter sido feliz se não fossem a rebeldia e o atrevimento da pequena Betty, como a chamavam então, que tornou a vida do padrasto impossível.

A futura “Lola Montez” fugia de casa, se negava a observar as normas de urbanidade – muito importantes na época – trepava em árvores e se encontrava mais à vontade entre os empregados domésticos do que entre outras crianças de sua idade na elitista sociedade britânica na Índia. Desesperado, convencido de que não poderia educá-la, Craigie resolveu

mandá-la para a metrópole, sob custódia de sua família. Porém nem na circumspecta sociedade de Montrose, em plena zona rural britânica, o comportamento de Betty se modificou. A “menina indiana rebelde”, como costumavam chamá-la, arrancou a peruca de um respeitável cavalheiro da comunidade durante um ofício religioso, ignorava as normas sociais e passeava pela rua meio despida. Resolveu-se então interná-la em uma escola em Sunderland, cuja diretora era uma irmã do padrasto. Ali ocorreu uma profunda mudança na menina que possivelmente só procurava chamar a atenção, porque estava cercada de desconhecidos e separada do ambiente em que havia crescido. A partir dos dez anos Betty começou a mostrar-se aplicada, ao mesmo tempo em que sua beleza despontava: olhos imensos, uma elegância inata e uma considerável capacidade de sedução que fazia com que sua obstinação, altivez e determinação ao tomar decisões fossem perdoadas.

Contava quinze anos quando a mãe viajou à Inglaterra a fim de levá-la consigo de volta para a colônia. Estava previsto seu casamento com sir Abraham Linley, juiz do supremo tribunal da Índia, homem respeitado e admirado, mas que era cinquenta anos mais velho que ela. Obviamente, ao ficar sabendo dos planos do pai, Betty recusou a proposta. Sua negativa pouco teria adiantado se não fosse o tenente Tom James, o atraente assistente do padrasto, que viajava com a Sra. Craigie e ao que parece era seu amante. O casamento de Betty com o juiz Linley não chegou a ser celebrado porque o inevitável aconteceu: James deixou a mãe pela filha.

Em 1837 Betty e Tom fugiram juntos e casaram-se. Em seguida instalaram-se na mansão da família do marido em Castlerough e pouco depois partiram para a Índia com o intuito de que James se reincorporasse ao exército, certamente em um novo destino. Ali Betty viveu um curto período de harmonia em sua vida e reencontrou suas origens. Mas a felicidade é efêmera e Tom James, além disso, não era exemplo de fidelidade, razão pela qual pouco depois de instalar-se em terras indianas fugiu de casa com uma nova amante e todo o capital de que o casal dispunha. Betty ficou, assim, sozinha e sem recursos.

Como a relação com a mãe e o padrasto estava muito deteriorada, ela resolveu divorciar-se e voltar à Inglaterra. No caminho, porém, cruzou com outro homem, Charles Lennox, elegante e esperto que soube descobrir nela o único capital que possuía: a beleza. Tendo chegado a Londres, Lennox apresentou Betty a Fanny Kelly (1790-1882), importante atriz e cantora que havia obtido muitos êxitos no teatro Drury Lane. Foi ela que lhe recomendou aprender um pouco de dança e ajudou-a a esboçar a personagem em que se transformaria nos palcos e também fora deles: Lola Montez.

Alguns autores dizem que foi o toureiro Francisco Montes “Paquiro”⁷⁷ quem lhe deu certa instrução sobre danças espanholas e sugeriu seu nome artístico. É uma afirmação arriscada. No entanto, é possível que Betty tenha passado por algum porto da Andaluzia antes de instalar-se em Londres e nele tenha conhecido o célebre matador. De qualquer forma, é certo que em 8 de junho de 1843 ela estreou nos palcos londrinos durante o intervalo de uma representação da ópera de Rossini, *O barbeiro de Sevilha*, anunciando-se como “dona Lola Montez, do teatro Real de Sevilha”. Não foi um sucesso estrondoso mas lhe serviu para iniciar uma turnê na Europa, onde ficou conhecida com uma dança a que chamou “a Tarântula”, que executava à base de singulares contorções, tocando castanholas e penteada com um adereço de madrepérola que prendia um par de cravos. Pouco a pouco, apesar de seus poucos méritos de bailarina, o nome de Lola Montez começou a ganhar repercussão até que ela se convertesse em uma autêntica diva dos palcos.

Na verdade, sua história não é inédita. Mas sem dúvida foi, de certa forma, a pioneira de uma maneira de ser e de viver que mais tarde seria seguida por Loïe Fuller (1862-1938), Isadora Duncan (1877-1927), a lendária Mata-Hari (1876-1917) ou a espanhola Tórtola Valência (1888-1953). Mulheres belas, com maior ou menor competência artística, que construíram seu próprio personagem e que em alguns casos, como os de Isadora ou de Tórtola Valência, renovaram completamente as artes cênicas na Europa do *fin de siècle*. Mas Lola Montez havia nascido antes do tempo e essa circunstância, unida à escassez de dotes artísticos, a levaram a converter-se em uma *demi-mondaine* – como se chamava na época o que hoje seria uma *escort*, ou garota de programa – à maneira de Cora Pearl (1835-1886), Laure Hayman (1851-1932), Liane de Pougy (1869-1950) ou Carolina Otero (1868-1965).

Pouco a pouco ela foi conseguindo amantes cada vez mais importantes e abastados. O mais famoso foi, sem dúvida, Franz Lizst, que a dizia “bela como uma tigresa” e que a introduziu nos círculos artísticos e culturais da época, nos quais, segundo alguns autores, foi também amante de Alexandre Dumas (pai). A relação com Lizst terminou abruptamente e, aproveitando os contatos que este lhe havia facilitado, ela se instalou em Paris com a esperança de substituir Fanny Elssler (1810-1844), uma das grandes bailarinas clássicas da época, que havia introduzido notas folclóricas nos grandes espetáculos de balé. Não é preciso dizer que não o conseguiu. Paris ainda se rendia ao encanto de Marie Taglioni (1804-1884) e sua dança *en pointes*. Admirava Elssler mas não admitia imitadoras como Montez. Nem mesmo a campanha de imprensa de seu novo amante, Alexander Dujarier, conseguiu evitar as pateadas e assovios durante sua estreia. Enfurecida, ignorou os protestos do público, desabotoou o sutiã e continuou a dançar quase sem roupa, fazendo o que alguns consideraram um *strip tease* antes do tempo. Escusado dizer que desde aquele momento ela foi proibida de pisar nos palcos de Paris.

Lola resolveu então instalar-se em Munique. No entanto, sua fama havia ultrapassado fronteiras e a ópera da capital bávara negou-lhe qualquer possibilidade de apresentar-se em seu palco. Ofendida – ou talvez percebendo que se tratava de uma oportunidade de ouro – não pensou duas vezes. Foi diretamente ao encontro do homem que se transformaria na chave de seu futuro: Luís I da Baviera.

Em 1846, a Baviera era um dos muitos reinos em que estava dividida a atual Alemanha. Desde 1825 o trono estava ocupado por Luís I (1786-1868), homem essencialmente bondoso, amante das artes e das letras e felizmente casado com Teresa da Saxônia-Altenburgo (1792-1854) com quem tinha dez filhos. No começo de seu reinado havia adotado uma política constitucional que abandonou gradualmente ao ritmo do espírito contrarrevolucionário que se havia espalhado pela Europa após a queda de Napoleão Bonaparte.

Quando Lola Montez irrompeu em sua vida, Luís era um sessentão sem outro vício secreto a não ser sua “galeria da beleza”: um recanto oculto de seu

palácio de Munique no qual guardava mais de vinte retratos de mulheres, anônimas ou não, todas belíssimas, e onde se refugiava quando queria descansar da árdua tarefa do governo, no exercício da qual um crescente liberalismo contestava continuamente seus modos de rei absoluto. Era, portanto, uma vida serena e tranquila até o dia em que, ao abrir a porta do seu gabinete para receber uma bailarina desconhecida que lhe havia pedido audiência, pareceu-lhe que uma das damas de sua “galeria da beleza” havia ganhado vida. Naquele dia, Lola Montez havia se vestido com esmero e estava esplendidamente atraente. Cuidara especialmente da roupa e se mostrou com ares recatados e humildes, sem deixar por isso de lançar de vez em quando um ou outro olhar insinuante.

A lenda assegura que o rei ouviu atentamente as alegações da bailarina ressentida, que se lamentava amargamente do tratamento dispensado pela diretoria da Ópera de Munique. Diz-se que somente a interrompeu para perguntar se seu corpo era obra da natureza ou da arte. Em resposta, Lola Montez abriu o vestido e mostrou-lhe os seios nus. Seja verdade ou pura invenção, o certo é que Lola saiu do gabinete como primeira bailarina da Ópera de Munique.

Desde esse dia, Luís I viveu somente por ela e para ela. Em 13 de outubro de 1846 encheu a plateia da Ópera de policiais à paisana para que controlassem as possíveis demonstrações de desgosto do público na estreia da bailarina. Foi um esforço inútil, porque houve muitas vaias por sua interpretação da cachucha (dança popular andaluza) da ópera bufa *Le diable boiteux*, de Casimir Gide (1804-1868), que Fanny Elssler tornara famosa em Paris.

Seus detratores não puderam continuar a vaiá-la porque a carreira artística de Lola em Munique foi extraordinariamente breve. Após o fracasso da estreia, o rei a retirou dos palcos e a instalou em uma esplêndida mansão na Borschtallee, uma das mais elegantes avenidas de Munique. Segura de sua posição, ela começou a multiplicar suas extravagâncias e se comportava em público e em privado como uma autêntica rainha sem coroa, ao que o rei nada fazia para evitar. De nada valeram as lágrimas da verdadeira soberana, Teresa da Saxônia, nem o mal-estar popular nem as advertências do arcebispo de

Munique. Luís I parecia enfeitiçado pela magia da “Messalina espanhola”, como ela era conhecida popularmente.

A conduta do rei estimulava os liberais, que não hesitavam em demonstrar seu descontentamento. Isso se comprova pelo fato de o primeiro ministro austríaco Metternich, temendo que a revolução constitucionalista cruzasse a fronteira e contaminasse o império, não ter duvidado em enviar um emissário para encontrar-se com Lola Montez e em troca de dinheiro convencê-la a abandonar o rei. A única resposta que conseguiu foi que a favorita rasgasse o cheque em pedaços e o expulsasse furiosamente de sua casa. Mas ainda faltava o pior. As revoltas populares e a indignação entre os políticos aumentou quando, em 1847, tornou-se público que o rei concedera a sua amante o título de condessa de Landsfeld, que incluía os privilégios próprios do Antigo Regime: imunidade em relação aos tribunais, posse de terras e propriedades e direito a administrar justiça.

Em resposta, o governo pediu demissão em bloco, mas isso não serviu para que Luís I modificasse seu comportamento. Nem ele nem sua amante se retrataram em absoluto, pois quando uma manifestação de estudantes se apresentou às portas da mansão da Borschtallee, Lola apareceu na sacada vestida apenas com um vaporoso robe e segurando uma taça de champanha com a qual brindou os que a viaavam. O gesto não fez senão agravar a revolta popular. Por isso, diante do desenrolar dos acontecimentos e da ameaça de que as manifestações cada vez mais frequentes e numerosas acabassem em derramamento de sangue, Luís teve de assinar na primavera de 1847 a ordem de expulsão de Lola do país.

A favorita mal acabara de sair da mansão quando a multidão a invadiu e destruiu todos os vestígios da mulher a quem consideravam uma bruxa que havia enfeitiçado seu rei. Entretanto, Luís I, acabrunhado, escreveu em seu diário: “Me expulsastes de meu paraíso, derramastes fel sobre meus dias...”

A drástica medida, porém, não lhe permitiu conservar o trono. A pressão popular era cada vez maior e em 1848 Luís I teve de abdicar em favor de seu filho Maximiliano, que gradualmente se dirigiu no sentido de uma monarquia

constitucional. Aquela falsa espanhola de olhos profundos tinha sido sua perdição, mas, com ela ou sem ela, a marcha da história não podia deter-se.

Segura de que seu amante partiria para buscá-la, Lola se instalou durante um curto período na Suíça, depois na França e finalmente em Londres, em fins de 1848. Ali tentou estreitar uma obra teatral inspirada em sua aventura na Baviera com o título *Lola Montez, condessa por um dia*. No entanto, as gestões da embaixada bávara junto ao governo britânico inviabilizaram seu projeto.

Não foi esse seu único escândalo. Resolvida a refazer a vida, casou-se com um jovem oficial de cavalaria chamado George Trafford Heald. As cláusulas de seu divórcio com Tom James, porém, não lhe permitiam novo matrimônio antes que este falecesse. O resultado foi uma acusação de bigamia e a fuga precipitada dos cônjuges/amantes para a França e Espanha, onde residiram durante cerca de dois anos sem que o amor durasse mais tempo do que o de uma aventura passageira.

Novamente sozinha, Lola viajou aos Estados Unidos porque, segundo suas próprias palavras, era “o último refúgio da liberdade sobre a Terra, bendito pelas vítimas da tirania do Velho Mundo”. Parecia começar com o pé direito essa nova etapa de sua vida. Em 27 de dezembro de 1851 estreou na Broadway com uma obra intitulada *Betty, a tirolesa*, na qual sua personagem libertava a Baviera do jugo dos jesuítas. Mas o disparate foi novo fracasso de crítica e de público e ela resolveu exibir-se em parques de diversão para sobreviver, onde por preço módico se podia conversar com a “senhora condessa de Landsfeld”. Em sua peregrinação, contagiada pela febre do ouro, chegou a Grass Valley, povoado minerador da Califórnia, com seu novo companheiro, um jornalista local chamado Patrick Hull. Lá abriu um *saloon* decorado com muito luxo, onde a cada noite se reuniam os homens influentes da região. Não obstante, esse não foi o seu último destino.

Por volta de 1859 se instalou em Nova York. Acabara de publicar um manual: *A arte da beleza ou o segredo do cuidado pessoal*, quando sua vida sofreu uma mudança radical: entrou em contato com a Igreja Metodista. Tendo se tornado Militante do Exército da Salvação, pregava nas ruas e

visitava hospitais e asilos. Em dezembro de 1860 uma pneumonia a levou ao hospital Astoria de Nova York, onde morreu em 17 de janeiro de 1861. Sepultada na mais absoluta solidão, sua lápide no cemitério nova-iorquino de Greenwood diz simplesmente: *Eliza Gilbert. Falecida em 17 de janeiro de 1861.*

Ninguém mais se lembrava de Lola Montez. Chorou-a somente um velho rei, então exilado em Nice, que morreu sete anos depois com a esperança de reencontrar a mulher que tinha sido sua perdição, mas também sua paixão tardia.

75 *Lola Montes* (Antonio Román, 1944).

76 *Lola Montès* (Max Ophuls, 1955).

77 O toureiro Francisco Montes “Paquiro” (1805-1851) foi muito famoso em sua época. A ele se deve o livro *Tauromaquia completa*, o sea *El arte de torear em plaza, tanto a pie quanto a caballo*. Desenhou o tradicional chapéu dos toureiros, chamado “montera”, assim chamada em honra ao sobrenome de seu criador.

XVI

ELENA SANZ,
A PAIXÃO SECRETA
DE AFONSO XII

(1844-1898)

Emilio Castelar dizia a respeito de Elena Sanz que “quem a viu uma vez na vida não poderá esquecê-la jamais”. Certamente isso deve ter acontecido com um Afonso de Bourbon (1857-1885) ainda muito jovem, futuro rei da Espanha – sendo o décimo segundo com esse nome – quando em 1872 recebeu a visita da diva durante sua permanência no prestigioso colégio Theresianum⁷⁸ de Viena. Elena estava então em turnê pela Europa e Isabel II, ilustre amante da música e aficionada de ópera, pediu-lhe que fosse visitá-lo. Segundo se diz, a visita da formosa soprano causou sensação entre os adolescentes internos, os quais disputaram mais uma carícia ou um olhar da sensual cantora do que os chocolates com que ela presenteara o príncipe espanhol.

Afonso e Elena não voltaram a ver-se senão muitos anos depois, quando a diva já era mãe de um filho de pai desconhecido e Afonso chorava a morte de sua primeira esposa, a jovem rainha Maria de las Mercedes⁷⁹, que acabara de falecer, apenas seis meses depois do casamento. O rei estava arrasado e seus próximos terrivelmente preocupados ao ver que aquele rapaz de pouco mais de vinte anos havia perdido a vontade de viver.

Havia, além disso, outro problema. A monarquia restaurada em dezembro de 1874 ainda não estava convenientemente estabilizada⁸⁰ e Cánovas del Castillo⁸¹, seu artífice, tremia que a atitude abúlica do rei diante das responsabilidades próprias de seu cargo desfizesse sua trama política. Assim, Pepe Alcañices⁸², duque de Sesto, resolvido, como político e amigo, a restituir ao monarca a energia necessária para retomar sua vida, proporcionou um encontro com a única mulher que, embora não pudesse substituir a falecida rainha, poderia distrair Afonso XII em sua dor: Elena Sanz.

Era o dia 4 de outubro de 1878. No Teatro Real de Madri estava sendo representada exatamente a ópera *La Favorita*⁸³, de Gaetano Donizetti, com um elenco de luxo encabeçado por Julián Gayarre⁸⁴ e Elena Sanz. A diva, naquela época, contava trinta e quatro anos, isto é, treze anos mais velha do que o rei. Havia nascido em Castellón em 1844 e seu nome completo era Elena Sanz Martínez de Arizala. Sua família, de classe média, tinha ligeira

pátina aristocrática já que o pai era primo do marquês de Cabra, mas seus recursos econômicos eram tão reduzidos quanto seus brasões. Por isso ela havia ingressado ainda muito pequena no Colégio de Meninas Órfãs de Leganés, instituição sustentada pelo duque de Sesto onde eram educadas jovens de economia precária mas pertencentes a famílias de alguma linhagem. Para serem admitidas havia uma curiosa exigência: tinham de ser pobres e bonitas, pois considerava-se que a formosura unida à miséria era condição *sine qua non* para que as jovens perdessem a virgindade.

Pouco se sabe dos progressos de Elena no terreno acadêmico, mas é sabido que rapidamente se destacou no coro do colégio graças a seus magníficos dotes vocais. Ao saber disso, o duque de Sesto informou Isabel II, que, como era apaixonada pelo *bel canto*, transformou-se em sua protetora. A soberana custeou os estudos musicais e, quando estes chegaram ao fim, Elena passou a fazer parte da companhia de Adelina Patti⁸⁵, na qual obteve triunfos retumbantes nos palcos europeus e americanos antes de apresentar-se no Teatro Real de Madri. “Elegantíssima, muito bonita, de grandes olhos negros fulgurantes, de porte esplêndido e bem plantada” – como a definiu Benito Pérez Galdós –, e dona de magnífica voz, não tardou em erigir-se como estrela indiscutível do coliseu madrileno. Teve uma carreira fulgurante que de certa forma se veria interrompida a partir daquela noite do outono de 1878, quando um jovem monarca, com a alma entristecida e os sentimentos à flor da pele, rendeu-se a seu encanto.

Terminada a função, Sanz subiu ao camarote para cumprimentar o monarca e este, como mandava o protocolo, a presenteou com uma joia. Desde então não houve noite em que Elena cantasse e o camarote real permanecesse vazio. Começou assim uma relação apaixonada que teve o período de maior efervescência entre a primavera de 1879 e o inverno de 1882, quando a cantora se instalou definitivamente em Paris após o nascimento de seu segundo filho. Toda a Madri sabia da relação do rei com ela⁸⁶, mas se resta alguma dúvida, existe uma ampla correspondência que a confirma. Em abril de 1879 Elena recebeu uma foto do rei com uniforme de capitão geral e a seguinte dedicatória⁸⁷: “Quando a esquadra blindada mandava, querida Elena, todas as bússolas marinhas sofriam um claro desvio conforme a proximidade dos metais que cobriam minha casa de ferro; se estivesse lá,

todas se voltariam para teus olhos, como fizeram inclinar-se o coração do teu Afonso”. O romantismo dos primeiros tempos não tardou a ser substituído pela paixão. Em uma imagem do monarca com traje de caçador e tirada poucos meses depois, este escreveu:⁸⁸ “*Adieu*, até o próximo dia em que cacemos às escondidas. Teu Afonso”.

O fortalecimento da relação levou a cantora a abandonar os palcos. Elena sabia que não poderia aspirar a casar-se com o rei viúvo, mas se conformava com a ideia de ocupar um lugar privilegiado em sua vida. Com a ajuda do soberano, embora naquela altura a diva já pudesse considerar-se dona de sólida economia, instalou-se em um bairro residencial de Madri, onde recebia periodicamente a visita de um monarca que pouco ou nada tinha a ver com o viúvo desconsolado que havia sido até poucos meses antes.

Entre as obrigações do apaixonado Afonso XII, porém, a primeira era assegurar a dinastia. Portanto era necessário ajustar um segundo matrimônio. Afonso XII não resistiu. Sabia que era esse o seu dever. Sua falta de interesse, porém, o levou a deixar o assunto nas mãos de Cánovas. Este se decidiu por uma jovem arquiduquesa austríaca, irmã do arquiduque Frederico de Habsburgo, antigo colega do rei no Theresianum, e sobrinha do imperador Francisco José I de Áustria. Seu nome era Maria Cristina de Habsburgo-Lorena. Havia nascido na Boêmia, especificamente no castelo de Gross-Seelowitz⁸⁹, em 21 de julho de 1858. Era uma mulher talvez não muito atraente, porém extremamente discreta, culta e prudente, que falava correntemente, além de seu alemão natal, italiano, francês, inglês e outras línguas do império austro-húngaro; havia estudado matérias como filosofia e economia e tinha grande paixão pela música. Possuía portanto todos os ingredientes para ser uma boa rainha, e mais adiante a vida lhe deu razões de sobra para demonstrá-lo. A boda foi celebrada em novembro de 1879 com muita resignação por parte do monarca⁹⁰ e grandes ilusões por parte da noiva, que havia cometido o tremendo erro de apaixonar-se perdidamente pelo rei.

Maria Cristina não sabia, naquela altura, que não muito longe do palácio uma famosa cantora se preparava para viajar a Paris, onde daria à luz um filho, fruto de sua relação com o rei. Dois meses depois, em 1880, quando a rainha já havia anunciado a primeira gravidez, Elena deu à luz a seu filho com

Afonso XII. Para evitar dúvidas, o menino recebeu o nome do pai e foi discretamente acolhido por Isabel II.

Embora a discrição fosse intencional, pouco adiantou que a criança tivesse vindo ao mundo do outro lado da fronteira espanhola. O jornal *La Publicidad* informou: “Há alguns dias, a senhorita X deu à luz um menino em Paris. Afirma-se que a certidão de nascimento, lavrada na presença de um embaixador, foi redigida de forma a permitir que o recém-nascido reclame sucessão ao trono”. É verdade que a existência de tal cláusula nunca foi provada, mas o estratagema serviu ao jornalista para indicar mais diretamente quem era o pai da criança.

Quando a diva regressou a Madri, Afonso XII manteve a relação, apesar de sua condição de homem casado. Elena havia previamente enviado ao rei uma foto em que aparecia com o recém-nascido. Ele não tardou em responder: “Minha Elena: Que graça de retrato e como fico agradecido. O menino faz muito bem em agarrar-se ao melhor que tem e por isso vai gostar de tocar o sino. Estás tão bela que eu poderia te encher de beijos e só Deus sabe como me deixaste. Daria qualquer coisa para ver-te, mas não é possível. Recebe um abraço, Afonso.”

Maria Cristina tentou ignorar um amor tão público como reprovado pelos círculos políticos, que viam em Sanz um motivo para a desestabilização da monarquia. Estava consciente de que não poderia combater a figura exuberante e o temperamento ardente da cantora com outras armas senão sua cultura, seu equilíbrio e uma certa harmonia doméstica. O rei certamente admirava suas diversas e boas qualidades, mas o que sentia por ela estava muito longe de poder chamar-se amor e muito menos atração sexual. Algo semelhante acontecia com o povo que, assim como o monarca, a admirava mas não se havia rendido a sua pessoa. Todos sabiam que a rainha executava uma importante tarefa social, supervisionava pessoalmente diversas instituições de caridade, era culta e religiosa e sua distinção merecia respeito. A resignação com que suportava as infidelidades conjugais também era conhecida, mas ela não conseguia despertar a simpatia de que gozara sua antecessora, Maria de las Mercedes, no seio de um povo que acabaria por dar-lhe o apelido de “Dona Virtudes”.

No ano do casamento, em setembro de 1880, nasceu uma princesa que garantia a continuidade dinástica mas gerou certa frustração, por não ser o esperado varão. A inteligência de Maria Cristina soube como compensar o rei e o povo: batizou a recém-nascida como Maria de las Mercedes. A felicidade da rainha, porém, durou pouco. Meses depois, em fevereiro de 1881, Elena Sanz deu à luz o segundo filho, outro menino, que foi batizado com o nome de Fernando. Nasceu em Madri. Nem sequer se teve a prudência, como no caso do irmão, de afastar a mãe da corte. Além do mais, o rei se encarregou de sustentar Elena e os filhos, aos quais continuou a visitar com frequência, enquanto entre a rainha e ele abria-se um abismo cada vez maior. Em 1882 ele escreveu: “Minha idolatrada Elena. A cada minuto te amo mais e desejo ver-te, embora isso seja impossível nestes dias. Não tens ideia das lembranças que deixaste em mim. Conta comigo para tudo. Não tenho escrito por falta de tempo. Às crianças um beijo do teu Afonso”.

Isso permaneceu até o dia em que a sensata e prudente Maria Cristina não suportou mais. Não se sabe até que ponto foi capaz de enfrentar o rei, mas falou seriamente com Canova, que forçou a saída da amante real da Espanha. Em 1882 Elena se refugiou em Paris com os filhos, sob o amparo da rainha Isabel, que não hesitava em dizer que a diva era “sua nora perante Deus”. O calvário da rainha, entretanto, não havia terminado. Afastado de Sanz, outra soprano, Adelina Borghi, entrou na vida de Afonso XII. Era conhecida como “*La Biondina*”, por causa da cor de seus cabelos⁹¹. Não seguia as características das outras amantes do rei. A própria Elena Sanz, Blanca Espronceda (1834-1900) – filha do poeta –, ou seu último amor, a valenciana Adela Almerich (1854-1920), eram todas discretas e reservadas. Adela, pelo contrário, era o protótipo da exuberância, coquete, exigente, amante dos brilhantes e das atenções dos cavalheiros que passavam por seu camarim. Nunca hesitava em vangloriar-se de ser a destinatária dos favores régios. Tanto alardeou sua relação que, durante suas atuações no Teatro real, todos os binóculos se voltavam para o camarote real a fim de ver as expressões da rainha, enquanto a *Biondina* lançava ao ar seus gorjeios. Dessa vez, Maria Cristina foi mais contundente. Ameaçou Canova com a intenção de voltar a seu país caso Adelina Borghi não cruzasse imediatamente a fronteira. Dois dias depois, mesmo contra a vontade do rei, José Elduayen, na ocasião governador geral de Madri, conduziu a cantora à estação do Norte e após

acomodá-la no expresso para Irún, deu ordens à polícia e notificou os consulados da França e Itália de que a Espanha a declarava *persona non grata*.

Enquanto isso, Elena Sanz vivia em Paris com uma pensão de 5 mil pesetas mensais enviadas pelo rei. Certamente o dinheiro provinha de seu pecúlio particular, porque em 1884 ele escreveu: “Querida Elena, até agora não pude mandar-te o que vai anexo porque encerrei o mês com dívidas e sem dinheiro. Penitencio-me pelo atraso, como verás, mandando 500 pesetas a mais. Daqui em diante serei mais pontual. Alegro-me em saber que as crianças estão bem. Mil beijos de teu Afonso”.

A situação mudou radicalmente em 25 de novembro de 1885, quando a tuberculose acabou com a vida do monarca. Maria Cristina, grávida do futuro Afonso XIII, tornou-se regente e imediatamente cortou a pensão de Elena Sanz. A diva não ficou de braços cruzados e após uma tentativa de chantagem concordou em firmar o acordo de Paris, pelo qual entregou a um intermediário uma centena de documentos, principalmente cartas, que confirmavam a paternidade de Afonso XII. Em troca fez-se um depósito de 31 mil francos no exterior, que os pequenos Afonso e Fernando poderiam retirar quando atingissem a maioridade, convertidos em 700 mil.

Elena morreu em Paris no Natal de 1898. Quando os filhos Afonso⁹² (1880-1970) e Fernando (1881-1925) foram reclamar a fortuna, não havia nada. O banco tinha falido e não foi possível recuperar o depósito feito anteriormente. Afonso teve uma carreira profissional brilhante e pleiteou em vão em prol de seu direito a ostentar o sobrenome Bourbon; Fernando⁹³ foi esportista de categoria e morreu solteiro em 1925. Desde a morte da mãe, somente Isabel II (1830-1904) e a infanta Eulalia, a mais jovem das irmãs de Afonso XII, quiseram ter contato com eles.

78 O Theresianum era uma instituição docente fundada pela Imperatriz Maria Teresa de Áustria e uma das mais prestigiosas da Europa.

79 Maria de las Mercedes d’Orléans (1860-1878) era prima irmã de Afonso XII por ser filha de Luísa Fernanda, irmã de Isabel II. O pai, duque de Montpensier, havia contribuído para a derrubada da monarquia de Isabel II e se postulava como possível monarca. Daí a oposição familiar e política ao romance. Não obstante, o amor venceu e ambos se casaram em janeiro de 1878. A jovem rainha faleceu

em 24 de junho do mesmo ano, quando acabara de completar dezoito anos.

80 Após a revolução de setembro de 1868, que acabou com o reinado de Isabel II, assumiu o poder um diretório militar encabeçado pelo general Serrano. Procurou-se então entronizar uma nova dinastia na pessoa de Amadeo de Saboya e em seguida foi proclamada a República. Finalmente, em 1874, produziu-se a restauração dos Bourbon na pessoa de Afonso XII, filho de Isabel II.

81 Antonio Cánovas del Castillo (1828-1897) foi o artífice do sistema político da restauração. Dirigente máximo do Partido Conservador, foi um dos homens de Estado mais importantes do século XIX espanhol.

82 José Isidro de Osorio y Silva-Bazán, (1825-1909), mas conhecido como Pepe Alcañices por ser marquês de Alcañices entre os dezesseis títulos nobiliárquicos que possuía, foi um aristocrata, militar e político espanhol que desempenhou importante papel durante a restauração afonsina. De forte convicção monárquica, foi o melhor amigo e o conselheiro mais próximo de Afonso XII.

83 Uma adaptação livre dos amores entre Leonor de Guzmán e Afonso XI de Castela.

84 O tenor navarrese Julián Gayarre (1844-1890) era uma das melhores vozes solistas de sua época. Era conhecido na França como “le roi du chant”.

85 Adelina Patti (1843-1919) foi considerada a cantora mais brilhante de seu tempo.

86 Recentemente, a relação passou a ser conhecida pelas novas gerações graças a uma entrevista com a neta de Elena Sanz, Maria Luísa Sanz de Limantour, publicada pela jornalista Consuelo Font no jornal *El Mundo*.

87 Barrios, Manuel. *El gran amor prohibido de Alfonso XII*. Madri, Temas de Hoy, 1998, pág. 113.

88 Barrios, Manuel, *op. cit.*, cf. pág. 153.

89 Atualmente Zidlocovic, na República Tcheca.

90 Sobre o pouco entusiasmo do monarca conta-se que ao conhecer a futura esposa em Arcachon (França), ele comentou a Alcañices: “Que pena que gostando mais da mãe terei de casar-me com a filha!”. Maria Cristina tinha comparecido ao encontro acompanhada pela mãe, Isabel de Áustria, mulher de extraordinária beleza.

91 “A lourinha”.

92 Afonso chegou a ser diretor da empresa Peugeot em Paris e casou-se com Guadalupe de Limantour, abastada herdeira Mexicana. Sua filha Maria Luísa esforçou-se para que fossem reconhecidas suas origens.

93 Participou como ciclista dos Jogos Olímpicos de Paris em 1900, representando a França, e obteve medalha de prata na competição masculina de velocidade.

XVII

KATIA DOLGORUKOV,
O AMOR DO CZAR
(1847-1922)

Em 13 de março de 1881 o czar Alexandre II (1818-1881) dirigia-se ao Quartel de la Manège, em São Petersburgo, com a intenção de passar em revista os regimentos da Guarda de Infantaria de Reserva e a Guarda Caçaminas. Viajava, como de costume, em um veículo fechado, acompanhado por sete cossacos, inclusive o que ia sentado na boleia ao lado do cocheiro. Naquele dia a vigilância tinha sido reforçada, porque tanto o czar como os encarregados de sua proteção sabiam do descontentamento reinante em determinados setores da população perante a intenção imperial de modernizar as antiquadas leis russas. Assim, por medida de segurança a carruagem real foi seguida por dois trenós, nos quais estavam, entre outros, o chefe da polícia e o chefe da guarda pessoal do soberano. Inesperadamente, houve um grande estrondo e a pequena comitiva se viu envolvida por uma nuvem de fumaça.

Ninguém havia reparado que pela calçada caminhava um homem baixo, magro, enrolado em um longo casaco negro e levando um pacote de dimensões reduzidas que ocultava a bomba que lançou quando a carruagem do czar passava. Chamava-se Nikolai Rysakov e não estava sozinho. Muito perto havia um cúmplice, Ignati Grinevitski, o qual, ao ver que Alexandre II havia escapado ileso e estava em pé, verificando os danos causados pela primeira bomba, atirou outra aos pés do soberano.

O chefe de polícia Dvorzhitski deixou um relato completo do que sucedera: “Ainda ensurdecido pela segunda explosão, ferido e jazendo por terra, escutei a voz débil de Sua Majestade que gritava: ‘Socorro!’ Reuni as forças que pude, levantei-me e corri em direção ao czar. Sua Majestade estava meio deitado e apoiado no braço direito. Pensando que não estivesse muito ferido, tratei de levantá-lo, mas suas pernas estavam estraçalhadas e delas corria sangue em abundância. Havia umas vinte pessoas, com ferimentos diversos, na calçada ou na rua. Alguns estavam bem, outros se arrastavam, outros tratavam de afastar os corpos que tinham caído sobre si...”

Alexandre II foi rapidamente transportado ao Palácio de Inverno. Ainda estava vivo, porém cruelmente mutilado e perdia muito sangue. Logo ao chegar, uma mulher, a esposa dele, correu em sua direção gritando: “Sacha!

Meu querido Sacha!” Era a mesma que, apenas uma hora antes, havia suplicado que ele não saísse do palácio pois seu coração a advertira de que se aproximava uma tragédia. Chamava-se Catarina “Katia” Dolgorukov e tinham se casado havia apenas um ano, embora estivessem unidos por três filhos⁹⁴ e uma longa história de amor.

Filha do príncipe Mikhail Dolgorukov e de sua esposa Vera Vishnevskaya, Katia nascera em 14 de novembro de 1847 na propriedade rural da família, não longe de São Petersburgo. Aparentemente, o primeiro encontro com Alexandre II aconteceu quando a jovem tinha somente doze anos, durante uma visita do czar ao pai dela, com quem o soberano mantinha boa amizade. Por isso, com a morte prematura do príncipe Mikhail Dolgorukov o imperador russo assumiu de bom grado o custeio da educação dos cinco pequenos príncipes Dolgorukov.

Resolveu-se que Katia e a irmã ingressariam no Instituto Smolny para Donzelas Nobres em São Petersburgo, instituição de ensino muito distinta onde se educavam as jovens de boa família. Ali ela cresceu e, já adolescente, reencontrou-se com o czar por ocasião de uma visita oficial feita por ele ao colégio. Naquela altura, Alexandre II tinha quarenta e seis anos e estava casado com Maria de Hesse-Darmstadt (Maria Alexandrovna desde a conversão desta à religião ortodoxa russa), que lhe havia dado oito filhos⁹⁵, mas não era de forma alguma um marido fiel. Sabia-se de várias amantes e conhecia-se a existência de pelo menos sete filhos ilegítimos. Katia, na ocasião, tinha apenas dezessete anos e segundo uma descrição contemporânea era “uma jovem de estatura mediana, porte elegante, pele sedosa de marfim, olhos de gazela assustada, boca sensual e sempre penteada com delicadas tranças castanhas”.

Possuía portanto todos os ingredientes necessários para agradar ao czar, que começou a visitá-la no Instituto e a convidá-la para longos passeios pelos arredores. Assim, pouco a pouco, sem pressa e talvez sem perceber, a jovem foi se apaixonando por um homem que tinha idade para ser seu pai.

Katia, porém, não estava disposta a ser mais uma das amantes de Alexandre. Em suas memórias, escritas em seu retiro na França no início do século XX,

relata as pressões exercidas sobre ela tanto por sua mãe como pela diretora do Instituto. Ambas a instavam a aceitar os galanteios do czar a fim de melhorar o status da família. Mas ela resistia. Sentia-se como uma nova Ana Bolena, impelida pela família para os braços do rei, e estava perfeitamente segura de que não queria acabar como ela, se não fisicamente decapitada, pelo menos no mais absoluto ostracismo quando Alexandre II perdesse o interesse.

No entanto, ao contrário da inglesa, mostrava-se fria na presença do czar e nunca idealizou estratégia alguma para mantê-lo a seu lado. Tampouco conseguiu distanciar-se dele, porque Alexandre II a nomeou dama de honra da czarina, a essa altura já bastante enferma de tuberculose. Era tão grave sua infecção que em 1866 os médicos da corte proibiram o soberano de manter relações sexuais com a esposa, por medo do contágio. De certa forma, na opinião de Katia, a separação imposta ao casal imperial transformava Alexandre em um homem livre, e por isso ela aceitou transformar-se em sua amante. O czar também não deixou de ver a questão dessa maneira, porque a própria Katia deixou escrito que após o primeiro encontro sexual ele havia lhe dito: “Já és minha esposa secreta. Juro que se ficar livre, casarei contigo”.

Logo se viu que a relação não era banal. O czar se comportava como um adolescente apaixonado. Instalou Katia em uma esplêndida mansão próxima ao palácio, onde nasceram seus filhos⁹⁶ e onde a visitava várias vezes por semana. Nos dias em que não o fazia os dois trocavam longas cartas⁹⁷, nas quais não faltava a linguagem cifrada das referências eróticas.

Era sem dúvida uma relação sólida, sincera e apaixonada e isso alarmou alguns setores da corte russa, que acusaram a favorita de instilar no czar ideias liberais, de conspirar para transformar-se em czarina e de meter-se em negócios escusos. É certo que Katia possuía temperamento e opiniões que de certa forma influíram em muitas decisões de Alexandre II, como por exemplo a promulgação do decreto que abrandava o regime fiscal aplicado aos camponeses russos. Mas a verdade é que ela nunca fez maquinações para obter benefícios para si ou para os seus. A maledicência a respeito da favorita chegou a um grau tão extremo que Alexandre II escreveu a sua irmã, a princesa Olga de Wurtemberg, nos seguintes termos: “Ela preferiu renunciar às diversões próprias de sua idade e dedicou a vida a me amar e cuidar de

mim, sem interferir em qualquer assunto, ao contrário do que fazem os que querem utilizar fraudulentamente seu nome. Katia vive somente para mim e se dedica à educação de nossos filhos”.

Em 1880, quando a czarina estava muito doente, Alexandre II quis que Yekaterina se instalasse no palácio de inverno junto com os filhos. A situação política do país era extremamente instável e ele temia pela segurança dela diante das alterações cada vez mais frequentes da ordem pública, com as quais os setores conservadores pretendiam cercear as medidas liberalizantes da política imperial. A czarina foi a única que não se opôs. Estava muito doente e, demonstrando integridade e magnanimidade elogiáveis, quis conhecer os filhos de Katia. Os dois maiores foram levados a ela pelo czar e a moribunda os beijou com palavras carinhosas. Poucos dias depois morreu, em 8 de junho de 1880.

Um mês depois, Katia e Alexandre contraíram matrimônio. A condição morganática da boda, no entanto, impedia que Katia se convertesse em czarina e que seus filhos tivessem qualquer direito à sucessão, mas o czar lhe outorgou o título de princesa Yurievskaya e ao mesmo tempo legitimou os filhos. O curioso é que o decreto imperial mencionava a “segunda” boda, isto é, não havia mentido quando no início da relação assegurara a Katia que ela era sua “esposa secreta”:

Ao Senado do Governo: Depois de haver entrado pela segunda vez em matrimônio legal com a princesa Ekaterina Mikhailovna Dolgurokaya, ordenamos que seja nomeada princesa Yuriyevskaya com o título de Serena Alteza. Ordenamos que o mesmo nome e os mesmos títulos sejam dados a nossos filhos: nosso filho Georgii, nossas filhas Olga e Ekaterina e também a outros que possam nascer posteriormente, e conferimos a eles todos os direitos dos filhos legítimos de acordo com o artigo 14 das leis fundamentais do Império e o artigo 47 dos Estatutos da Família Imperial. Alexandre. Tsarskoye Selo, 6 de julho de 1880.

O casamento, porém, não valia para que Katia mudasse de *status* no seio da família imperial. Ela continuou absolutamente relegada e nunca lhe foi permitido, tampouco a seus filhos, participar das cerimônias oficiais, com

exceção daquelas em que o czar intervinha diretamente e impunha sua presença. Nem sequer foi respeitada durante as exéquias de Alexandre II. Ao contrário, foi obrigada a permanecer com os filhos no átrio da igreja, proibidos de figurar na comitiva da família imperial.

Como viúva do czar ela tinha direito a residir no palácio de inverno e ao uso e gozo do restante das residências reais. No entanto, obrigaram-na a renunciar a seus direitos e em troca lhe destinaram uma nova residência, assim como uma pensão de 3,4 milhões de rublos. Farta de tanto desprezo, Katia resolveu viajar para a França e se instalou entre Paris e a Costa Azul. Curiosamente, foi uma das pioneiras na promoção da costa mediterrânea francesa como destino turístico de luxo. Ali viveu comodamente, com elevado número de empregados domésticos e dispondo de um vagão de trem exclusivo para realizar seus deslocamentos à capital. Materialmente, nunca lhe faltou nada, mas estava privada de se locomover com liberdade já que, por indicação do enteado, o novo czar Alexandre III, era continuamente vigiada pela polícia secreta russa. Paradoxalmente, quando esse assédio cessou e ela recuperou a liberdade, teve de reduzir seu nível de vida, porque a revolução bolchevique de 1917 acarretou-lhe a perda dos rendimentos procedentes da Rússia. Faleceu em Nice em 1922. Quarenta anos haviam passado desde aquele fatídico dia de março de 1881.

94 Um quarto filho havia vivido apenas durante uma hora. “Katia” era o diminutivo pelo qual o czar a chamava. Seu nome completo era Yekaterina (Catarina). Também era conhecida como Catarina Dolgorukova ou Catarina Dolgorukaya.

95 Alexandra (1842-1849); Nikolai (1843-1865); Alexander (1845-1894), que viria a ser seu sucessor; Vladimir (1847-1909), cuja descendência exerce atualmente a chefia da família Romanov; Alexei (1850-1908), Maria (1853-1920), Sergei (1857-1905) e Pavlov (1860-1919).

96 Georgii (1872-1913); Olga (1874-1925), Boris (1876) e Yekaterina (1878-1959).

97 Algumas cartas, que somam um total de mais de mil, foram publicadas em 2007.

XVIII

KATHARINA SCHRATT,
A BOA AMIGA
DO IMPERADOR DA ÁUSTRIA
(1853-1940)

Em 11 de setembro de 1853 reinava a preocupação no lar de Anton Schratt, próspero comerciante de Baden bei Wien, pequena cidade nos arredores de Viena. Sua esposa estava prestes a dar à luz e depois de três varões todos ansiavam por saber se finalmente chegaria a ansiada menina. Seus desejos não tardaram a ver-se satisfeitos. A pequena recebeu o nome de Katharina e desde o primeiro dia não foram poupados meios para sua educação e nem caprichos que a fizessem feliz. Nem sequer foram criados obstáculos quando, tendo chegado à adolescência, ela insistiu em dedicar-se à arte de Tália. Muito pelo contrário. Os pais lhe proporcionaram os estudos no Conservatório de Arte Dramática Kirchner de Viena e a aplaudiram quando, em 1872, ela estreou com um pequeno papel no Teatro da Corte de Berlim. Ainda maior foi a satisfação dos Schratt quando Kathi, como a chamavam, se apresentou em Viena um ano depois, representando o papel principal de *A megera domada*, de Shakespeare, em uma função comemorativa do 25º aniversário da coroação de Francisco José I como imperador da Áustria.

A carreira artística de Katharina Schratt não poderia ter melhor começo. No entanto, em 1879, quando ela já estava consagrada como uma das atrizes de maior prestígio da Viena imperial, resolveu afastar-se dos palcos para casar-se com um belo aristocrata húngaro, Nicolás Kiss von Itebbe. Não quis escutar quem a advertia de que seu amado era perdulário, jogador e *bon vivant*. Ao contrário, deixou-se arrastar pela espiral de uma vida cheia de luxos e diversões sem reparar que isso estava acima de suas possibilidades e que o único desenlace possível era a total bancarrota, o que os levou a contrair enormes dívidas. Decepcionada, sem ver outra saída possível, quando já havia nascido seu primeiro e único filho, Anton, Katharina se separou amigavelmente do marido e em 1881 retornou aos palcos.

Queria iniciar uma nova vida e para isso escolheu Nova York como o lugar em que voltaria ao teatro. A cidade dos arranha-céus se rendeu a seu encanto e a sua competência e ela conseguiu êxito rotundo com a comédia *Divorciemo-nos!*⁹⁸ de Victorien Sardou (1831-1908), na qual representava uma esposa traída, papel em que possivelmente se via refletida. Isso porque, apesar da separação, Katharina continuava apaixonada pelo marido, pelo

menos o suficiente para regressar a Viena e ajudá-lo a pagar dívidas com os rendimentos obtidos com seu trabalho e graças a seus muitos contatos conseguir para ele um posto secundário na carreira diplomática.

Transformou-se em atriz da moda mas como boa vienense sua maior ambição era fazer parte da companhia do Burgtheater, o teatro imperial. Era um desejo impossível de realizar-se devido a sua situação de insolvência, porque para entrar para a primeira companhia nacional de teatro era preciso possuir um passado sem manchas e isso implicava não ter dívidas pendentes. Um fervoroso admirador, Edward Palmer, com fama de dândi, foi quem encontrou a solução: iniciou uma coleta entre os amigos e juntou 23 mil florins, uma fortuna para a época. Mesmo assim, faltavam ainda 7 mil para saldar a dívida, e embora não se conhecessem pessoalmente, foi o imperador quem se encarregou da diferença, pois considerou que uma atriz de seu porte deveria ser a principal estrela do elenco vienense por excelência. Dessa maneira, aos 31 anos, Katharina Schratt se converteu em estrela do Burgtheater e de certa forma entrou na vida de Francisco José I de Áustria. Pouco depois ela iniciou uma curta e apaixonada relação com o conde Hans Wilczek, que terminou pouco antes do dia 26 de agosto de 1885, quando o elenco do Burgtheater teve de comparecer à pequena cidade de Kremsier, na Morávia, a fim de atuar nas funções organizadas para comemorar a visita do czar da Rússia à Áustria. A representação foi realizada com êxito e após o espetáculo tanto os imperadores da Áustria, Francisco José e Isabel⁹⁹, quanto o czar Alexandre III e a czarina Maria Fiodorovna¹⁰⁰ quiseram cumprimentar os atores. A partir desse momento, a vida de Katharina Schratt mudou para sempre.

Francisco José nascera em 18 de agosto de 1830 no palácio de Schönbrunn, em Viena. Tinha portanto vinte e três anos mais do que Katharina. Era bom estadista e homem metódico, sereno e ponderado, cuja figura se tornaria lendária devido à mulher singular que anos depois se transformaria em sua esposa: Isabel de Wittelsbach. Sua história de amor não fora resultado do acaso. A mãe, arquiduquesa Sofia, era irmã de Ludovica, esposa de Maximiliano da Baviera, nobre rural aparentado com a família real bávara. Um antigo projeto da família havia destinado sua primogênita, Elena, para ser esposa de seu primo, o imperador. Mas em 1854, quando ambas as famílias

se reuniram na estação balneária de Bad Ischl para acertar os detalhes do compromisso, Francisco José se apaixonou perdidamente pela irmã menor de Elena, Isabel (“Sissi”), menina de pouco mais de quinze anos. Esbelta e muito atraente, em seu rosto ovalado se destacavam os expressivos olhos castanhos esverdeados e sua esplêndida cabeleira. Porém, acima de tudo, sua naturalidade a fazia radicalmente diferente das damas da corte a que Francisco José estava acostumado.

Pouco importaram as reticências da jovem em contrair matrimônio. Ao saber que o imperador a havia escolhido como companheira de seu trono e de sua vida, Sissi sentiu-se lisonjeada e atraída pelas atenções dele, mas como era uma mulher inteligente, percebeu imediatamente o abismo intelectual e de temperamento que a separava de seu primo. Mesmo assim, sabia que o imperador da Áustria jamais admitiria uma resposta negativa.

O casamento foi celebrado em 24 de abril de 1854 na *Augustinenkirche* de Viena em meio ao entusiasmo do povo – convencido de que se tratava de um enlace por amor – e a insatisfação das classes privilegiadas que, encabeçadas pela própria mãe do imperador, temiam que aquela jovem, acostumada à vida rural, enérgica, culta e liberal, não tivesse o perfil adequado para imperatriz, cujo dever era submeter-se ao rígido protocolo da corte vienense. Não tardaram em comprovar o quanto estavam certos. A etiqueta da corte tornava impossível qualquer comportamento espontâneo e, o que era pior, impedia todo tipo de intimidade. Enquanto em outras cortes, como a britânica, a espanhola e a francesa, os monarcas mantinham uma conduta muito similar à das grandes famílias burguesas da época, na Áustria a rotina diária dos imperadores e arquiduques continuava sujeita à antiquada etiqueta imposta séculos antes pelos Habsburgo espanhóis. Isabel tinha de ser acompanhada durante as vinte e quatro horas do dia por damas de certa idade, conservadoras, formais e maledicentes que não davam oportunidade a nenhuma forma de improvisação. A jovem imperatriz se via absolutamente só em um ambiente ao qual não se sentia unida nem afetiva nem intelectualmente. Só o nascimento de suas filhas Sofia e Gisela pareceu aliviar um pouco sua decepção. A elas se juntou em 1858, o ansiado varão, Rodolfo, mas a alegria de contar com um *kronprinz* foi obscurecida pela morte, um ano antes, da mais velha das meninas, que tinha apenas três anos.

Dez anos mais tarde, em 1868, nasceu Maria Valéria, que ocuparia um lugar muito especial no coração da mãe.

A partir da morte de Sofia a vida de Isabel se converteu em uma contínua fuga de uma corte que a asfixiava. Madeira, Corfu, Trieste – qualquer lugar servia, desde que lhe permitisse ser ela mesma. Lá escrevia poemas, lia os clássicos, montava a cavalo e desfrutava da natureza, sua grande paixão. Tinha porém certo remorso por causa do abandono que o marido poderia sentir. Apesar das diferenças de temperamento, o casal imperial mantinha uma relação cordial e amistosa que, embora não pudesse ser considerada uma paixão arrebatadora, certamente se baseava em um sincero afeto e uma profunda generosidade mútua.

Por isso, ao contemplar o olhar esperançoso com que Francisco José observava Katharina, Isabel via nela um alter ego perfeito, não para substituí-la como imperatriz, mas para dar ao esposo o carinho e a companhia que ela, ainda que desejasse, não podia proporcionar-lhe. Resolvida a favorecer a relação, provocou um encontro casual em junho de 1886, no qual os três conversaram amistosamente. Pouco depois, Katharina recebeu uma carta pessoal do imperador, assinada “vosso devoto Francisco José” e acompanhada por valiosa joia.

Foi o início de uma copiosa correspondência¹⁰¹. Sem dúvida o imperador era entusiasta do gênero epistolar, pois durante as ausências de Isabel os dois costumavam trocar cartas diariamente. Nas cartas a Katharina ele se mostrava afável, respeitoso, cortês; mais próximo de um bom burguês do que de um imperador majestático. À comunicação escrita seguiu-se a presencial. No mesmo verão, em Bad Ischl, onde o protocolo era menos rígido, Francisco José e Katharina começaram a ter encontros privados e até mesmo íntimos. Transformada em sua confidente, todos os dias, de manhã e à tarde, davam curtos passeios nos quais a vitalidade, o sentido de humor e o comportamento afetuoso de Katharina eram uma injeção de vida para o imperador.

Em breve Katharina alugou uma luxuosa mansão em Viena perto de Schönbrunn e prosseguiu em suas atuações no Burgtheater, mas manteve a mesma rotina do passeio matinal precedido por um lauto café da manhã

preparado pela própria atriz em sua residência. Em troca de sua companhia, Francisco José restaurou devidamente a combalida economia de Katharina com presentes caros e uma ou outra contribuição financeira. Nessa altura a atriz se dedicava exclusivamente a comédias leves ou de salão, o que aumentou extraordinariamente sua popularidade.

Somente as turnês artísticas os separavam, pois o imperador quase não se deslocava para fora de Viena. No final do verão de 1887 Francisco José escreveu a Katharina: “Faz apenas oito dias que não te vejo e no entanto tenho a sensação de que transcorreu uma eternidade, porque é difícil acostumar-se rapidamente com a felicidade”. A que tipo de felicidade ele estaria se referindo? Nunca se soube se a relação entre ambos passou ao plano carnal. Possivelmente se tratou simplesmente de uma estreita amizade com matizes de amor platônico. Pelo menos é o que parece ser possível deduzir da carta que em 1887 o imperador escreveu a Katharina: “Pediste que te confie meus sentimentos, sabendo com total segurança o quanto te adoro [...] mas nossa relação deve continuar no futuro tal como é agora para que possa ser duradoura, e deve ser assim porque me proporciona uma felicidade imensa. Amo minha esposa e não me atreveria a romper sua confiança e a amizade que ela tem por ti. Como sou demasiadamente idoso para ser amigo fraternal, permite-me ser teu amigo paternal”.

Sempre permanecerá a incógnita de saber se, com o correr do tempo, ambos teriam acabado por manter relações sexuais ou se a comunicação continuou nos termos que a carta do imperador parece indicar. De qualquer forma, o entendimento entre os dois aumentava a cada dia, como demonstra o fato de que a partir de 1888 ele mudou o tratamento de “Distinta senhora”, como se dirigia a Katharina, para “minha verdadeira e querida amiga”. Por sua vez, a imperatriz sempre se referia a ela como a *boa amiga*. Isabel estava segura de sua ascendência sobre o marido e não via em Katharina uma rival. Pelo contrário, sentia-se tranquila ao saber que podia aproveitar sua liberdade enquanto Francisco José estivesse cuidado, protegido e esperançoso por Katharina. Esse peculiar *ménage à trois* funcionava tão bem que durante curto período de férias em Cap Martin o imperador escreveu a Katharina: “Anteontem, quando almoçávamos no Chez Piermont, a imperatriz exclamou: ‘Sinto falta de alguma coisa!’ [...] Perguntei-lhe do que sentia falta

e ela me respondeu: `Nossa *boa amiga* deveria estar aqui divertindo-se conosco`.”

Mais ainda, foi a própria Isabel quem, para fazer cessar os comentários, ofereceu aos dois o apartamento de Ida Ferenczy, sua dama de companhia, para que os encontros entre Francisco José e Katharina fossem mais discretos. Ali estava a atriz no dia 30 de janeiro de 1889, esperando a chegada do imperador, quando recebeu um bilhete de Isabel pedindo que viesse imediatamente para consolar seu marido. No pavilhão de caça de Mayerling acabara de ser encontrado o corpo sem vida do príncipe herdeiro Rodolfo¹⁰².

A tragédia foi devastadora para o imperador e desde então Isabel não foi mais do que uma sombra de si mesma. Perpetuamente enlutada¹⁰³, passou a fugir febrilmente de tudo o que tivesse a ver com a corte vienense, a qual acusava pela morte do filho. Viajava frequentemente sem qualquer rumo, sempre escondida atrás de um grande leque, véu ou pseudônimo, imaginando que assim passaria despercebida. Somente a tranquilizava saber que o marido estava em boas mãos: as de Katharina. A boa amiga se transferiu para uma residência ainda mais próxima ao palácio, de onde continuou cuidando do abalado ânimo do imperador enquanto velava pela boa gestão de sua vida doméstica. Em troca, não apenas continuou recebendo o favor de Francisco José, uma contribuição em dinheiro e delicados presentes, mas também uma vaga para seu filho Anton no prestigioso colégio Theresianum de Viena e uma promoção na carreira diplomática¹⁰⁴ para o ex-marido.

Até aquele ponto a discrição e uma certa tolerância por parte da opinião pública lhes havia permitido viver sua amizade sem sobressaltos. Mas a situação política de um império em decadência fazia enxergar perigo até mesmo onde não havia nenhum. Por volta de 1892 iniciou-se uma campanha de imprensa contra Katharina, chamando-a de “favorita” e acusando-a de enriquecer à custa do erário público, além de denunciar-lhe a vida escandalosa. As perfídias chegaram ao cúmulo quando o filho recebeu mensagens ameaçadoras no Theresianum. Com o intuito de calar todas as bocas, a própria imperatriz, que se encontrava na estação de águas de Karlsbad, convidou a atriz e o filho para tomar chá com ela em público.

Nessa altura o embaixador da Alemanha em Viena havia descrito Katharina como “deslumbrante e de aspecto incrivelmente jovem, cabeleira de ouro resplandecente e grandes olhos azuis de infinita doçura”. Olhos azuis que sem dúvida se encheram de lágrimas quando em 8 de setembro de 1898 um estilete empunhado pelo anarquista Luigi Lucheni ceifou para sempre a vida de Isabel.

A relação com o imperador continuou ainda, com uma ou outra intermitência¹⁰⁵ causada em parte pela hostilidade da arquiduquesa Maria Valeria¹⁰⁶, filha predileta de Isabel. Retirada dos palcos desde 1900, Katharina participou das cerimônias organizadas por ocasião do jubileu de diamante do imperador, em 1908. Além disso, quando o marido da atriz morreu em 1909, correu o boato de um casamento morganático que jamais chegou a se realizar.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial em 1914 e a morte de seu sobrinho e herdeiro Francisco Fernando, em Sarajevo, destroçaram definitivamente o idoso imperador. Não obstante, Katharina continuou ao lado dele, proporcionando-lhe toda sorte de atenções e com sua abnegação conquistou até mesmo o coração de Maria Valéria, sua irreconciliável inimiga. Foi ela quem, em 19 de novembro de 1916, mandou chamá-la para que se despedisse do pai agonizante. Dois dias depois, o imperador faleceu. Na antessala da câmara mortuária Maria Valéria abraçou Katharina, convidou-a a assistir às solenes exéquias de Estado e agradeceu a lealdade para com seu pai.

Ela ainda viveria um quarto de século. No entanto, a partir da morte do imperador, se manteve reclusa em sua esplêndida mansão próxima a Schönbrunn. Diversos editores lhe pediram que escrevesse suas memórias mas ela se negou, dizendo: “Não sou escritora, sou atriz e nada tenho a contar. Nunca fui uma Madame de Pompadour e tampouco uma Maintenon.” Faleceu em 17 de abril de 1940, quando a Áustria se encontrava sob ocupação nazista. Com ela terminava toda uma época, na qual Viena e o mundo inteiro haviam dançado ao compasso de uma valsa.

98 *Divorçons!* (1880).

99 Popularmente conhecida como Sissi.

100 A princesa Dagmar da Dinamarca adotara o nome de Maria Fiodorovna ao converter-se à religião ortodoxa.

101 As cartas, conservadas nos arquivos dos descendentes de Anton Kiss, filho de Katharina, foram compiladas e publicadas em várias ocasiões desde a morte de sua destinatária. No entanto, não se guardaram as que ela enviou ao imperador.

102 Rodolfo apareceu morto no pavilhão de caça de Mayerling junto com sua amante Maria Vetsera. Tradicionalmente se afirma que foi um pacto de suicídio mas estudos recentes apontam a possibilidade de um crime de Estado devido às ideias liberais do *kronprinz* e à existência de uma conspiração contra o imperador.

103 Somente trocou o negro pelo cinza por ocasião do casamento da arquiduquesa Maria Valeria.

104 Durante alguns anos ele foi vice-cônsul em Barcelona.

105 Ao que parece, entre 1900 e 1901 o contato entre ambos foi interrompido.

106 Maria Valeria qualificava a relação entre Katharina e seu pai como “infeliz assunto” e quando se referia à atriz a chamava “essa desagradável Schratt”.



XIX

MADAME LUPESCU

(1895-1977)

Em fins de 1923, um jovem oficial do exército romeno passeava na cidade de Jassy, no norte do país, quando se deteve diante da vitrine de uma loja de roupas usadas. Olhava distraidamente mil e um artigos de pouco valor quando entre os objetos apareceu um rosto encantador ornado por atraente cabeleira ruiva, sorrindo para ele. O transeunte se chamava Carlos de Hohenzollern-Sigmaringen e era o herdeiro da coroa da Romênia. A bela aparição era Magda Wolf, a mulher que iria custar-lhe o trono.

Carlos tinha sido mandado pelo pai para aquela pequena cidade provinciana do país a fim de afastá-lo da corte de Bucareste. Era a solução que Fernando I da Romênia havia encontrado para abafar o escândalo produzido pelo matrimônio morganático de seu primogênito com a formosa Joanna Maria “Zizi” Lambrino, (1898-1953) donzela filha de um coronel do exército por cujo amor o jovem príncipe havia desertado do exército em plena Primeira Guerra Mundial a fim de cruzar a fronteira russa e contrair clandestinamente matrimônio em Odessa (Rússia). Escusado dizer que um ano depois do fim do conflito o casamento havia sido anulado e o rei condenara publicamente seu herdeiro sob a acusação de ter sido “indigno de sua alta missão”. Como castigo, desterrara Carlos à região dos Cárpatos enquanto Zizi Lambrino era proibida de voltar a pisar em território romeno, embora lhe tenha sido outorgada uma esplêndida pensão, aumentada em 1920 quando nasceu seu filho Mircea.

Pouco depois do *affaire* Lambrino, em uma tentativa desesperada de conseguir que o filho e herdeiro assentasse a cabeça, Fernando I da Romênia ajustou o casamento dele com a princesa Elena da Grécia (1896-1982). A boda se realizou em 1921 e sete meses depois nasceu um filho prematuro, Miguel, que viria a ser coroado como último rei da Romênia.

O matrimônio estava destinado a fracassar. O fegoso temperamento do príncipe contrastava com a conduta recatada e fria da esposa, que acreditou ter cumprido sua missão ao dar à luz o herdeiro e desde então passou a viver afastada do marido. De fato, não lhe faltavam motivos para isso, porque eram de conhecimento geral os múltiplos romances de Carlos com mulheres de

toda classe e condição e especialmente o comentado idílio com a bailarina Mireille Marco-Vici, que lhe deu mais um filho, Mirel.

Não admira, portanto, que para dar fim a sua escandalosa conduta o rei enviasse seu herdeiro à província, e especificamente a Jassy. Fernando e Maria da Romênia¹⁰⁷ não imaginavam porém, que exatamente naquela localidade o filho fosse encontrar a mulher que na opinião de muitos viria a ser sua perdição.

A bela desconhecida que o príncipe entreviu atrás da vitrine de Jassy se chamava Magda-Elena Wolf, embora preferisse o nome de Elena Lupescu. Seus pais, um judeu de origem alemã que havia “romenizado” o sobrenome para Lupescu¹⁰⁸, e uma bailarina de etnia cigana, residiam em Jassy, onde haviam aberto um bazar de objetos de segunda mão e onde, em 15 de setembro de 1902, nasceu a filha Magda.

Mais do que bela, Elena Lupescu era extraordinariamente atraente e apesar de sua juventude dominava as artes da sedução com assombrosa habilidade. Tanto que poucas semanas depois, quando Carlos regressou à corte de Bucareste, a jovem Lupescu já o acompanhava na qualidade de amante. A princípio acreditou-se que se tratasse de uma nova aventura do jovem herdeiro. No entanto, o idílio foi progredindo até tornar-se de domínio público e chegar à imprensa, que imediatamente se ocupou dos amores vulcânicos do príncipe Carlos com a explosiva ruiva. Tanto se indagou a respeito dela que um competente repórter da então recatada imprensa cor-de-rosa descobriu que Magda-Elena Lupescu era casada havia três anos com um militar de sobrenome Tampeanu, de quem nunca mais se teve notícia.

Nada disso importava a Carlos, tampouco que sua esposa Elena se retirasse para o campo com o filho Miguel ou que, como reação à partida da princesa consorte, o pai expulsasse Lupescu do país. Com a desculpa de assistir às exéquias da rainha-mãe da Inglaterra¹⁰⁹, Carlos saiu da Romênia para encontrar-se com sua amante em Paris. Da capital francesa enviou ao pai uma carta na qual acrescentava sua renúncia a todos os direitos de sucessão. Possivelmente pensou que o rei não o aceitaria e que sua aventura acabaria sem maiores consequências, como havia ocorrido com Zizi Lambrino, e que

sua adorada Elena terminaria por compartilhar a coroa. Enganava-se. Fernando I não apenas aceitou a renúncia mas ela foi além disso acolhida com júbilo por um amplo setor político, ao mesmo tempo em que o pequeno Miguel, filho de Carlos, era reconhecido como herdeiro.

Era janeiro de 1926. Um ano depois, quando Fernando I morreu, Miguel foi entronizado como soberano da Romênia, mas como tinha somente seis anos, foi instituído um conselho de regência. A opinião pública, porém, é mutável e após dois anos de hesitações o clamor popular obrigou o primeiro ministro a convocar Carlos para ocupar o trono, mas com a condição de que Madame Lupescu não voltasse a pisar em terra romena.

O apaixonado casal pareceu aceitar o que o destino lhes impunha, mas nem por isso deixaram de usar as cartas de que dispunham. Em Paris, Magda organizou uma conferência de imprensa na qual assegurou que, apesar da distância, nada e ninguém poderia destruir o amor que ela e o rei sentiam um pelo outro. Afirmou que não poderia suportar a dor causada por sua ausência e até mesmo coroou a performance com um desmaio bem calculado. Por sua vez, Carlos insistia em dizer a seus ministros que não poderia governar sem ter a amada junto a si. Em consequência, três semanas depois a favorita regressou a Bucareste, a rainha Elena abandonou o país e o primeiro ministro pediu demissão.

Começaram as manifestações contra Madame Lupescu – como ela se fazia chamar – a quem apelidaram de “Loba judia” Chegou-se até mesmo a queimar sua imagem em público, mas Magda, impávida, não apenas permaneceu junto a Carlos como também começou a intervir em política e a distribuir sinecuras entre os mais chegados.

Cresceram os protestos na Romênia, fiel reflexo da Europa do período entre as duas grandes guerras. A *Garde de Fer* (“Guarda de Ferro”) organização semelhante às falanges nazistas, a transformou em vítima de seu antissemitismo e chegou mesmo a um atentado contra sua vida, embora a sorte a tenha livrado das balas que se incrustaram na carroceria do automóvel e inclusive atravessaram sua bolsa de mão. Ferida em seu orgulho, ela influenciou decisivamente sobre Carlos para que este expandisse seus poderes e em 1938,

após declarar nulas as eleições, ele acabou se transformando em ditador coroado. Para reforçar sua posição, criou as *Straja tarii* (“Milícias da Pátria”) organização de índole ultradireitista. De nada adiantou; em setembro a Guarda de Ferro irrompeu no palácio exigindo a abdicação de Carlos em favor de seu filho Miguel, que foi novamente proclamado rei.

Em troca, foi permitido a Carlos II, uma vez destronado, sair do país com seus bens pessoais. Ele assim fez, mas acrescentou à bagagem objetos e joias de grande valor, além de reservas de ouro e dinheiro do tesouro público, famosos quadros de Ticiano e um ou outro de El Greco. Não encontrou qualquer objeção para fazê-lo. No entanto, ninguém estava disposto a concordar que Magda Lupescu saísse do país. Convencidos de que, apesar da proibição, ela estava acompanhando o rei, um grupo de cidadãos se dirigiu à fronteira com a intenção de deter o trem em que viajava o soberano deposto. Ao ser informado disso, Carlos não teve ideia melhor do que a de esconder Magda dentro de uma banheira portátil e sentar-se em cima dela até cruzar a fronteira.

A partir de então Carlos e Magda iniciaram uma vida frenética, cheia de luxo, divertimento e frivolidade, viajando por toda a América e percorrendo diversos países da Europa. Tudo pareceu desmoronar quando em 1947, durante uma estada no Rio de Janeiro, Magda foi diagnosticada com leucemia. Certo de que ela se encontrava às portas da morte e como seu divórcio da rainha Elena já havia acontecido, Carlos concordou em casar-se com ela. Subitamente, após o matrimônio, a enferma recuperou a saúde. Anos mais tarde descobriu-se que ele havia pago cem mil cruzeiros a um analista de laboratório para que trocasse a amostra de sangue de um paciente com leucemia pela do espécime que ela havia entregado. Obviamente, um médico certificou a enfermidade – e a cura posterior. Cem mil cruzeiros devem ter parecido muito pouco à filha de um humilde vendedor de roupa usada para com isso conseguir o passaporte para cruzar o mundo como Sua Alteza a Princesa Elena-Magda de Hohenzollern.

Já como marido e mulher, Carlos e Magda se retiraram para uma luxuosa mansão em Estoril (Portugal), onde continuaram com sua agitada vida social e frequentaram os demais soberanos exilados que se encontravam na cidade

portuguesa: os reis da Bulgária, a família real italiana, os condes de Barcelona, os condes de Paris e seus filhos...

Em 1953, o rei Carlos II sofreu um infarto do miocárdio e faleceu repentinamente. Desde aquele momento, Magda Lupescu iniciou uma corrida febril para conseguir o reconhecimento de seu status¹¹⁰ diante das reivindicações do legítimo herdeiro, Miguel, a essa altura também exilado, que se via privado de uma herança a que tinha direito. O mesmo fez Mircea Lambrino, sem obter resultado.

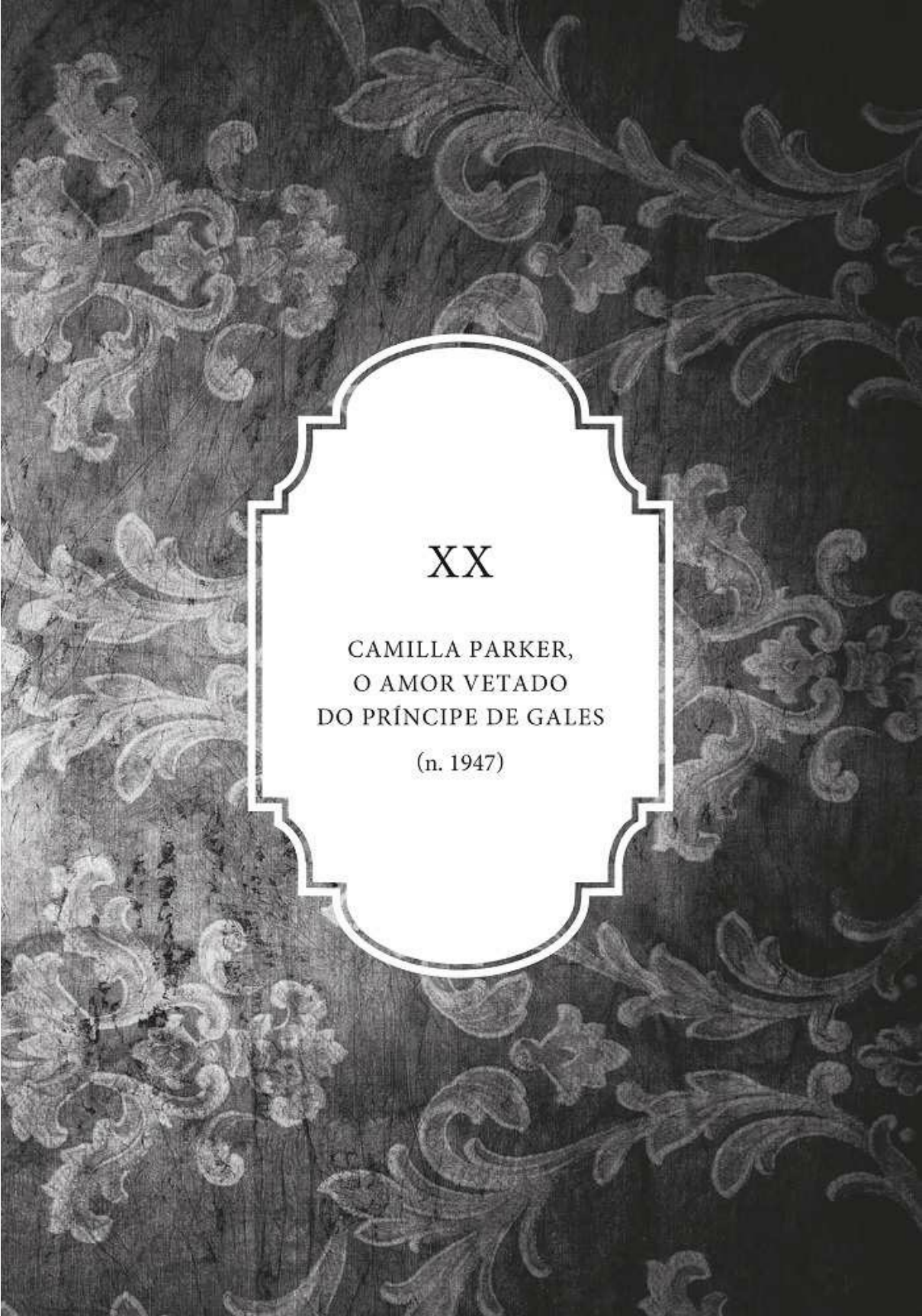
Magda Lupescu sobreviveu ao rei Carlos durante vinte e quatro anos. Não voltou a pisar em terra romena. Somente voltou a seu país quando, em 2003, seu corpo foi repatriado de Lisboa a Bucareste junto com o do rei Carlos, especificamente da basílica de São Vicente de Afora, onde haviam sido enterrados, para o tradicional mausoléu dos reis romenos, na Valáquia. Não obstante, os restos de Madame Lupescu não repousam eternamente junto aos do homem que tinha sido rei da Romênia. Enquanto Carlos II foi sepultado no panteão real do mosteiro em Curtea de Arges, Elena foi enterrada no cemitério do mosteiro, muito longe da capela real em que, contra o que ela argumentava, não tinha direito a ficar.

107 Maria da Romênia (1875-1938) era neta da rainha Vitória da Inglaterra. Inteligente e preparada, foi a artífice do alinhamento da Romênia com os Aliados durante a Primeira Guerra Mundial.

108 *Lupescu*, em romeno, é a tradução de *Wolf*, “lobo”.

109 Alexandra da Dinamarca, viúva de Eduardo VII.

110 Baseava-se em ter contraído matrimônio segundo o rito religioso ortodoxo em Lisboa, em 1948.



XX

CAMILLA PARKER,
O AMOR VETADO
DO PRÍNCIPE DE GALES

(n. 1947)

No dia 29 de julho de 1981 o mundo inteiro observava atentamente o que estava ocorrendo na Catedral de São Paulo, em Londres. Naquele dia celebrava-se o casamento de Charles, príncipe de Gales e herdeiro da coroa britânica, com a jovem aristocrata Diana Frances Spencer. Havia somente uma convidada na ampla nave que parecia estar alheia à comemoração, justamente a mulher que na noite anterior estivera em companhia do noivo: Camilla Parker Bowles.

Camilla tinha certeza do amor do príncipe de Gales por ela, mas estava resignada a ser “a outra”. Sabia perfeitamente que não podia aspirar a ser mais do que isso – era casada e católica – e que o casamento com Diana era uma pantomima destinada a assegurar a sucessão. Talvez ela tenha se perguntado se em algum momento Charles, a fim de cumprir seus deveres de Estado, não poderia ter-se casado com uma mulher menos bonita e menos jovem do que Diana, mas, sabendo que tudo aquilo se devia a uma manobra da rainha-mãe¹¹¹, aceitou. Mais do que isso, convenceu Charles de que Diana era a mulher que convinha tanto a ele quanto à coroa.

Charles de Gales e Camilla Parker Bowles tinham se conhecido em 1970, quando ela era ainda Camilla Shand e acabava de terminar seus estudos na Suíça e na França. Ao fim de uma partida de polo Camilla se dirigiu ao príncipe com sua habitual espontaneidade, dizendo:

– Sabe, Alteza, que minha bisavó Alicia Keppel foi amante do rei Eduardo VII¹¹²?

Evidentemente, a pergunta tinha todos os ingredientes para converter-se em um convite para um flerte e Charles não duvidou, acolhendo a provocação. Desse modo tão simples iniciou-se uma longa história de amor cheia de dificuldades e interrupções, mas com final feliz.

Camilla tinha nascido no hospital do King’s College de Londres, em 17 de julho de 1947. É portanto um ano mais velha do que Charles, que nasceu no palácio de Buckingham, em Londres, em 1948. Filha de um herói da Segunda Guerra Mundial, o comandante Bruce Shand (1917-2006) – ex-oficial do

exército britânico transformado em comerciante de vinhos – e de Rosalind Cubitt (1921-1994), a mais velha das três filhas do terceiro barão de Ashcombe, havia sido batizada segundo o rito católico em 1º de novembro de 1947 em Sussex, a mesma cidade na qual prosseguiu os estudos primários completados na Queen's Gate em Kensington (Londres). Sem ser uma mulher bela, sempre possuiu muito encanto. Alegre, extrovertida, descomplicada, tem conversação agradável e grande senso de humor. Desde sempre adorava o campo e os cavalos, duas paixões compartilhadas com o príncipe Charles e que serviram para fortalecer ainda mais a união entre ambos.

Não admira, portanto, que desde seu primeiro encontro com o herdeiro britânico a imprensa romântica a indicasse como boa candidata ao trono. No entanto, sua condição de católica romana tornava quase impossível o casamento, porque o monarca da Grã Bretanha é o chefe da igreja anglicana. Convencida, assim, de que sua relação com o príncipe Charles não poderia chegar a um porto seguro, em 1973 ela resolveu aceitar a proposta de casamento do major Andrew Henry Parker Bowles, um amor da adolescência. Rompeu então os vínculos amorosos com Charles de Gales, embora ambos preservassem uma boa amizade, como demonstra o fato de que o próprio príncipe foi padrinho do filho mais velho de Camilla, Thomas Henry Charles¹¹³ (n.1974).

É difícil saber em que momento e de que maneira Charles e Camilla recomeçaram sua história de amor. Tudo indica que foi em 1979, quando depois de reencontrá-la em uma festa e dançar a noite inteira, Charles pediu-lhe que se divorciasse e se casasse com ele. Sensatamente, Camilla o recusou: sabia que sua condição impossibilitava o casamento e não estava disposta a que Charles renunciasse a sua posição de sucessor à coroa, mas desde então não deixaram de frequentar-se, compartilhando numerosos fins de semana. Oficialmente eram grandes amigos, mas sabe-se com certeza que já eram amantes em 1981, quando Charles contraiu matrimônio, e que Diana não demorou muito a descobrir a traição. Diz-se que pouco depois do casamento, durante um banquete no qual as duas estavam presentes, Camilla indagou-lhe: “Todos os homens do mundo estão apaixonados pela princesa de Gales. O que mais se pode querer?” Diana respondeu: “Meu marido”.

Nessa altura já havia nascido Harry¹¹⁴, o segundo filho de Charles e Diana. Mas ela, conhecida por todos como Lady Di, já não era feliz. As diferenças de caráter entre o casal se tornavam cada vez mais evidentes. Diana gostava da vida urbana, de dançar, de música rock, aborrecia-se tremendamente no campo e estava muito longe de poder ser considerada uma intelectual. Carlos era amante da arte, gostava do campo e da vida ao ar livre, era bom leitor e excelente conversador, qualidades e predileções que compartilhava com Camilla mas das quais Diana estava muito distante. O casamento, portanto, estava condenado ao fracasso, especialmente porque Diana não estava disposta a suportar “um casamento a três”, como ela própria expressou diante das câmaras. Para sermos justos, devemos dizer “a quatro”, porque naquele tempo ela vivia um longo romance com seu professor de equitação, um militar chamado James Hewitt.

Apesar dos esforços do palácio de Buckingham para abafar a situação, não foi possível guardar segredo sobre o distanciamento entre os príncipes de Gales. A partir de 1987 a imprensa sensacionalista britânica começou a divulgar a existência de uma inevitável crise matrimonial entre os herdeiros do trono. Finalmente, em maio de 1992, surgiram os rumores de separação nos meios de comunicação. Aconteceu o que ninguém esperava: a relação entre Charles e Camilla veio à tona por meio da transcrição em uma revista australiana, *New Idea*, de uma conversa telefônica entre ambos no dia 18 de dezembro de 1989. A duração total era de seis minutos, mas os jornais britânicos só publicaram um trecho, que rapidamente deu a volta ao mundo¹¹⁵:

Camilla: Mmmm. Você é muito bom *sentindo*.

Charles: Ah, para! Eu quero sentir você toda, pra cima e pra baixo, pra dentro e pra fora...

Camilla: Ah!

Charles: Especialmente pra dentro e pra fora!

Camilla: Ah. É exatamente disso que eu preciso no momento.

Charles: É mesmo?

Camilla: Eu sei que iria me animar. Não consigo suportar uma noite de domingo sem você.

Charles: Meu Deus.

Camilla: É como aquele programa “Começa a semana”. Não posso começar a semana sem você.

Charles: Eu encho o seu tanque!

Camilla: Sim, você enche.

Charles: Aí você consegue aguentar.

Camilla: Aí eu fico bem.

Charles: E eu? O problema é que eu preciso de você várias vezes por semana.

Camilla: Mmmm, eu também. Eu preciso de você a semana toda. O tempo todo.

Charles: Meu Deus. Eu vou simplesmente viver dentro das suas calças ou algo assim. Seria tão mais fácil!

Camilla: Em que você vai se transformar, numa calcinha? Ah, você vai reencarnar como uma calcinha.

Charles: Ou, Deus me livre, um Tampax. Que sorte a minha!

Camilla: Você é muito bobo. Ah, que ideia maravilhosa.

Charles: Que sorte ser jogado no vaso e ficar girando, girando para sempre, sem nunca descer.

Camilla: Ah, querido!

Charles: Até que venha o próximo.

Camilla: Ah, talvez você pudesse ser uma caixa.

Charles: Que tipo de caixa?

Camilla: Uma caixa de Tampax, para você poder continuar vindo.

Charles: É verdade.

Camilla: Ah, querido, eu quero você agora.

Charles: É mesmo?

Camilla: Mmmmm.

Charles: Eu também!

Camilla: Desesperadamente, desesperadamente.

Depois da publicação de uma conversa como a que foi transcrita não havia lugar para dúvidas sobre o tipo de relações entre Charles e Camilla. O escândalo foi imenso. O MI-5, serviço secreto britânico, foi acusado de haver gravado e difundido as comprometedoras conversas telefônicas e nem sequer a negação do primeiro ministro britânico, John Major, conseguiu calar o falatório. A reputação dos herdeiros do trono britânico ficou muito prejudicada principalmente porque Diana também foi à imprensa para dar sua versão da crise e entre as três fitas publicadas havia outra que reproduzia uma conversa da princesa com outro possível amante, James Gilbey.

O “Camillagate”, como foi chamado popularmente, também permitia suspeitar de uma ampla conspiração política que provocou uma declaração de Lord Rees-Mogg, ex-proprietário do *The Times*: “Creio que as três fitas (além das duas mencionadas havia uma terceira, que supostamente dizia respeito aos duques de York¹¹⁶) indicam que deve haver uma vigilância proposital sobre a família real. O que me pergunto é se isso faz parte de uma operação de segurança, se a família real era espionada de acordo com um programa do MI-5 e se de alguma maneira as gravações foram filtradas”.

Era preciso dar um ponto final à situação. Em 1994, os príncipes de Gales se separaram oficialmente e logo depois deflagrou-se uma autêntica guerra de acusações mútuas, inclusive entrevistas dos dois, nas quais Diana detalhava seu sofrimento durante os anos do casamento mas deixava claro seu temperamento instável e sua frágil saúde psicológica. Finalmente, em 12 de julho de 1996 o divórcio dos príncipes de Gales se tornou público. Apenas um ano depois, em 30 de agosto de 1997, a morte de Diana de Gales em um acidente de automóvel na ponte de l'Alma, em Paris, emocionou o mundo.

Ainda não havia chegado a hora de Camilla. O mundo inteiro a acusava de ter sido a causa do sofrimento de Diana, que era chamada “a princesa do povo”, enquanto a monarquia britânica, devido a sua fria reação pela morte da antiga princesa de Gales, era questionada como nunca. Diana estava morta mas havia nascido um mito, e mitos são rivais indestrutíveis.

Charles, porém, não se amedrontou. Camilla era divorciada desde 1995 e já não havia motivo para esconder-se. Pouco a pouco, ela começou a aparecer

em atos oficiais mas ninguém pensava em um novo matrimônio. Se, no futuro, Charles ocupasse o trono, iria ser, além disso, Governador Supremo da Igreja da Inglaterra. Sem dúvida a abertura das Igrejas Católica e Anglicana permitia a união, mas a hierarquia eclesiástica, amplos setores políticos e a opinião pública consideravam escandaloso o casamento do herdeiro com uma mulher que mantivera relações com ele enquanto ambos eram casados.

Não obstante, todas as dificuldades acabaram por ser superadas e em 2005, o palácio de Buckingham anunciou o compromisso nupcial de Charles e Camilla, filtrando a informação de que para isso contavam com a aprovação dos príncipes William e Harry, a fim de calar possíveis desconfianças da opinião pública. No comunicado se anunciava, além disso, que Camilla receberia o título de duquesa da Cornualha, com tratamento de Alteza Real, e de duquesa de Rothesay na Escócia, mas nunca seria chamada princesa de Gales, em sinal de respeito à memória de Diana.

A dupla cerimônia se realizou no dia 9 de abril de 2005. Primeiro, um curto casamento civil na prefeitura de Windsor, seguido por um ofício religioso na capela do castelo. Ao ato jurídico assistiram os amigos íntimos do casal, os irmãos e os filhos. No total, umas trinta pessoas puderam ver Camilla radiante, com um vestido *off-white*, de Anna Valentine e um espetacular arranjo de cabeça com grandes plumas. Logo depois, na capela de São Jorge, apareceu vestida de seda azul, coberta com uma capa longa bordada a fios de ouro e pequenas lantejoulas, assinada pelo também britânico Robinson Valentine. Sóbria, porém elegante, serena mas emocionada, não deixou de sorrir nem sequer quando, após receber a bênção do primaz da Igreja da Inglaterra, foi-lhes exigido que pedissem perdão público por seus pecados anteriores.

Terminada a cerimônia, Charles e Camilla posaram sorridentes ao pé da escadaria na entrada da capela, diante dos que os saudavam agitando bandeiras britânicas. Em seguida, nos salões de Estado do castelo, a soberana britânica presidiu a recepção para todos os convidados.

Assim culminavam três décadas de amor. Camilla, porém, tinha diante de si a tarefa mais difícil: conquistar o povo britânico. No dia seguinte ao casamento foi publicada uma pesquisa em que apenas 58% dos entrevistados aprovavam o enlace. Camilla se negou a ser o tema de uma campanha de imprensa a seu favor: resolveu que ela mesma deveria conquistar o povo que algum dia, provavelmente, será o seu. Atualmente o casal está plenamente aceito pelos britânicos. Talvez porque, ao longo destes oito anos, ficou demonstrado que Camilla é a única mulher capaz de fazer com que brilhe sempre no rosto do príncipe Charles uma expressão de profunda felicidade.

p

111 Elizabeth Bowes Lyon (1900-2002) foi esposa do rei George VI e, como tal, rainha consorte do Reino Unido. Após a morte do marido em 1952 e a coroação da filha Elizabeth II, foi-lhe outorgado o tratamento de rainha-mãe.

112 Eduardo VII foi o tetravô de Charles da Inglaterra.

113 Em 1978 nasceu a segunda dos filhos de Camilla, Laura Rose.

114 Em 15 de setembro de 1984. William, que o precedeu, nasceu em 21 de junho de 1982.

115 Trecho da conversa publicado pelo jornal *El País* em 14 de janeiro de 1993.

116 Andrew, duque de York, é irmão de Charles da Inglaterra e na época estava casado com Sarah Ferguson, união que também terminou em divórcio em 1996.

BIBLIOGRAFIA

AUSTRIA, María Valeria: **La prediletta. Il diario della figlia di Sissi.** Trieste, MGS Press, 2001.

AUTHEMAN, Marc: **Agnès Sorel: l'inspiratrice.** París, Ramsay, 2007.

BALANSÓ, Juan: **“Madame Lupescu” em Historia y Vida**, Extra 7 págs 143-150, 1976.

BERGAMINI, John: **The Tragic Dynasty: A History of the Romanovs.** Old Saybrook, Konecky and Konecky, 1969.

CALDERÓN, E.: **Amores y desamores de Felipe II**, Madri, Editorial Cirene, 1991.

CASO, Ángeles: **Elisabeth de Austria-Hungría.** Álbum Privado. Barcelona, Planeta, 1997.

_____ **Las olvidadas**, Madri, Planeta, 2005 .

CASTELOT, André: **“Diana de Poitiers, la de la eterna juventud” em Historia y Vida**, Extra 7: págs.30-40, 1976.

_____ **“Lola Montès” em Historia y Vida**, Extra 7, págs.115-123, 1976.

CASTRIES, René: **Madame du Barry.** Paris, Hachette, 1967.

CRAVERI, Benedetta: **Amantes y reinas: el poder de las mujeres.** Madrid, Siruela, 2007.

D'ORNANO, Antoine: **Marie Walewska, l' epouse polonaise de Napoleon,** Paris, Hachette, 1937.

DOUSSINAGUE, J.M.: **Fernando el Católico y Germana de Foix. Un matrimonio por razón de Estado.** Madrid, Espasa-Calpe, 1944.

DUQUESNE, Robert: **Vie et Aventures galantes de la belle Sorel**. París, Albin Michel, 1909.

_____ **El affaire Dolgoruki: una zarina sin corona** en <http://nobleyleal.blogs-pot.com>

FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, M.: **Carlos V. Un hombre para Europa**. Madri, Espasa-Calpe, 1999.

_____ **Felipe II**, Madri, Espasa-Calpe, 2010.

FIGUEIREDO, Antero de: **Leonor Teles “flor de altura”**, Instituto Portugal-Brasil, Lisboa, 1936.

FUENTE, María Jesús: **Reinas medievales en los reinos hispánicos**. Madrid, La Esfera de los Libros, 2004.

GALLET, Danielle: **Madame de Pompadour ou le pouvoir féminin**. Paris, Fayard, 1985.

GARCÍA TORAÑO, Paulino: **El rey D. Pedro I el Cruel y su mundo**. Madri, Marcial Pons, 1996.

GOLDSMID, Edmund: **A King's Mistress: Or, Charles VII & Agnes Sorel**. Volumes 1-2. Charleston, Nabu Press, 2010.

GRIFFIN, Susan: **Las cortesanas**, Buenos Aires, Gedisa, 1985.

HASLIP, Joan: **The Emperor & the Actress: The Love Story of Emperor Franz Joseph & Katharina Schratt**. Londres, Littlehampton Book Services Ltd. 1982 <http://mcn.biografias.com>, <http://mujeresdeleyenda.blogspot.com.es/> <http://wikipedia.com>

JANSSENS, Jacques: **“María Walewska, la esposa polaca de Napoleón” em Historia y Vida**, Extra 7, págs.105-133, 1976.

KENT, Princess Michael de: **Diana de Poitiers y Catalina de Médicis, rivales por el amor de un rey**. Madri, La Esfera de los libros, 2005

KÜRENBERG, Joachim von: **Carol II und Madame Lupescu**. Berlim, Athenäum Verl, 1952

LEONIE, Frieda: **Catalina de Médicis**. Madri, Siglo XXI, 2006. LEVER, Évelyne: **Madame de Pompadour**, Paris, Perrin, 2003.

LUJÁN, Néstor: **“Dos escudos por una noche: Verónica Franco”**, em **Historia y Vida**, nº 118, 1978

LUSTOSA, Isabel: **D. Pedro I. São Paulo**, Companhia das Letras, 2006.

MARCH, J.M.: **Niñez y juventud de Felipe II**. Documentos inéditos. Madri, Ministerio de Asuntos Exteriores, 1941.

MARQUES DUARTE, Manuel: **Leonor Teles: ensaio biográfico**. Porto, Campo das letras, 2002

MARTÍNEZ LLAMAS, A.: **Felipe II, el hombre**. Madri, Ediciones del Lobo Sapiens, 2009.

MAUERSBERG, Adam: **Maria Walewska**. Ateneum, Warsaw 1938.

MERINO, Ignacio: **Amor es rey tan grande**. Madri, Punto de lectura, 2002 (romance).

MORO, Javier: **El imperio eres tú**, Barcelona Planeta, 2011 (romance).

PARKER G.: **Felipe II, la biografía definitiva**, Barcelona, Planeta, 2011.

PINILLA, R. **Valencia y doña Germana**. Valencia, Generalitat Valenciana, 1994.

QUERALT DEL HIERRO, María Pilar: **Eu, Leonor Teles**, Lisboa, La esfera de los libros, 2006 (romance).

_____ **Mujeres de vida apasionada**. Madri, La esfera de los libros, 2010.

_____ **Las mujeres de Felipe II**. Madri, EDAF, 2011.

RANGEL, Alberto. **Cartas de D. Pedro I à marquesa de Santos**. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1985.

ROMERO FIOL-PRATS, “**Manuel Katharina Schratt, Elisabeth y Francisco José**” em **Historia y Vida** Extra 88, 1998.

ROSENTHAL, Margaret F. **The honest courtesan, Verónica Franco, Citizen and writer in sixteenth-Century**. Venice .The Chicago University Press, 1992